cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO MUSEU GOELDI

Elementos demográficos do Alto Paru de Oeste

Protásio Frikel
Roberto Cortez

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

Entregue para publicação em 28/1/72.
Publicado em 1/12/72

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Elementos demográficos do Alto Paru de Oeste, Tumucumaque Brasileiro

Índios Ewarhoyána, Kaxúyana e Tiriyó

Protásio Frikel
Roberto Cortez
Museu Goeldi, Bolsistas do CNPq

MG
505
21
ex. 2

PUBLICAÇÕES AVULSAS N.° 19

1972
BELÉM - PARÁ - BRASIL

SciELO

MUSEU PARAENSE "EMILIO GOELDI"
DATA
8/1/75

ÍNDICE

NOTAS INTRODUTÓRIAS 5

OS EWARHOYÁNA 8

- Notícia histórica 8
- População 10
- Concepções 12
- Genealogia e casamentos 13

OS KAXÚYANA 19

- Notícia histórica 19
- População 21
- Genealogia 24
- "Estado Civil" 29
- Concepções 31
- Mortalidade 33

OS TIRIYÓ 36

- Notícia histórica 36
- Histórico populacional 37
- População da aldeia do Paru de Oeste, em 1959, 1968 e 1970 40
- "Estado Civil" 50
- Concepções 56
- Espaçamento entre os nascimentos 61
- Mortalidade 64
- Nascimentos, falecimentos e sobreviventes no decênio 1960 - 1970 66

SciELO

COMPARAÇÕES E CONCLUSÕES 73

População 74

Fertilidade 80

Espaçamento entre os nascimentos 83

Mortalidade e sobrevivência 84

Tipos de casamentos e Raios das Áreas de Cruzamento 86

Eventual população futura Tiriyó 89

APÊNDICE I — Parentesco classificatório Tiriyó e tipos de casamentos 91

APÊNDICE II — Casos de possível esterilidade 100

BIBLIOGRAFIA CITADA 102

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Apresentamos neste trabalho dados demográficos da área do Tumucumaque Brasileiro, coletados entre três grupos indígenas, os Ewarhoyána, os Kaxúyana e os Tiriyó, localizados no alto Paru de Oeste com a Missão Franciscana ali existente. As referências mostram a situação populacional desses grupos até o dia 31 de março de 1970, quando foi encerrado o levantamento feito nos meses de janeiro, fevereiro e março. Todos os elementos estatísticos concernentes a estes índios foram coletados em pesquisa de campo por Protásio Frikel, e elaborados e analisados em colaboração com Roberto Cortez (*).

Trata-se de um estudo essencialmente demográfico. Ficaram excluídos, portanto, cálculos e considerações mais puramente genéticos. Dos cálculos feitos pelos geneticistas procuramos aqueles que, dada a natureza das informações, estivessem mais diretamente relacionados com a situação sócio-demográfica do grupo.

O levantamento do material informativo realizou-se por contato direto com os índios e à base de uma ficha simplificada (tipo recenseamento) onde constavam : os nomes individuais, indígenas e "civilizados"; denominação da "tribo"/grupo e do subgrupo; sexo, idade, local de nascimento; parentesco ascendente; pais, avós paternos e maternos; o "estado civil", se o indivíduo era solteiro, casado, "viúvo" ou separado; o número de filhos ainda vivos, filhos já falecidos e os casos de abortos, segundo o sexo; gêmeos e, conforme o caso, notas esclarecedoras sobre casamentos poligínicos, casos de provável esterilidade etc.

Para uma compreensão mais correta dos dados e das tabelas, antecipamos as definições de alguns conceitos e sua aplicação :

Faixas etárias — As avaliações das idades são apresentadas em classes etárias de cinco anos, como é de costume. Exceções, quanto a casos particulares, serão anotadas nos respectivos lugares.

(*) — Agradecemos as revisões, críticas e sugestões feitas pelos geneticistas Francisco Salzano e Manoel Ayres, e pelo antropólogo Eduardo Galvão.

Mulheres prolíficas — Consideramos prolíficas aquelas mulheres que, por ocasião do levantamento das informações, já tinham tido "pelo menos um filho nascido vivo" (Salzano & Freire-Maia, 1967 : 49).

Concepções — Aplicamos como unidade de prolificação o termo "concepção" por ser mais amplo, abrangendo não somente os filhos nascidos vivos como também os abortos e natimortos. A inclusão de abortos mostra, em termos de percentuais e médias, que a fertilidade das mulheres prolíficas indígenas poderia ser mais elevada.

Abortos e natimortos — Nas tabelas de concepções, os prováveis casos de filhos nascidos mortos estão incluídos entre os abortos, fazendo parte da mesma coluna dos *abortivos.* Isto devido o critério indígena que não distingue, com precisão, entre natimortos e abortos no sentido próprio da nossa terminologia. Tivemos que proceder assim para evitar maiores confusões, pois as mulheres índias dificilmente atinavam com o exato limite conceitual entre natimortos e abortos em nossa concepção. Como temos a impressão de que os casos seriam raros (1), é possível que o valor dos resultados dessa respectiva parte estatística não esteja realmente muito afetado. Na rubrica de *filhos falecidos*, trata-se, portanto, de crianças que realmente tiveram vida extra-uterina, embora, às vezes, só por pouco espaço de tempo — suficiente para caracterizá-las como sendo nascidas vivas —, e que, na ocasião da coleta das informações, já haviam morrido : são os filhos já falecidos. Enquanto a coluna de *filhos vivos* registra os ainda vivos na época do levantamento das estatísticas. Conseqüentemente, como *crianças nascidas vivas* temos a coluna dos *filhos vivos* e dos *filhos falecidos*, excluindo-se, por conseguinte, a coluna de *abortos e natimortos.*

Mortalidade — Nas tabelas de mortalidade distinguimos as seguintes fases : antes, durante e depois da época de reprodução, tomando-se como limite inicial de procriação, seguindo o exemplo de Salzano (1961 : 65), a idade de 15 anos. Para limite superior, quanto às mulheres, optamos pela idade de 49 anos. O período antes dos 15 anos de idade dividimos, igualmente, em faixas etárias de 5 a 5 anos, de forma que se torna mais fácil verificar a freqüência máxima de mortalidade. Em alguns casos, não foi possível obter a idade aproximada de quando as pessoas faleceram, os quais, para efeito de cál-

(1) — Conforme as informações dos missionários, teriam ocorrido apenas dois casos de natimortos durante dez anos da Missão.

culos percentuais, estão descontados do total geral, como está anotado no respectivo lugar.

ESTERILIDADE — Designamos como provável esterilidade — conforme o conceito geralmente usado em demografia, e mesmo porque não nos é possível distinguir, sem os devidos exames, casos de esterilidade suposta ou real, se é proveniente de fatores genéticos ou ambientais — o seguinte : o simples fato de um determinado indivíduo — tendo sido, ou sendo, casado por tempo suficiente assegurando a possibilidade de geração de filhos — não ter tido nenhum descendente dessa união, não obstante seu respectivo cônjuge (da referida união), homem ou mulher, tenha conseguido procriar filhos como resultado de casamento, anterior ou posterior aquele em que não houve descendente, com outra pessoa; como também as mulheres que, até o momento da coleta dos dados, tiveram somente abortos, sem terem tido filhos nascidos vivos.

GENEALOGIA — As genealogias, até onde foi possível obtê-las, abrangem, em alguns casos, 6 gerações. Para os Ewarhoyána anexamos um diagrama de genealogia mais elaborado. Para os Kaxúyana não nos foi possível fazer isto, devido uma série de circunstâncias adversas. Deixamos de apresentar um diagrama genealógico a fim de evitar equívocos ou conceitos errôneos. Encontram-se, todavia, as anotações necessárias no texto do trabalho. Para os Tiriyó, que é um grupo maior, selecionamos, para exemplificação, uma "linhagem" com suas implicações e possibilidades genéticas e etno-sociais. Essas genealogias evidenciarão : *a)* casos de mesclagem interindígenas havidos; *b*) o Raio da Área de Cruzamento dos grupos; *c*) o estreito parentesco dos indivíduos, especialmente na geração recente e as implicações quanto à necessidade de casamentos entre parentes consanguíneos e classificatórios.

I. OS EWARHOYÁNA

NOTÍCIA HISTÓRICA

As únicas referências que temos conhecimento sobre os Ewarhoyána estão registradas num trabalho de Frikel (1958 : 152 n.° 23) (2), obtidas em 1948 quando, em companhia de índios Kaxúyana — pelos quais os Ewarhoyána foram mencionados —, esteve no rio Kaxpakúru, afluente esquerdo do rio Trombetas, com a finalidade de conhecer os, agora praticamente extintos, Káhyana que habitavam as margens daquele rio (Frikel, 1966 : 7). Em parte, os Ewarhoyána são enquadrados em outros conceitos populacionais. Assim, pelos Kaxúyana, às vezes, são contados entre os Káhyana, e pelos Tiriyó entre os Txíkiyana.

Até 1969, os Ewarhoyána/Káhyana permaneciam residindo às proximidades do chamado "Igarapé da Anta" (ewarho-tuna), afluente esquerdo do rio Kurátari, o qual, por sua vez, é tributário do rio Kaxpakúru pela margem direita. Suas aldeias situavam-se, mais exatamente, no alto "Igarapé da Anta" que já fica numa região de campos estendida entre os rios Kaxpakúru e Marapí. Por isso mesmo, essa zona muitas vezes é chamada, pelos indígenas, "Campos dos Ewarhoyána", e eles são conhecidos, segundo informações dos Kaxúyana, como os "Índios (do Igarapé) da Anta", donde se deriva a denominação tribal do grupo : Ewarhoyána (Gente [do Igarapé da] — Anta). Eram considerados um tanto arredios e hostís.

Quando os Kaxúyana iam se mudar do rio Cachorro (Trombetas) para a Missão Franciscana existente entre os Tiriyó no alto Paru de Oeste (Frikel, 1970 : 48-49), os Ewarhoyána, depois de terem contatado e trocado informações com algumas famílias Kaxúyana em viagem, também resolveram emigrar para a mesma região, onde se agregaram à referida Missão na qual se encontram atualmente. Reduzidos

(2) — Citamos aqui somente a versão portuguêsa da edição original publicada em alemão pela Revista *Anthropos*, 1957 (Frikel, 1957).

a apenas 13 pessoas, informam, porém, que ainda há um segundo grupo de oito indivíduos nas matas, os quais eles pretendem ir buscar, trazendo-os para o seu convívio de agora, por serem parentes seus. Ao que parece, um dos motivos principais dessa emigração, especialmente a agregação aos Kaxúyana e aos Tiriyó da Missão, é a falta de elementos humanos que garantam a sobrevivência do grupo, como se verá.

Os Ewarhoyána são um grupo Karib, parentes próximos, com estreitas afinidades culturais e lingüísticas dos Káhyana, hoje praticamente extintos, dos quais podem ser considerados um subgrupo. A exemplo dos Kaxúyana e dos Ingarüne, com os quais se cruzaram, pertencem ao mesmo grupo dialetal Waríkyana (Frikel, 1958 : 133; 152 n.° 23). Já os Pianakotó (Tiriyó), com os quais também se cruzaram, falam um dialeto diferente, embora sejam do mesmo tronco Karib (Frikel, 1958 : 178 n.° 116; 133).

Ao que tudo indica, pode-se sugerir que, antes do colapso populacional em que hoje se encontram, os Ewarhoyána, aparentemente, estavam numa situação de transição de um nível mais ou menos lítico para um estágio próximo dos Kaxúyana e dos extintos Káhyana. O próprio fato da existência de poucos instrumentos de ferro conseguidos e sendo considerados pelo grupo como por demais preciosos, os poucos pedaços de pano e as poucas miçangas em seu poder, como também certos elementos arcáicos de sua cultura com aproveitamento de pedras em bruto para servirem de utensílios caseiros — como, por exemplo, chapas de pedra para torradores, pedras ásperas para raladores, etc. — indicam o escasso intercâmbio com outros indígenas da região e revelam, ao mesmo tempo, uma situação desprovida de contatos sociais com "civilizados". Os Ewarhoyána, de fato, estavam geograficamente isolados.

Por outro lado, quando chegaram à Missão do alto Paru de Oeste, seu estado de saúde era bastante precário. Magros e subnutridos, eram portadores de "úlceras" e feridas semelhantes. No entanto, depois de alguns meses de tratamento na Missão, onde existe farmácia, o estado de saúde melhorou consideravelmente e, mesmo os casos mais graves, agora estão fora de perigo. Além do mais, ajustaram-se bastante à nova situação encontrada no meio dos Tiriyó e Kaxúyana, de tal modo que não foi observada nenhuma forma de tensão, pelo menos com manifestação clara e grave, entre os grupos ali reunidos.

POPULAÇÃO

Os Ewarhoyána que, no momento, convivem na Missão do alto Paru de Oeste, constituem um grupo de 13 pessoas, conforme foi dito antes, das quais 7 (= 53,8%) do sexo feminino e 6 (= 46,2%) do sexo masculino (Fig. 1).

Nas duas pirâmides populacionais (cf. fig. 1) temos a representação dessas quantidades. Feitas em faixas etárias diferentes, a primeira, com um intervalo de classe de cinco em cinco anos, mostra melhor as falhas existentes nas respectivas faixas de idade. A Tab. 1, por sua vez, resume os dados das pirâmides e apresenta outros aspectos da situação demográfica com base na distribuição desse pequeno grupo de pessoas em três intervalos de classe, a saber: 0-14, 15-29, 30 e mais anos.

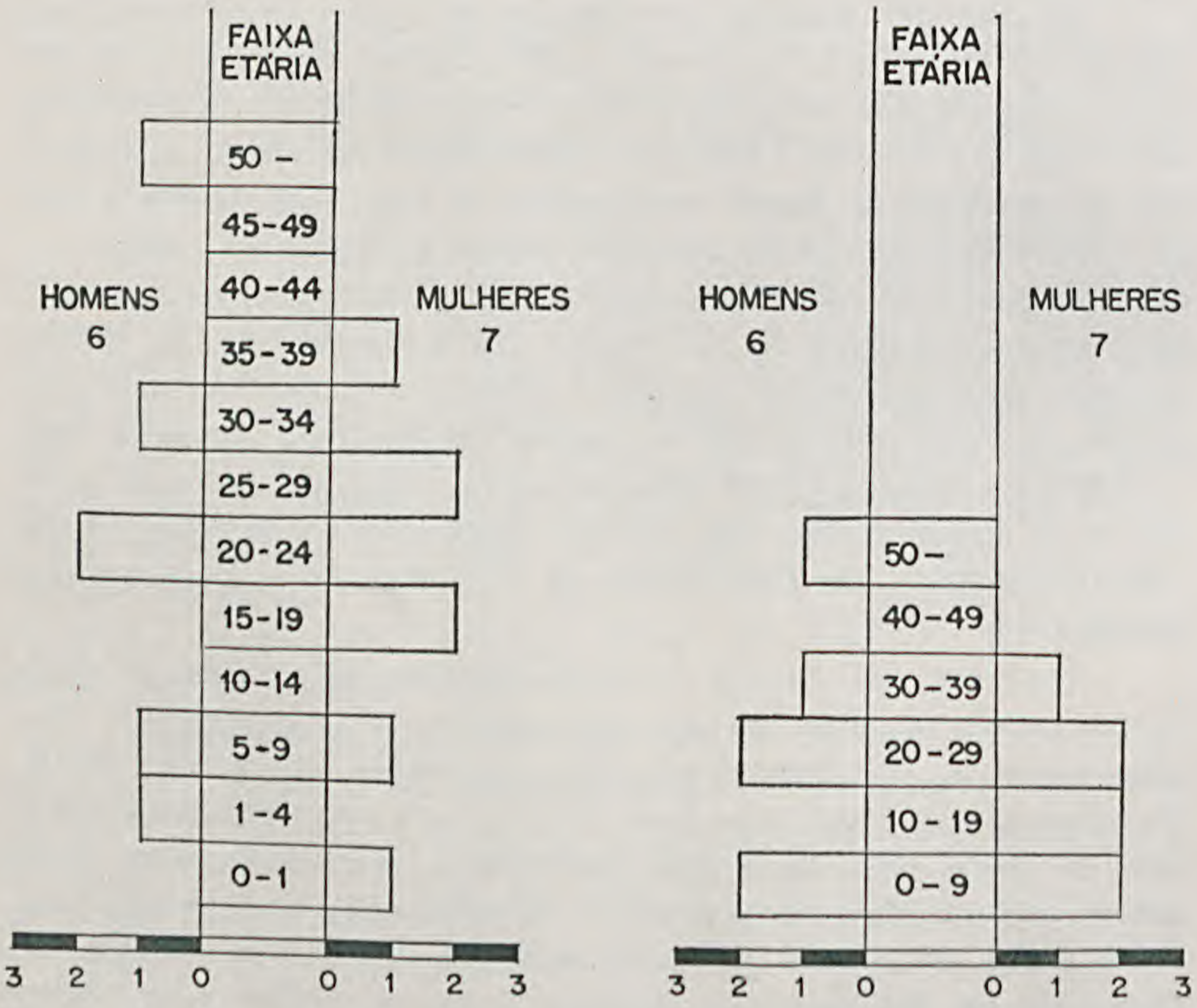


Fig. 1 — Pirâmide populacional dos Ewarhoyána em faixas etárias de 5 e 10 anos

TABELA 1

COMPOSIÇÃO POR SEXO E IDADE DOS EWARHOYÁNA DA ALDEIA DO PARU DE OESTE, EM 1970

SEXO	INTERVALO ETÁRIO				(M ± đ) (*)
	0-14	15-20	30 +	Total	
Homens	2	2	2	6	23,7 ± 11,7
Mulheres	2	4	1	7	19,5 ± 9,2
Total	4	6	3	13	—
%	30,8%	46,1%	23,1%	100,0%	—
Razão por Sexo	100,0	50,0	200,0	85,7	—

(*) — O sinal đ, em todas as tabelas em que se fizer presente, está servindo para significar o *desvio padrão* na falta do sinal adequado.

Como se vê, quase que praticamente a metade da população (= 46,1%) encontra-se na faixa etária intermediária considerada pela tabela (15-29 anos). Em seguida, a proporção maior (= 30,8%) de pessoas está no primeiro segmento (0-14 anos), enquanto a menor quantidade (= 23,1%) já teria ultrapassado os 29 anos de idade. Aparentemente, desde que se perca de vista o que as pirâmides evidenciam, e considerando-se somente os percentuais, os Ewarhoyána desfrutariam de certas condições quantitativas satisfatórias de recuperação populacional, sobretudo se esquecermos o efetivo numérico do grupo; pois, uma elevada proporção (= 76,9%) de pessoas está compreendida dos dois primeiros intervalos etários da tabela (0-14, 15-29 anos) (3). Ocorre, no entanto, que os Ewarhoyána constituem um grupo reduzidíssimo de tão somente 13 pessoas, o que, sem nenhuma dúvida, impede qualquer possibilidade de reorganização demográfica, e revela o drástico processo de depopulação ao qual estiveram submetidos anteriormente.

(3) — Embora o percentuais de fato distorçam a situação real do grupo, o qual é muito pequeno, preferimos mantê-los a fim de assegurar uma certa uniformidade para o trabalho quanto ao tratamento estatístico.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

Quanto à composição por sexo, vista em termos estritamente numéricos, apenas o primeiro intervalo de classe da Tab. 1 (0-14 anos) apresenta uma proporção realmente equilibrada (= 100,0). Pois os dois segmentos restantes revelam uma composição acentuadamente desproporcional, com o segundo (15-29 anos) tendo uma razão por sexo de 50,0 — onde a escassez de homens seria significativa —, e o último (30 anos) tendo uma proporção por sexo de 200,0 — onde a escassez de mulheres seria bastante acentuada.

Sendo o grupo por demais reduzido e tendo-se as 13 pessoas distribuídas nas 12 classes de idade de cinco anos às quais pertencem, cuja idade mínima está situada no intervalo de 0-1 e a máxima acima de 50 anos, dificilmente poderia haver um equilíbrio populacional, na combinação quantitativa de sexo com idade, entre seus componentes, o que é mais fácil de perceber pelo primeiro gráfico e contando-se com o auxílio da Tab. 1.

Por causa do pequeno número de pessoas, também é difícil de se estabelecer a chamada "linha de morte" para os Ewarhoyána. Embora não se podendo retirar uma dedução segura, provavèlmente a "deathline" estaria a partir dos 30 anos de idade, pois a distribuição da população em quatro intervalos (0-14 com 30,8%; 15-29 com 46,2%; 30-44 com 15,3%; 45 + anos com 7,7%) revela que nem a metade das pessoas do terceiro segmento (30-44 anos de idade com 15,3%) consegue ultrapassar os 44 anos de idade (45 + anos com 7,7%). Sobre este fato, parece que a pirâmide feita em faixas de dez anos também sugere a possibilidade dessa dedução, porque temos quatro pessoas no grupo etário de 20-29 anos e a metade, ou seja, apenas duas pessoas na classe de 30-39 anos, para depois não se ter nenhuma no grupo etário de 40-49 anos e somente um sobrevivente com mais de 50 anos. Assim, é bem provável que a linha de morte esteja entre os 30-39 anos de idade.

Concepções

Apresentamos, em seguida, uma pequena tabela estatística que informa sobre o número de concepções de todas as mulheres prolíficas vivas pelas respectivas faixas de idade nas quais essas mulheres estavam situadas na época da coleta dos dados.

TABELA 2

CONCEPÇÕES POR SEXO, SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS DAS MULHERES PROLÍFICAS EM 1970

Mulheres Prolíferas		CONCEPÇÕES						
		Filhos Vivos			Filhos Falecidos			Total
Faixa Etária	Freqüência	Masc	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
15-19	1	—	—	—	—	1	1	1
25-29	2	2	3	5	1	—	1	6
35-39	1	—	—	—	1	—	1	1
Total	4	2	3	5	2	1	3	8

Pelo que se observa, as quatro mulheres prolíficas conceberam oito vezes, sendo quatro concepções (= 50,0%) do sexo masculino e também quatro (= 50,0%) do sexo feminino, o que dá uma média de duas concepções por mulher, uma masculina e uma feminina. Dos oito filhos, cinco estão vivos (= 62,5%), dos quais dois masculinos e três femininos, com a participação relativa de, respectivamente, 25,0% e 37,5%. Os outros filhos, já falecidos, em número de três, representam 37,5% do total das concepções, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino com os percentuais respectivos de 25,0% e 12,5% do total geral, não tendo sido constatada a existência de abortos e natimortos.

Quanto aos nascimentos, sabemos que um (do sexo feminino) ocorreu durante o primeiro trimestre de 1970, o que daria para esse período uma taxa bruta de natalidade de 0,0769 ou 7,69/100, enquanto o coeficiente bruto de mortalidade, nesse mesmo trimestre de 1970, é zero porque não morreu ninguém nessa época, resultando numa taxa simples de incremento natural de 0,769 ou 7,69/100.

Genealogia e casamentos

Incluímos um diagrama de descendência e mesclagem com relação às possibilidades de casamentos entre os Ewarhoyána, do qual se

pode deduzir a provável distância percorrida para efetivar os cruzamentos, como também se pode perceber os tipos de aliança matrimonial realizados (Fig. 2).

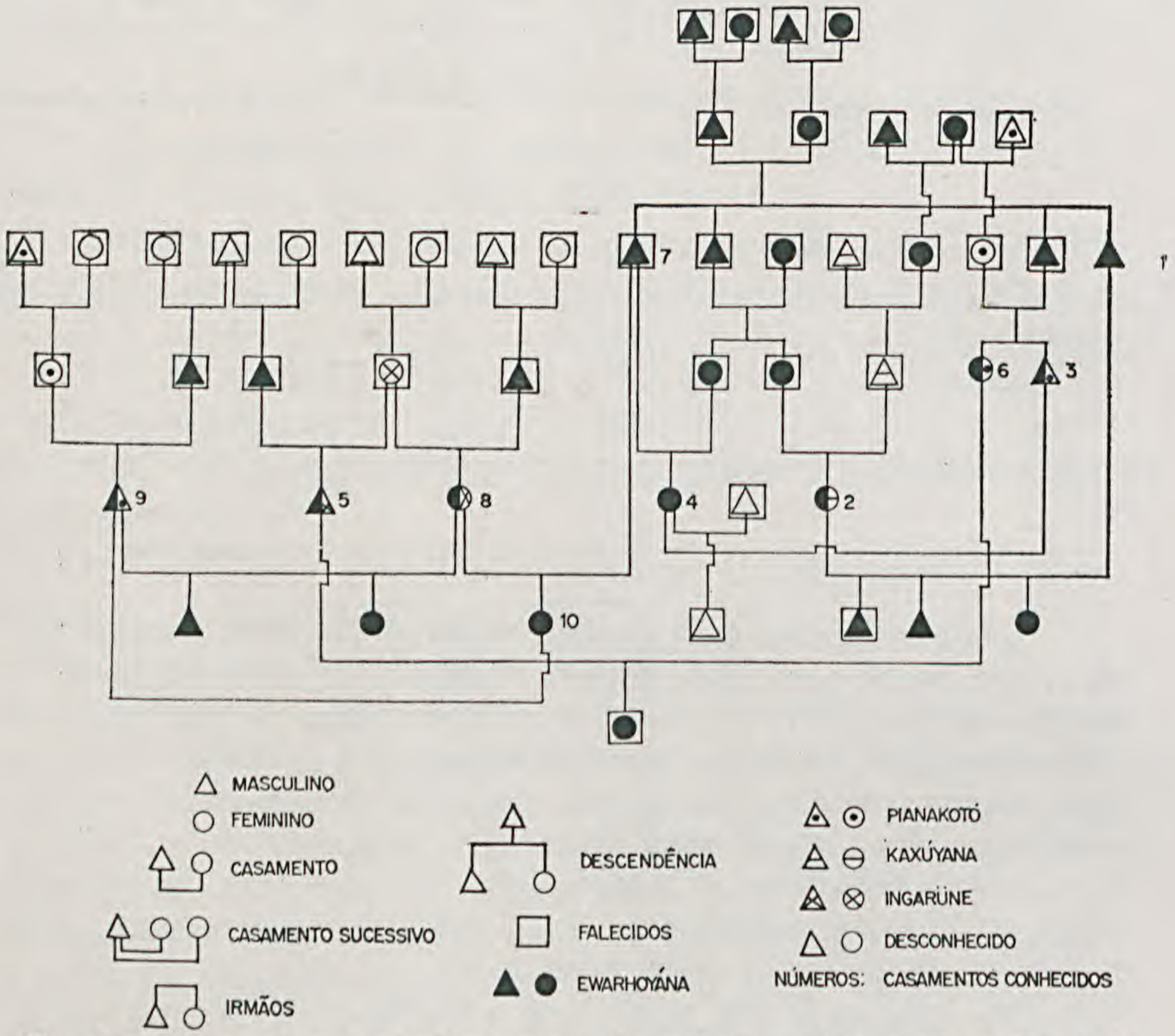


Fig. 2 — Diagrama de descendência e mesclagem intergrupal com relação às possibilidades de casamento entre os Ewarhoyána

Em primeiro lugar, apresentamos o Raio da Área de Cruzamento, que é uma espécie de Distância Marital (Salzano & Freire-Maia, 1967 : 101), pela indicação de casamentos com elementos de outros grupos tribais, conforme estão registrados no diagrama, a saber : a mesclagem com índios Kaxúyana, Ingarüne e Pianakotó (4). O Raio está calculado em linha reta com base em mapa da região (5), tomando-se

(4) — Além dos casamentos com os elementos Kaxúyana indicados no diagrama dos Ewarhoyána, existem outros casos ligeiramente mencionados, mas que não foram enquadrados por falta de dados para fazer a ligação.

(5) — Mapa do Brasil, IBGE, 1968.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

como ponto de partida o último *habitat* dos Ewarhoyána antes da sua emigração para o Paru de Oeste. Assim, calculando-se a distância para os Kaxúyána do rio Trombetas em 150 km e para os do rio Kaxúru (Cachorro) em 200 km, para a região dos Ingarüne e Pianakotó do rio Panamá em 120 km e, finalmente, para o grupo Pianakotó mais próximo, o das cabeceiras do rio Kaxpakúru, em 50 km, obteremos uma média aproximada de 130 km de Raio da Área de Cruzamento (cf. mapa 1). Disso parece resultar a possibilidade de se reconstruir, em linhas gerais, alguns dos traços fundamentais da situação em que se encontravam os Ewarhoyána antes de sua chegeda à Missão do Paru de Oeste, a saber :

1. Os Ewarhoyána, desde há muito tempo, viviam num certo e acentuado isolamento geográfico, pois, se houvessem outros grupos acessíveis mais próximos do que os Kaxúyana, Ingarüne e Pianakotó, provavelmente os teriam procurado para casamentos e apareceriam no diagrama da genealogia.

2. Há bastante tempo, a população já estava por demais limitada, particularmente quanto às possibilidades de casamentos dentro do próprio grupo. Este fato vinha se agravando de tal modo que tiveram de recorrer a ligações com outros grupos a fim de que fossem evitados casamentos que implicassem na quebra dos padrões tribais reguladores das alianças matrimoniais permitidas.

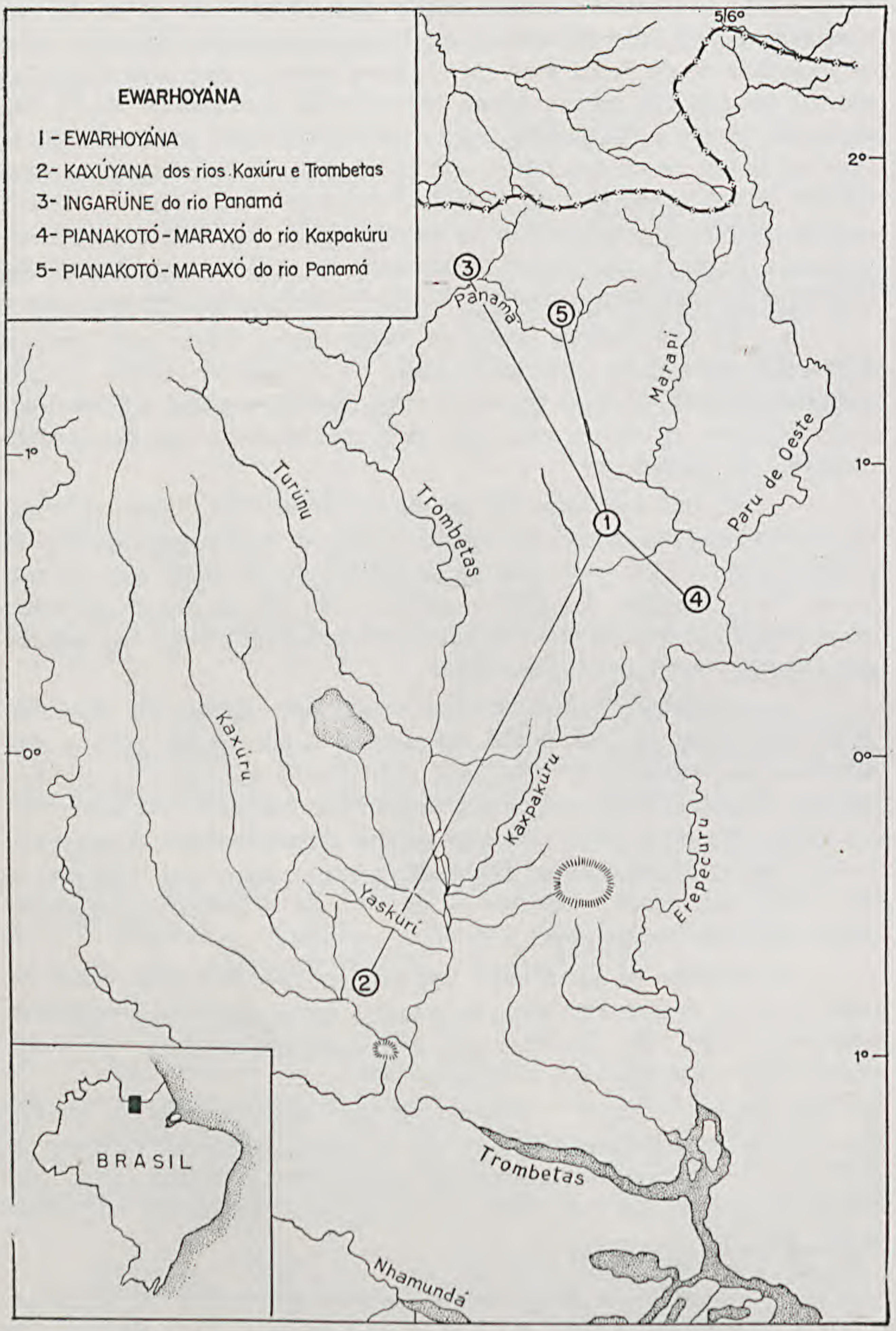
3. Finalmente, seria possível supor que, mesmo em gerações anteriores, a necessidade dessa mesclagem já era sentida pelo grupo, ocasiões em que o isolamento tribal era rompido por contatos circunstanciais. O próprio diagrama de descendência serve para corroborar essa hipótese. Por outro lado, nos casamentos mistos nota-se, à base das indicações indígenas, que os filhos, de certa maneira, são "discriminados" como mesclados, enquanto os netos já são definidos e integrados como legítimos Ewarhoyána.,

O diagrama da genealogia também permite deduções sobre alguns tipos de casamentos que reafirmam a necessidade de mesclagem intergrupal. No total são indicados seis casais, dos quais três casos podem interessar de maneira especial (6).

a) *Caso 1 com 2*. Trata-se de um casamento entre tio-avô (= 1) e sobrinha em segundo grau (= 2), sendo que o avô materno de 2 (= pai da mãe de 2) é irmão de seu marido (de 1). Observou-se que, neste casamento, os dois filhos existentes são aparentemente retardados (Fig. 3).

---

(6) — A enumeração das pessoas dos três diagramas matrimoniais coincide com a estabelecida para a genealogia.



Mapa 1 — Mapa do Raio da Área de Cruzamento Ewarhoyána

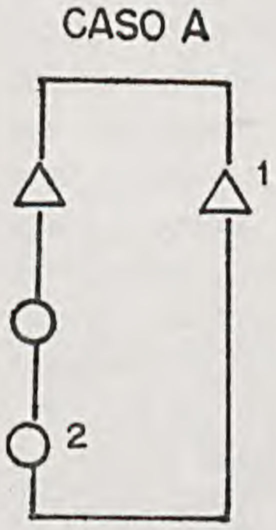


Fig. 3

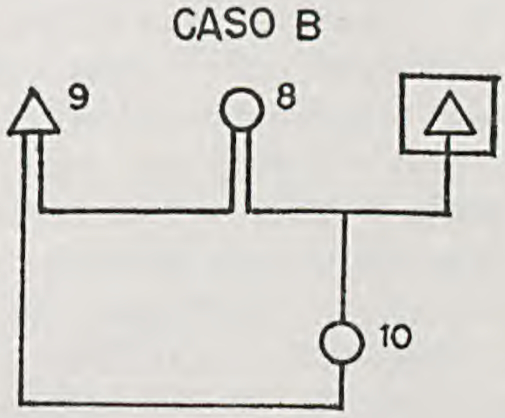


Fig. 4

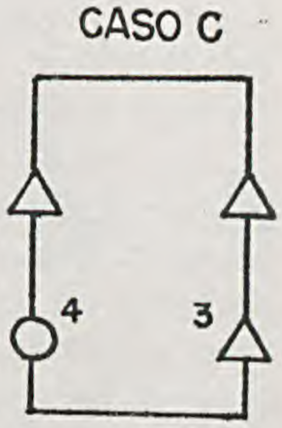


Fig. 5

b) *Caso 9 com 8 e 10*. Casamento entre padrasto e enteada, ou seja, entre o pai e a filha classificatórios. N.° 8 era casada e dessa união nasceu uma filha (= 10). Depois da morte do marido, 8 casou com outro homem (= 9), não tendo nenhum filho com ele, tornando-se este padrasto de 10, a filha do casamento anterior de sua mulher. Em conseqüência disso, 10 tornou-se filha classificatória de 9 com o qual veio a se casar. Porém, para 9 poder casar com sua enteada (= 10), separou-se oficialmente de 8, mãe de sua atual esposa, não obstante todos três conviverem na mesma casa. Segundo informações dos índios, parece que se trata de poliginia encoberta sob a forma de bigamia. Em termos oficiais, no entanto, o casamento funciona somente com a jovem 10 (Fig. 4). Ignoramos a atitude dos Ewarhoyána à respeito de ligações entre padrasto e enteada, se são consideradas tradicionais e legais ou se apenas admitidas como arranjos de emergência pela evidente falta de mulheres. Contudo, existem grupos indígenas onde tais casamentos são institucionais e legais por tradição. A um caso desses, semelhante em vários pontos ao acima mencionado, refere-se Arnaud (1967 : 63) entre os índios Assuriní.

c) *Caso 3 com 4*. Trata-se de um casamento entre primos paralelos, sendo seus pais, irmãos consanguíneos. Na contagem indígena, isto significa que 3 e 4 são irmãos classificatórios. Pelos outros índios da aldeia da Missão, este casamento é condenado por ser considerado incestuoso. O casal não tem filhos (Fig. 5).

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

Resumindo, pode-se dizer que, visto tratar-se de um grupo de tão somente 13 pessoas (7), os dados demográficos não podem ser muito significativos. Tanto a pirâmide populacional, como também o levantamento da genealogia dos sobreviventes, alcançando, em parte, seis gerações, mostra claramente que o grupo não podia mais continuar a viver naquele isolamento. Devia mesclar-se para tentar evitar casos de matrimônios incestuosos (devido o parentesco consanguíneo e/ou classificatório) e a extinção biológica. Resulta daí o extenso Raio da Área de Cruzamento e, afinal, a emigração e o convívio com os índios Kaxúyana e Tiriyó no alto Paru de Oeste. Mesmo assim, pode-se prever, sem grande margem de erro, que o grupo, como entidade biológica e cultural, será absorvido pelos Kaxúyana e/ou Tiriyó, sobrevivendo os descendentes, no máximo, uma a duas gerações como tipos intertribalmente mesclados, até desaparecerem por completo. Como entidade tribal, os Ewarhoyána dificilmente terão chances de sobreviver.

(7) — Excetuamos o grupinho de 8 pessoas, vivendo ainda arredio na selva, segundo informações dos Ewarhoyána residentes na Missão.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

II. OS KAXÚYANA

Notícia histórica

Os Kaxúyana pertencem à família lingüística Karib. Da comparação com outros grupos da área resulta que eles falam um dialeto próprio com certas particularidades, especialmente no amplo uso de afixos (cf. Derbyshire, 1961). Parece não haver diferenças dialetais notáveis com os Ewarhoyána, anteriormente citados, que participam desse grupo etno-lingüístico (Kaxúyana-Waríkyana).

Até pouco tempo atrás, o *habitat* dos Kaxúyana era as terras dos rios Cachorro (Kaxúru), Cachorrinho (Txôrôwáhõ), Ambrósio (Itxitxwâhô), Yaskurí e médio Trombetas (Kahú) (Frikel, 1958 : 155). Em 1968, todavia, emigraram para o alto Paru de Oeste (Frikel, 1970 : 48-49).

Sua tradição narra que são um povo misto, resultante da mesclagem de dois componentes étnicos, ambos imigrados para a região trombetana. Um dos grupos, de origem desconhecida, teria vindo das "Altas Serras do Oeste" (Regiões Andinas ?) pelas cabeceiras dos rios Cachorro e Cachorrinho (Frikel, 1970 : 10), enquanto o segundo elemento, os Waríkyana ou "Gente do Amazonas" (Frikel, 1958 : 128), veio subindo o rio Amazonas, acabando por entrar no rio Trombetas onde as duas ondas de migrações chocaram-se primeiro, dando-se, mais tarde, a sua fusão. O processamento da mesclagem realizou-se, freqüentemente, de maneira sangrenta. Porém, hoje em dia, os Kaxúyána são de carater bastante pacífico, não obstante suas tradições histórico-lendárias contém que, no passado, eram um povo guerreiro, vivendo em lutas com seus próprios grupos aparentados, os Káhyana e outros (Frikel, 1955).

Segundo a mesma tradição sobre as migrações e imigrações, observa-se, por um lado, que o nome "Kaxúyana" é derivado da denominação de seu *habitat*, o rio Kaxúru, e quer dizer "Gente, Habitantes do rio Cachorro"; mas, por outro lado, este nome também é designação genérica, abrangendo uma série de subgrupos, como, por exemplo, os Waríkyana, os Kaxúyana propriamente ditos, os Ingarüne, etc., os quais, por sua vez, se subdividem em outros grupos menores, como, por exemplo, os Ewarhoyána, dos quais já tratamos anteriormente (cf. também Frikel, 1958 : 128).

Há cerca de 25 anos atrás, os Kaxúyana contavam, mais ou menos, 80 pessoas em 4 pequenas aldeias, das quais duas no rio Cachorro e duas no rio Trombetas. Hoje, entretanto, essa população diminuiu para 64 indivíduos e o grupo (com exceção de 7 pessoas que foram para o rio Nhamundá) emigrou para o alto Paru de Oeste, em fevereiro de 1968.

Os motivos principais da emigração, conforme suas próprias indicações, teriam sido dois. Primeiramente, a escassez de possibilidades de casamentos. De fato ,o grupo já é tão aparentado entre si, tanto por laços consanguíneos como classificatórios (os quais podem também redundar em impedimentos matrimoniais) que, para a geração mais nova, existem poucas possibilidades de casamento dentro do grupo (8). Um segundo motivo era a provável extinção do grupo por doenças importadas. O grupo, épocas atrás, sofreu grandes baixas por doenças transmitidas pelos negros mocambeiros e caboclos castanheiros : gripes, sarampo, gonorréia, sífilis, etc. Os Kaxúyana tinham (e tem) consciência de sua limitação, tanto em sentido biológico-genético como sanitário, e sabem que qualquer epidemia mais intensa pode extinguí-los. Pelos motivos já indicados recorreram a essa última medida : emigrar, mesclar-se novamente com um grupo de potencial genético maior e ter possibilidades de tratamento sanitário para sobreviver. Sua emigração do Trombetas/Cachorro se assemelha, portanto, a uma fuga de um ambiente inseguro e por demais limitado. Principalmente por estes motivos aconchegaram-se à Missão dos Franciscanos e aos índios Tiriyó.

Com efeito, era deplorável seu estado de saúde quando chegaram no Paru de Oeste. Notavam-se casos de doenças venéreas, chagas sifilíticas e de tuberculose que, em parte, foram tratados, em Belém, nos Hospitais da Aeronáutica e Barros Barreto. Tinha-se alastrado entre eles um tipo de "pira" ou "eczema chagoso" que, às vezes, lhes cobria o corpo quase inteiro, e pelo qual também parte dos índios Tiriyó foi afetada por contágio. Os Kaxúyana ficaram mais de um ano em tratamento até se recuperarem suficientemente. Todavia, ainda se encontram casos isolados deste mal entre os índios da aldeia da Missão. Devido a especial atenção médica das entidades mencionadas (Aeronáutica e Barros Barreto), o estado sanitário entre eles melhorou muito.

---

(8) — Em outro lugar, Frikel (1970 : 47 seg.) fala mais pormenorizadamente sobre as migrações dos Kaxúyana em geral e sobre os motivos da sua última migração em particular.

MUSEU PARAENSE "EMILIO GOELDI" BIBLIOTECA

Nos últimos decênios, os Kaxúyana tiveram bastante convivência com os caboclos castanheiros do rio Trombetas, resultando daí o fato que quase todos os homens falam fluentemente o "português caboclo" e a maior parte das mulheres também o entende, embora falem com mais dificuldade. Pela convivência com os Tiriyó, muitos deles também já dominam o dialeto Tiriyó. E a geração nova está se tornando triglota, falando Kaxúyana, Tiriyó e Português.

POPULAÇÃO

a) *Pirâmide*

A figura 6 apresenta a pirâmide populacional dos Kaxúyana do Paru de Oeste, os quais, incluindo-se no total sempre aqueles 7 indígenas que, no momento das anotações, encontravam-se no rio Nhamundá, constituem um grupo de 64 pessoas, sendo 31 (= 48,4%) homens e 33 (= 51,6%) mulheres (Fig. 6).

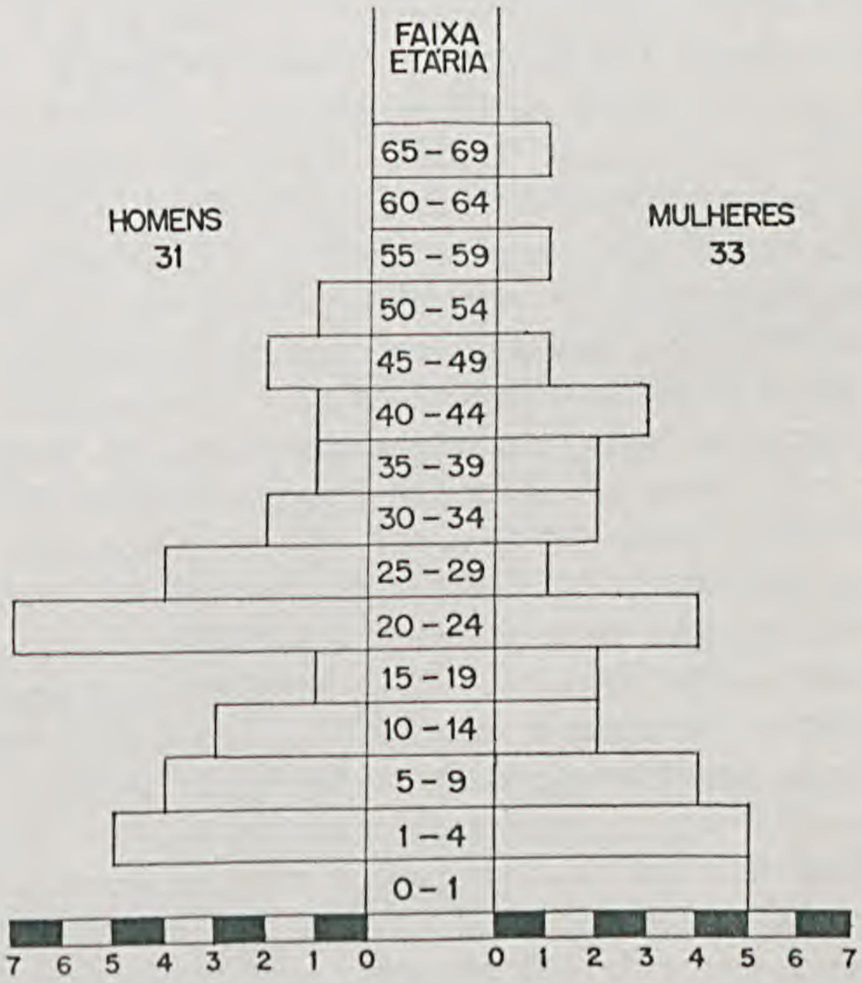


Fig. 6 — Pirâmide populacional dos Kaxúyana

b) *Composição por sexo e idade*

TABELA 3

COMPOSIÇÃO POR SEXO E IDADE DOS KAXÚYANA, EM 1970

SEXO	INTERVALO ETÁRIO				(M ± đ)
	0-14	15-29	30 +	Total	
Homens	12	12	7	31	20,7 ± 13,2
Mulheres	16	7	10	33	23,1 ± 14,4
Total	28	19.	17	64	—
%	43,7%	29,7%	26,6%	100,0%	—
Razão por Sexo	75,0	171,4	70,0	93,9	—

A Tab. 3 resume a situação demográfica atual do grupo, revelando a composição por sexo e idade dos Kaxúyana (da aldeia do Paru de Oeste, inclusive os 7 que estão no Nhamundá) em três intervalos etários (0-14, 15-29, 30 e mais anos). Nota-se que a maior proporção de pessoas, quase a metade do efetivo populacional, ou seja, 43,7%, acha-se no primeiro segmento considerado pela tabela (0-14), o qual supera a quantidade de indivíduos tanto no intervalo intermediário (= 29,7%) como do último (= 26,6%); ressaltando-se que este último (30 + anos) abrange um intervalo etário muito maior que os outros dois — vai dos 30 até os 69 anos de idade, e compreende classes de idade onde não existe nenhuma pessoa (60-64 anos), nenhum homem (55-59 e 65-69 anos) ou nenhuma mulher (50-54 anos), conforme pode ser constatado no gráfico da pirâmide (cf. fig. 6). Por sinal que as duas primeiras classes de idades registradas na tabela (0-14 com 43,7% e 15-29 com 29,7%) cheguem a conter mais de 70% (= 73,4%) do total da população, o que parece reafirmar a existência de um padrão estrutural jovem, sob o ponto de vista estritamente demográfico, e que estaria em condições quantitativas adequadas de crescimento.

Não obstante isto, constata-se que o grupo etário intermediário possui uma razão por sexo bastante superior a 100, exatamente 171,4, isto é, para cada grupo de 100 mulheres a disponibilidade de homens seria de 171. Não fosse este fato, a proporção por sexo, em termos es-

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18

tritamente numéricos, seria praticamente equilibrada, com o primeiro intervalo registrando uma razão por sexo de 75,0 e o último expressando uma razão por sexo de 70,0.

A ocorrência dessa razão por sexo no segmento intermediário, quantitativamente desproporcional em relação ao que acontece com os outros dois intervalos etários, já parece evidenciar que vinha se verificando uma certa carência de mulheres disponíveis para o casamento, o que estaria contribuindo para a procura de mulheres em outros grupos indígenas, dada a mesclagem que se observa no diagrama da genealogia Kaxúyana que, infelizmente, não nos foi possível concluir por circunstâncias alheias à nossa vontade. O excesso de elementos masculinos no segmento intermediário também parece sugerir — desde que no passado a realidade demográfica tenha sido mais ou menos semelhante à atual —, entre outros, mais este elemento de explicação para a ocorrência de certos tipos de arranjos matrimoniais como são a poliandria irmãos do marido, foi diretamente observada, anos atrás, entre os Kaem geral. Por sinal que a biandria, incluindo a participação sexual dos xuyana com a constatação de vário casos (9). Com essas indicações não pretendemos invalidar as proposições que tomam a cultura como o *focus* analítico do modo de ser dos padrões de comportamento em geral. Trata-se, apenas, de indicar a possibilidade de se reconhecer um outro lado da questão, ou melhor dizendo, de considerar o componente demográfico como uma variável importante : queremos somente tentar apontar, enquanto for possível, as implicações sociais que podem decorrer de uma certa e determinada realidade demográfica, tal como ela se apresenta, na medida em que o modo de ser dessa realidade também tenderia a repercutir sobre a existência social do grupo, afetando-lhe certas alternativas e possibilidades de comportamento.

c) *População feminina Kaxúyana*

Na Tab. 4 encontramos mais uma indicação sobre o efetivo popopulacional, mas apenas quanto às mulheres distribuídas em três grupos de idade distintos : antes do início da idade fértil (0-14), durante o período reprodutivo (15-49) e depois da idade máxima de reprodução (50 + anos). Nesse sentido, o intervalo que caracteriza a época anterior à capacidade de reprodução (0-14) contém a maior proporção de pessoas do sexo feminino da população, precisamente 48,5% (= 16), quase que a metade do total das mulheres; em seguida, temos o segmen-

(9) — Constatação feita por Frikel, por volta de 1944.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

to etário do período fértil com uma proporção também superior a 40,0%, ou seja, de 45,4% (= 15), que, no entanto, é ligeiramente inferior à quantidade de mulheres do primeiro grupo etário e, finalmente, um percentual de somente 6,1% (= 2) de mulheres que já ultrapassaram a idade de reprodução.

TABELA 4

POPULAÇÃO FEMININA KAXÚYANA, ANTES, DURANTE E DEPOIS DO PERÍODO FÉRTIL, EM 1970

INTERVALO ETÁRIO	POPULAÇÃO FEMININA	
	Absoluto	%
0 — 14	16	48,5
15 — 49	15	45,4
50 + anos	2	6,1
Total	33	100,0%

A estrutura demográfica dessa parcela da população assim considerada, conforme se verá, é diferente da dos Tiriyó da aldeia do Paru de Oeste, tanto quanto ao estoque inicial de pessoas (de 1959), como em relação ao ano de 1968 e o primeiro trimestre de 1970.

Genealogia

A genealogia Kaxúyana, enquanto foi possível anotá-la, está fundamentada em razões sociais, ou seja, na consciência coletiva atual do grupo. Hoje em dia, eles se consideram Kaxúyana em termos genéricos, quase sempre sem distinção de origem grupal interna que, para a terceira e quarta gerações, às mais das vezes, ainda é definida como Waríkyana, Igarüne, etc. Visto que a mesclagem interna do grupo é tão grande e que o conhecimento perfeito do parentesco nas linhas ascendentes, em parte, se perdeu, uma anotação exata no diagrama daria em

confusãc. Contentamo-nos, por isso, em indicar os troncos principais dos grupos internos à base das informações indígenas, a saber :

I. Kaxúyana do rio Kaxúru (rio Cachorro);
II. Kaxúyana/Káhyana do rio Trombetas;
III. Warikyana dos rios Yaskurí e Itxitxwáhô;
IV. Káhyana/Ewarhoyána do rio Kaxpakúru;
V. Ingarüne do rio Panamá.

Entre os últimos representantes Warikyana encontrou-se, um velho, considerado o protótipo dos antigos Warikyana, ou seja, "Warikyana puro". Era de cor branca (sem ser albino), conhecido pelo apelido de "Branco", de cabelos mais finos, mais macios e já grisalhos, olhos esverdeados, estatura mediana e meio entroncado. Parecia mais um tipo europeu que indígena. Nem por isso, nem ele, como também seus pais e avós, nunca sairam das matas de seu *habitat*, nem receberam visitas de brancos nos centros onde moravam. Provavelmente, trata-se de um caso do tempo em que os holandeses mantiveram comércio com os grupos do alto Trombetas, ou de uma ligeira "intrusão" branca do tempo da imigração do Amazonas para o Trombetas.

Como decorrência do levantamento genealógico Kaxúyana (enquanto nos foi possível fazê-lo) podemos registrar, principalmente, três fatos de importância para este estudo :

a) *Mesclagem*

Constatamos mesclagens com os Tiriyó, Tunayána e Negros Mocambeiros cujos descendentes cafusos destacam-se no grupo por seu tipo físico. O número mais alto de mesclagem extra-grupal anotado é com os Tiriyó, já em gerações pasadas, e mais ainda na geração nova, devido à sua convivência na Missão do Paru de Oeste para onde os Kaxúyana se transportaram em 1968. De lá para cá, houve 5 casamentos entre elementos Tiriyó e Kaxúyana, dos quais um só de mulher Kaxúyana com homem Tiriyó e quatro de homens Kaxúyana com mulheres Tiriyó, o que reafirma a falta de mulheres adultas disponíveis no grupo (10).

b) *Raio da Área de Cruzamento*

À base da mesclagem intergrupal Kaxúyana e da extra-grupal, isto é, com outros grupos diferentes, é possível formar uma idéia da

(10) — Anotamos que, depois de encerrado o levantamento, houve mais 2 casamentos Kaxúyana-Tiriyó, elevando-se o número para 7.

extensão do Raio da Área de Cruzamento Kaxúyana. Podemos distinguir, por isso, um Raio "interno" e outro "externo".

O "interno" abrange a área do rio Trombetas propriamente dita, até o médio rio Panamá. É, portanto, a região habitada pelos subgrupos Kaxúyana, pois atinge, com maior ou menor intensidade, os Kaxúyana propriamente ditos, Waríkyana, Káhyana, Kahúyana, Ewarhoyána e Ingarüne já citados.

O Raio "externo", passando dos limites da área anterior, estende-se até os Tunayána do rio Turúnu, afluente direto do Trombetas e, por outro lado, até os rios Panamá e Kaxpakurú, afluentes esquerdos do mesmo rio; e, mais além, até os rios Marapí e Paru de Oeste. Observa-se, todavia, que nunca foram mencionadas ligações mais estreitas com os grupos indígenas situados nos rios a oeste do rio Kaxúru, a saber: Mapuera, Nhamundá, etc. (cf. mapa 2).

Visto que os Kaxúyana habitavam a periferia sul da área indígena do rio Trombetas, as linhas indicadoras do percurso do Raio, em linha aérea, formam uma espécie de feixe radial, cujo ponto de partida é o núcleo Kaxúyana. As distâncias, calculadas em linha reta, variam entre a mínima de 30 km (rios Kaxúru-Yaskuri) e a máxima de 300 km (rios Kaxúru-alto Panamá) aproximadamente.

Em particular, as distâncias entre o território Kaxúyana, tomando como base e confluência do rio Cachorrinho ou Txôrôwáhô com o rio Kaxúru ou Cachorro, e o centro de habitação dos outros grupos Kaxúyana, são as seguintes: Kaxúyana-Waríkyana 30 km; Kaxúyana-Kahúyana 50 km; Kaxúyana-Ewarhoyána 175 km; Kaxúyana-Ingarüne 275 km; o que daria uma média aproximada de 132 km de Raio "interno".

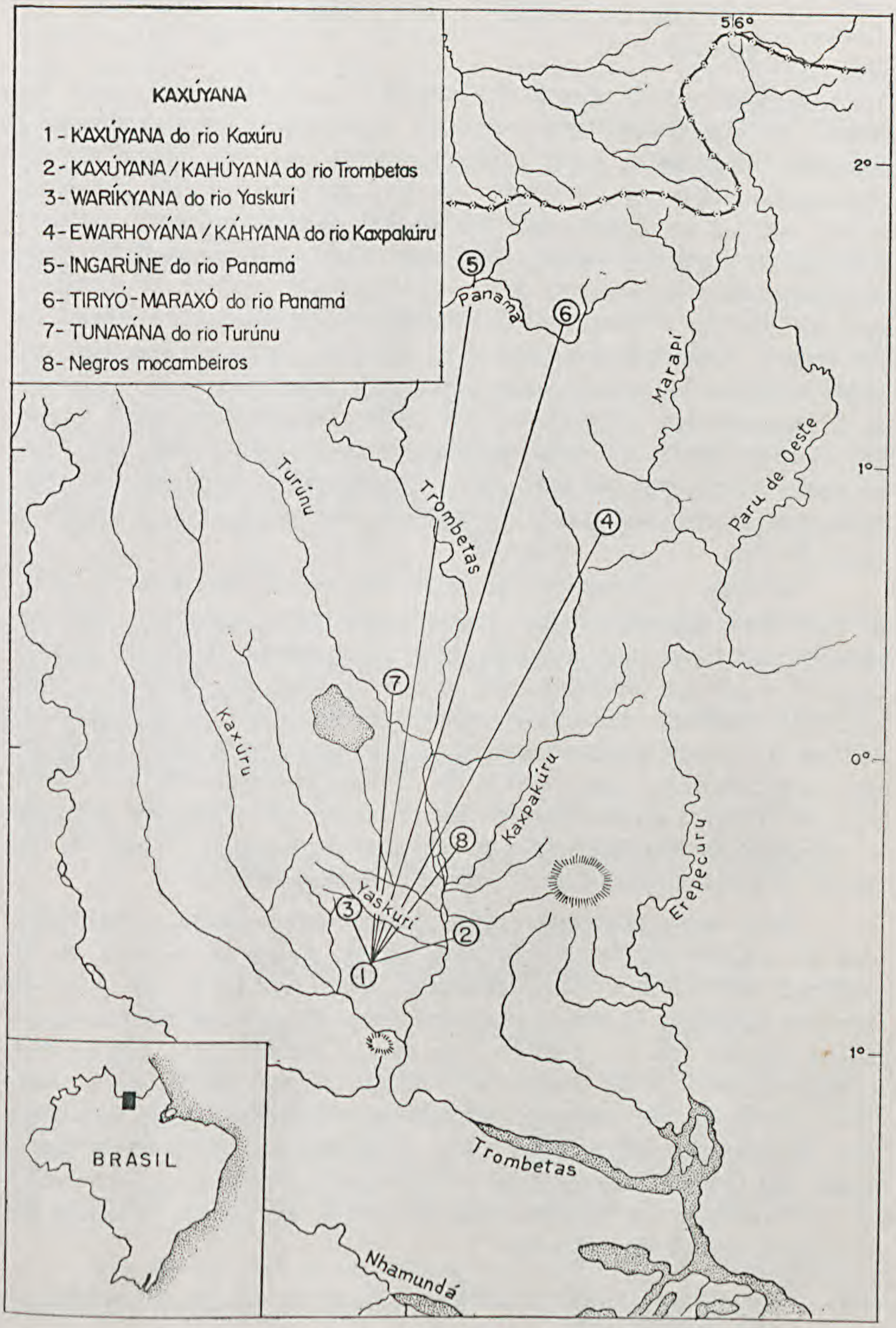
Calculando o Raio "externo", na mesma base anterior, para outros grupos não Kaxúyana, teríamos: Kaxúyana-Negros Mocambeiros do alto Trombetas 75 km; Kaxúyana-Tunayána 125 km; Kaxúyana-Tiriyó (Maraxó) 265 km; o que daria uma média aproximada de 155 km.

O Raio da Área de Cruzamento, ou melhor, a média entre o "interno" e o "externo", resultaria em aproximadamente 140 km (11).

---

(11) — Deve-se ressaltar que as distâncias assim calculadas não correspondem ao trajeto fluvial; na maioria dos casos, são os rios que servem de estradas, de forma que os percursos reais são muito mais longos que as linhas retas aqui calculadas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17 18



Mapa 2 — Mapa do Raio da Área de Cruzamento Kaxúyana

c) *Tipos de casamentos e possibilidades de casamentos na geração nova*

A solução do problema dos casamentos impôs-se com maior urgência devido a já mencionada carência de mulheres ou, inversamente, o excesso de homens. O que interessa mais para este estudo são os casamentos entre consanguíneos. A este respeito, todavia, devemos anotar que o levantamento em relação aos casamentos entre consanguíneos não é satisfatório para fins estatísticos; ficou prejudicado pela repentina ausência (viagem) dos informantes mais velhos. Outrossim, sem a indicação desses poucos informantes habilitados, a fixação do parentesco, especialmente para a 3.ª até a 5.º gerações ascendentes, é quase impossível e totalmente prejudicada pela falta de conhecimento a respeito dos ascendentes por parte das gerações mais novas. Estas já não conhecem mais as relações de parentesco de seus avós e, muitas vezes, nem de seus pais. Resulta daí a dificuldade de verificar o parentesco exato nos casamentos, mesmo na 2.ª e 3.ª gerações ascendentes.

De fato, a genealogia do grupo não acusa, abertamente, casamentos entre consanguíneos. Todavia, existem e, baseado no que pudemos apurar, um dos tipos de casamentos assás freqüente parece ser entre primos paralelos, seja em grau igual ou desigual. Mas, aparecem também casos de ligações mais estreitas (p. ex., tio e sobrinha) e o grupo, praticamente, está todo aparentado entre si por laços consanguíneos. As relações de consanguineidade limitaram tanto as possibilidades de casamentos dentro do próprio grupo que, segundo a expressão de um Kaxúyana que fala bem o português, chegaram "ao ponto de precisar casar com a nossa própria irmã" (12).

Com maior destaque, porém, aparecem as poucas possibilidades de casamentos na geração mais jovem, dadas as relações de parentesco existentes entre a juventude. Visto que parte dos pais nas famílias nucleares já são aparentados entre si, provindo de poucas famílias básicas com 6 a 8 filhos cada uma, a geração nova, não casada, está, necessariamente, também aparentada entre si por laços de parentesco duplo ou até múltiplo. Devido às circunstâncias acima referidas (viagem dos informantes, etc.), o emaranhado sistema de parentesco não ressalta devidamente num diagrama à base do material obtido e não reflete a realidade, razão por que o suprimimos para não dar uma idéia errada do assunto.

---

(12) — Provavelmente, trata-se de irmãs por parte de um dos pais (meias-irmãs) ou irmãs classificatórias.

Como já mencionamos, essas relações de parentesco, que constituem um fato de natureza qualitativa, possuem um carater impeditivo sobre aquelas condições quantitativas adequadas de crescimento que foram mencionadas anteriormente como caracterizando as potencialidades demográficas do grupo (cfr. pág. 18). Realmente, um levantamento dos jovens casáveis, praticamente todos antes dos 15 anos de idade, mostra que há 31 pessoas (28 com 0-14 anos e 3 com mais de 15 anos), futuramente disponíveis para o casamento, dos quais 15 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Existe, portanto, na geração mais jovem, um certo equilíbrio numérico que, contudo, perde seu valor devido aquela razão de ordem qualitativa, ou seja, no caso, as relações de parentesco entre os jovens. Desse modo, como solução do problema, parece que restaria aos Kaxúyana recorrerem somente à mesclagem, alternativas que já vinham procurando há algum tempo. De fato, pode-se constatar pelas indicações genealógicas que, quanto aos casamentos mistos, os Kuxúyana, em várias gerações e, em grande parte parte, foram apanhar as mulheres de outros grupos, excetuando-se dois casos em que 2 mulheres Kaxúyana casaram com homens de fora.

Concluindo-se, pode-se dizer que, para a geração nova, a proximidade ou mesmo a agregação dos Kaxúyana aos Tiriyó na aldeia da Missão foi e será a salvação biológica. Resta observar se os Kaxúyana terão bastante força cultural para manterem-se como grupo ou se serão absorvidos pelo grupo mais forte que são os Tiriyó.

"ESTADO CIVIL"

a) *Dados sobre as categorias do "estado civil" Kaxúyana*

TABELA 5
"ESTADO CIVIL" KAXÚYNA, EM 1970

Casamentos			Solteiros			"Viúvos"			Separados			Total de pessoas (15 mais anos)
Monogâmicos	Poligínicos	Total pessoas casadas	Masc.	Fem	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
15	—	25	4	3	7	1	4	5	—	1	1	38

De acordo com as informações que dispomos e excluindo-se os indivíduos abaixo de 15 anos, temos um total de 38 pessoas, às quais

se pode atribuir um "estado civil". Todavia, estão incluídos, nesse total de 38 pessoas, dois indivíduos que, embora com menos de 15 anos, já são casados. Apenas as 36 restantes possuem mais de 15 anos de idade, como se vê na pirâmide da população e na tabela que apresenta a composição por sexo e idade dos Kaxúyana do Paru de Oeste (cf. Fig. 6 e Tab. 3).

Essas 38 pessoas, segundo seu "estado civil", enquadram-se nas seguintes categorias:

a) Casados: — Registramos 15 casamentos monogâmicos que deveriam resultar em 30 pessoas casadas, mas, como devem ser descontadas 5 pessoas por se tratarem de elementos Tiriyó casados com Kaxúyana, temos um total de somente 25 pessoas Kaxúyana casadas, das quais apenas duas mulheres não estão acima dos 15 anos de idade, exatamente aquelas duas acima referidas;

b) Solteiros: — Há um total de 7 pessoas solteiras, sendo 4 homens e 3 mulheres, todas acima dos 15 anos de idade;

c) "Viúvos": — Existem 5 pessoas "viúvas", das quais 1 homem e 4 mulheres. O homem não conseguiu casar pela segunda vez talvez por ser fisicamente defeituoso, e as 4 mulheres não casaram mais por serem consideradas de idade muito avançada;

d) Separados: — No momento, constatamos um só caso, uma mulher separada que talvez tenha dificuldade em casar por ser cafusa, de traços negróides bastante acentuados; pois, também entre os Kaxúyana existe certa discriminação racial, não obstante o grupo já ter se mesclado anteriormente com mocambeiros negros, conforme o diagrama da genealogia que preferimos não divulgar ainda.

b) *Freqüência de casamentos e razões de separação*

TABELA 6

FREQÜÊNCIA DE CASAMENTOS E DAS RAZÕES DE SEPARAÇÃO — 1970

Casamento			Freqüência de casamentos anteriores					Freqüência das razões de separação					Casos de esterilidade	
Monogâmicas	Polígínicas	Total	1.ª vez	2.ª vez	3.ª vez	4.ª vez	Total	Morte do cônjuge: Viuvez com filhos	Morte do cônjuge: Viuvez sem filhos	Separação por falta de filhos	Outras razões	Total	Masculino	Feminino
15	-	15	12	8	3	-	23	7	8	2	6	23	-	2

SciELO

No presente, não existem casamentos poligínicos no grupo e, como já mencionamos, os monogâmicos são em número de 15, incluindo-se as cinco uniões mistas com Tiriyó.

Muitas dessas pessoas, atualmente casadas, já foram casadas anteriormente, seja uma, duas ou até três vezes, cuja freqüência respectiva de casamentos realizados no passado distribui-se da seguinte maneira : uma vez = 12 pessoas; duas vezes = 8 pessoas e, três vezes = 3 pessoas, o que daria um total de 23 casamentos realizados anteriores aos atuais.

Em seguida, temos as razões de separação desses 23 casamentos realizados antes, que se subdividem em duas categorias principais : por morte do cônjuge, ou seja, viuvez, e simples separação. Quanto ao primeiro, temos 7 casos de viuvez com filhos e 8 sem filhos, num total de 15 ocorrências causadas por falecimento de um dos cônjuges. No segundo caso, a simples separação do casal, 2 realizaram-se por falta de filhos e 6 por outras razões (incompatibilidade de gênios, etc.).

c) *Esterilidade*

Foram constatados dois prováveis casos de esterilidade : duas mulheres, ambas da faixa etária 40-44 anos, sendo que uma teve, até agora, apenas um aborto do sexo masculino, e a outra com somente um aborto cujo sexo não foi identificado. Em relação ao total de pessoas a partir dos 15 anos de idade (= 36) esses dois casos de esterilidade representam 5,6%; com respeito apenas ao número de mulheres a partir dos 15 anos de idade (= 17), teríamos 11,8%; em proporção ao total de pessoas casadas a partir dos 15 anos (= 36), mas excetuando-se as 7 solteiras, o percentual seria de 6,9%; com relação ao número de mulheres a partir dos 15 anos (= 17), mas excluindo-se as 3 solteiras, a percentagem seria de 14,2%.

Concepções

a) *Médias e Proporções de Concepções*

Quanto às concepções, a Tab. 7 apresenta informações pormenorizadas à respeito das quantidades por sexo em termos dos grupos de idade em que estavam situadas as mulheres prolíficas na ocasião da coleta de dados.

TABELA 7

CONCEPÇÕES POR SEXO SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS DAS MULHERES PROLÍFERAS VIVAS, EM 1970

Mulheres Prolíficas		CONCEPÇÕES									
		Filhos Vivos			Filhos Falecidos			Abortivos e Natimortos			Total
Faixa Etária	Freqüência	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
15-19	2	1	1	2	—	—	—	—	1	1	3
20-24	2	2	3	5	—	—	—	—	—	—	5
25-29	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
30-34	2	3	6	9	1	1	2	—	—	—	11
35-39	2	4	2	6	1	1	2	—	—	—	8
40-44	1	2	1	3	—	—	—	—	—	—	3
45-49	1	5	3	8	1	3	4	—	—	—	12
50-54	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
55-59	1	2	—	2	2	1	3	—	—	—	5
60-64	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
65-69	1	1	—	1	3	—	3	—	—	—	4
Total	12	20	16	36	8	6	14	—	1	1	51

Como se vê, da população feminina Kaxúyana a partir dos 15 anos de idade acham-se presentes nessa tabela de concepções 12 mulheres como sendo prolíficas porque, de acordo com a definição de trabalho anteriormente explicitada, estamos considerando como prolíficas aquelas mulheres que tiveram, no mínimo, uma criança nascida viva. Também anotamos inicialmente que, no decorrer deste trabalho, são registrados separadamente os *filhos nascidos vivos*, dividindo-se a coluna de concepções em *filhos vivos*, isto é, os filhos ainda vivos, *filhos falecidos*, ou seja, os filhos já falecidos, e as concepções *abortivas e natimortas*. Feita esta advertência, fica novamente esclarecido que os *nascidos vivos*, em todas as distribuições de freqüências das tabelas deste trabalho, compreendem os *filhos vivos* e os *filhos falecidos* das subdivisões da coluna indicadora das concepções, mas não os *abortivos e natimortos*, dentre os quais, também de acordo com a observação inicial, encontram-se as possíveis ocorrências de natimortos. No caso

dos Kaxúyana, porém, temos apenas um caso de abôrto realmente, não se tratando, portanto, de natimorto.

Segundo as informações obtidas, essas 12 mulheres prolíficas já teriam concebido 51 vezes, sendo 28 (= 54,9%) concepções do sexo masculino e 23 (= 45,1%) do sexo feminino, o que resulta numa média de 4,2 concepções por mulher : 2,3 de concepções masculinas e 1,9 de concepções femininas por mulher. Temos, então, 36 (= 31,4%) filhos ainda vivos, dos quais 20 (= 39,2%) homens e 16 (= 31,4%) mulheres; 14 filhos já falecidos (= 27,4%), sendo 8 (= 15,7%) do sexo masculino e 6 (= 11,7%) do sexo feminino; e 1 (= 2,0%) caso de aborto do sexo feminino.

b) *Relação Crianças/Mulheres*

Com base nos dados até aqui apresentados é possível calcular a relação crianças-mulheres de tres modos diferentes :

a) A pirâmide populacional acusa 15 crianças de 0-4 anos de idade e 15 mulheres compreendidas na chamada idade de reprodução (15 a 49 anos), resultando numa relação crianças-mulheres de 1 ou 100,0/100, conforme o procedimento demográfico mais comum;

b) No entanto, a Tab. 7 mostra que, dessas 15 mulheres de 15 a 49 anos registrados na pirâmide (cf. fig. 6), apenas 10 são, até o momento, mulheres prolíficas. Teríamos, então, 15 crianças em proporção a 10 mulheres, resultando numa outra relação crianças-mulheres que vem a ser de 1,5 ou 150,0/100;

c) Por sua vez, podemos ter um valor intermediário entre os dois anteriores porque duas mulheres compreendidas na época de reprodução (15 a 49 anos) não haviam tido nenhum filho nascido vivo, a não ser abortos — todas duas mulheres seriam do grupo etário 40-44 anos, sendo uma com um aborto do sexo masculino e a outra com um aborto cujo sexo não foi possível identificar — e, assim, teríamos 15 crianças para 13 mulheres (15 — 2) dando uma relação de 1,153 ou 115,3/100.

Mortalidade

A mortalidade antes e depois do início da época de reprodução é indicada na Tab. 8 com base nas informações da tabela de concepções de todas as mulheres prolíficas vivas (cf. Tab. 7) que apresenta 14 filhos já falecidos.

TABELA 8

MORTALIDADE ANTES E DEPOIS DO INÍCIO DA ÉPOCA DE REPRODUÇÃO — 1970

Faixa Etária	SEXO		
	Masc.	Fem.	Total
0- 1	2	2	4
1- 4	—	2	2
5- 9	—	—	—
10-14	—	1	1
Sub-Total	2	5	7
15 + anos	6	1	7
Total	8	6	14

Proporcionalmente considerada em relação a essa quantidade total de óbitos (= 14), a mortalidade atinge 50,0% (= 7) das pessoas a partir dos 15 anos e 50,0% (= 7) das pessoas que não atingiram o início do período de reprodução, ou seja, os 15 anos de idade; desses 50,0%, a maior quantidade é de mortalidade infantil (0-1 ano) proporcional com 28,6%, ou seja, considerada com respeito ao número total de óbitos (= 14), sendo 2 indivíduos do sexo masculino e 2 do sexo feminino. A mortalidade atinge 14,3% (= 2) das crianças do grupo etário 1 a 4 anos, decaindo em 50,0% da cifra anterior. A proporção restante, 7,1% (= 1) diz respeito ao grupo etário de 10 a 14 anos, perfazendo o total dos 50,0% acima mencionados. Quanto aos 50,0% restantes, não possuimos dados especificados que nos permitam situá-los nas respectivas classes de idade, já que esses índios não realizam a contagem de anos.

Todavia, esses casos de mortalidade infantil referem-se à época anterior da estadia dos Kaxúyana na Aldeia do Paru de Oeste. Portanto, a mortalidade infantil propriamente dita, ou seja, considerada

em termos do número de óbitos anuais de crianças de 0-1 ano em relação aos totais anuais de nascimentos, tem sido nula desde quando os Kaxúyana vieram para a Missão do Paru de Oeste em fevereiro de 1968; de fato, até 31 de março de 1970, ocorreu apenas o falecimento de uma pessoa adulta, enquanto que se verificaram nascimentos.

Ainda com respeito à mortalidade, nota-se que na pirâmide populacional dos Kaxúyana (cf. fig. 6) a chamada "linha de morte" não se destaca claramente porque em todas as classes etárias a partir dos 30 e até os 49 anos o total de pessoas é, numericamente, mais ou menos proporcional entre si. Contudo, a "linha de morte" provavelmente estaria entre 35 e 39 anos por ser, inclusive, uma das faixas mais fracas dentro do intervalo de 30 até 49 anos. Para chegarmos à conclusão sobre a provável faixa etaria da "linha de morte", distribuimos a população em 4 intervalos de classes, cujas proporções de pessoas seriam: 0-14 anos com 43,7% (= 29 pessoas), 15-29 anos com 29,7% (= 19 pessoas), 30-44 anos com 17,2% (= 11 pessoas) e a partir dos 45 anos com 9,4% (= 6 pessoas). Observa-se, então, que no último segmento (45 anos e mais) a presença de indivíduos é apenas um pouco maior que a metade do intervalo anterior (30-44 anos com 17,2%), significando que, praticamente, só a metade da população de 30-44 anos consegue sobreviver e ultrapassar os 44 anos de idade. Assim, o "deathline" estaria situado no segmento que vai dos 30 aos 44 anos e, como o ponto médio desse intervalo seria 37,5, provavelmente teríamos a "linha de morte" na classe etária dos 35 a 39 anos de idade.

Por outro lado, à propósito dos nascimentos, sabemos que, das 5 crianças indicadas no grupo de 0-1 ano de idade da pirâmide populacional, três nasceram nos últimos meses de 1969 e duas até 31 de março de 1970, data final do recenseamento Kaxúyana. Com relação aos nascimentos ocorridos no primeiro trimestre de 1970, em número de 2, ambos do sexo feminino, temos uma taxa bruta de natalidade igual a 0,0312 ou 3,12/100, enquanto o coeficiente bruto de mortalidade é zero porque não morreu ninguém nesse período de três meses. Em conseqüência, a taxa simples de incremento natural é, também, de 0,0312 ou 3,12/100.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

III. OS TIRIYÓ

NOTÍCIA HISTÓRICA

O nome desta tribo começa a ser mencionado, pelo que nos consta, no século XVIII (cf. Goeje, 1943 : 340) sob a denominação de "TRIO", forma de transcrição ainda hoje em uso no Suriname e na bibliografia holandesa. Porém, até o começo da nossa época, pouco se soube a respeito desses índios, a não ser que eram bastante hostís e "selvagens". Do século XVIII existem referências sobre vários subgrupos dos atuais Tiriyó, considerados independentes e autônomos naquela época, entre eles, os Aramagoto (Aramayana, Aramayó), Aramixó (Aramissó), Tarüpiyó (Tarípi, Tarípiyana), Paráwayana (Parábayana), Kirikiríyana (Kirikirigóto) e outros. Parte destes grupos teve amargas experiências com a civilização européia pelos contatos com a soldadesca lusa e com os caçadores de escravos (cf. Lombard, 1928 : 126). Existiram também relações superficiais com os missionários jesuitas (franceses) da região do Oiapoque (ibid.:145-55). Todavia, todos esses índios eclipsaram da história e eram tidos como extintos ou desaparecidos (Gillin, 1948 : 802) até o seu redescobrimento como atuais subgrupos Tiriyó, por Frikel (1960 : 3).

No século XIX, "TRIO" são mencionados por Schomburgk (1834 : 472; 479) que passou por algumas das suas aldeias na região do Courantyne. Há mais freqüentes referências sobre eles pelos viajantes do século XX : Goeje (1906), O. Coudreau (1901), Cruls (1930), Rondon (1953), L. Schmidt (1942), Braz Dias de Aguiar (1943) e Frikel (1950 em diante). Em 1959, a FAB (Força Aérea Brasileira) abriu um campo de pouso no Paru de Oeste, perto da aldeia principal dos índios. Atendendo a um convite da FAB, os Franciscanos estabeleceram uma Missão entre eles, servindo de centro cultural e religioso. De modo semelhante, missionários americanos erigiram duas Missões protestantes entre os Tiriyó do lado do Suriname, em Araraparu e no Rio Parúmã, sendo esta última, ao que parece, mais tarde transferida para o médio rio Tapanani (Tapanahoni) Com a vinda das Missões e da aviação começou a sentir-se a influên-

cia dos diversos tipos de civilização (surinamense/americana e brasileira) que resultaram em modificações do antigo estilo da vida indígena. Houve mudanças em todos os níveis culturais e começos de aculturação.

Os Tiriyó pertencem à família lingüística karib. Falam, todavia, um dialeto diferente dos Kaxúyana e Ewarhoyána que agora moram entrosados com eles. Sua extensão territorial, até a fundação das Missões, abrangia as terras desde o rio Trombetas/Panamá, ao oeste até o Paru de Leste, chamado por eles Okômokê; e desde os campos gerais do Paru de Oeste, ao sul do Tumucumaque, até o alto Tapananí (Tapanahoni) e Parúmã (Paloemeu) ao norte, em território de Suriname. Isto significa que os Tiriyó ocuparam ambos os lados das serras divisórias do Tumucumaque, numa extensão de 200 x 100 km aproximadamente. Também essa extensão mudou e diminuiu ao se estabelecerem as Missões.

Histórico populacional

Antigamente, os Tiriyó e seus subgrupos parecem ter sido bastante populosos. Lombard (1928 : 144) assinala uma série de cálculos populacionais à base de indicação dos setecentistas. Menciona entre eles os "Armagotu" (Aramagoto, etc.), com 100 famílias, ou sejam, 400 pessoas. Os descendentes desses "Armagotu" ainda hoje em dia formam uma parte essencial dos componentes dos Tiriyó brasileiros. Possuimos informações indígenas que, outrora, a tribo se compôs de (pelo menos) 18 subgrupos. Se fosse válido aplicar, como média de então, as cifras acima relatadas, obteríamos um total de aproximadamente 7000 indivíduos. Todavia, este número nos parece pouco provável.

Assim como tais cálculos para o passado (séculos XVII-XVIII) não passam de muito vagos, com bases fracas e deficientes, também não temos dados exatos para o século XX e mesmo para o momento atual. De Goeje (1905 : 25) dá referências sobre a população de algumas aldeias, insuficientes para tirar médias ou para tentar uma reconstrução populacional válida. Em outro lugar, De Goeje indica um total de, mais ou menos, 800 Tiriyó, dos quais 300 em Suriname e 500 no Brasil (apud Schmidt, 1942 : 49). Schmidt visitou 25 aldeias Tiriyó em suas viagens entre 1941/42, enumerando até "nominatim" seus habitantes, num total de 687 pessoas, colocando 226 em Suriname e 461 no Brasil (Schmidt, 1942 : 49). Porém, também as suas in-

dicações não alcançam o total real das aldeias e de seus moradores. A média de habitantes por aldeia, à base da indicação de Schmidt, seria de 28 pessoas. Frikel (1958 : 117), com dados ainda precários, calculou os Tiriyó, para os primeiros anos da década de 1950, em 1000 a 1200 indivíduos, ocupando mais de 30 aldeias com uma média de, aproximadamente, 30 habitantes por aldeia. Embora conseguindo, mais tarde, corrigir alguns dos dados, obtendo notícias de 42 aldeias com situação definida, etc., o cálculo de 1000 a 1200 índios não sofreu alteração sensível. Na década de 1950/1960 surgiram várias epidemias (Frikel, 1960 : 5), dizimando os Tiriyó, extinguindo até aldeias inteiras (p. ex., no rio Tapananí), reduzindo o seu contigente populacional por um terço ou até pela metade. Atualmente, talvez existam cerca de 700 a 800 Tiriyó, excluindo-se os grupos arredios (Akuriyó, Wáma (ou Wayáma) etc.). A partir de 1960, surgiram no Tumucumaque os três núcleos missionários acima mencionados, concentrando todas as aldeias Tiriyó nessas três Missões. Segundo uma estatística levantada em 1970 e que nos serve de base para este estudo, o número dos Tiriyó no alto Paru de Oeste é de 222. Os restantes presumíveis 500 a 550 vivem no lado de Suriname, dos quais não possuimos dados demográficos. Para uma melhor coordenação, gostariamos de apresentar as referências feitas numa pequena tabela.

TABELA 9

ESTIMATIVAS DO TOTAL DA POPULAÇÃO TIRIYÓ

Autor	Ano	POPULAÇÃO			Aldeias	Média de Habitantes
		Brasil	Suriname	Total		
De Goeje ..	1906	500	300	± 800	...	...
Schmidt ...	1942	461	226	687	25	28
Frikel	1958	...	...	± 1000/1200	42	± 30
Frikel	1970	222	± 500/550	± 700/ 800	3 Missões	± 250

Nessa tabela destacam-se dois pontos de importância :

a) Uma diferença bastante alta entre as indicações de De Goeje/Schmidt por um lado, e as de Frikel/1958 por outro, tanto nos cálculos do total populacional, como também na quantidade das al-

deias, enquanto o cálculo das médias de habitantes por aldeia aproxima-se bastante. Existe, contudo, uma explicação razoável para essas divergências. A diminuição de 1000/1200 para 700/800 de Frikel em 1958 e 1970 foi explicada, anteriormente, pelas epidemias importadas e nas quais o mencionado pesquisador contribuiu para a sua extinção na área do Paru de Oeste. Para compreender as diferenças entre as cifras de De Goeje/Schmidt e Frikel/1958, deve-se considerar o seguinte: Tanto De Goeje como Schmidt conheceram somente parte do território Tiriyó. De Goeje, principalmente o dos Tiriyó do Suriname. Schmidt penetrou mais profundamente em território brasileiro, conhecendo muito mais aldeias, pessoalmente, que aquele. Todavia, Schmidt não menciona e não inclui, p. ex., as aldeias dos Tiriyó-Maraxó no rio Pönama (Panamá), onde existiram em número de 6 [13]. Do mesmo modo, faltam as três aldeias da região do Iriki-Turũganê, região intermediária entre o Chitaré e o Paru de Oeste. Schmidt relata 9 aldeias no Chitaré; porém, nos seus afluentes havia outras não incluídas por ele. Os Tiriyó, por motivos que desconhecemos, abandonaram aquela região, transferindo-se para as imediações do Paru de Leste, onde, até 1965, mais ou menos, existiam 14 aldeias, isto é, mais 5 em relação às citadas por Schmidt. Com este aumento numérico de aldeias ignoradas ou não visitadas por Schmidt, chega-se também perto das 42 de Frikel. A multiplicação da média de habitantes por aldeia de Schmidt (que é de 28 pessoas) com o número aumentado de aldeias (agora num total de 39) dá como resultado, igualmente, uma soma superior a 1000. É nossa opinião que, para os Tiriyó do século XX, o efetivo populacional normal ficaria na altura de 1000 indivíduos ou um pouco mais. Embora a atual avaliação (700/800), devido às circunstâncias de epidemias, etc., relatadas, fique abaixo dessa cota, julgamos que, excluindo-se fatores imprevisíveis, os Tiriyó terão recuperado, talvez dentro de uma geração, seu tamanho populacional "normal". As estatísticas mais adiante apresentadas mostrarão que os Tiriyó, demograficamente, estão em linha ascendente.

b) Outro fato que da Tabela 9 resulta é o conhecimento de que houve uma inversão na situação populacional entre os Tiriyó do Brasil e de Suriname. Segundo os dados de De Goeje e Schmidt, vi-

---

(13) — A existência das aldeias Maraxó no rio Panamá, formador esquerdo do rio Trombetas, já foi assinalada em 1936 pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (Aguiar, 1943 : 53; 88). Portanto, já existiam no tempo de Schmidt; e continuaram a existir até 1965 aproximadamente. Parte dessas aldeias foi visitada por Frikel, em 1953 (cf. Frikel, 1958 : 163).

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

viam em Suriname, aproximadamente, um terço dos Tiriyó e no Brasil cerca de dois terços. Hoje, é o contrário. Este fato se explica pelo sistema de missionização protestante, atraindo os índios brasileiros para o lado de Suriname e encampando-os em suas Missões. O resultado deste processo é que hoje não existem mais aldeias Tiriyó, mas somente núcleos missionários onde todos os Tiriyó estão agregados.

POPULAÇÃO DA ALDEIA DO PARU DE OESTE, EM 1959, 1968 E 1970

Trataremos, em seguida, dos Tiriyó em território brasileiro, todos moradores no alto Paru de Oeste. Ficam excluídos, por conseguinte, os índios Tiriyó residentes nas Missões de Suriname.

Como já aludimos, segundo levantamento feito em 1970, eles são em número de 222, sendo 103 homens e 119 mulheres, como mostra o gráfico da pirâmide populacional dividido em faixas etárias de cin-

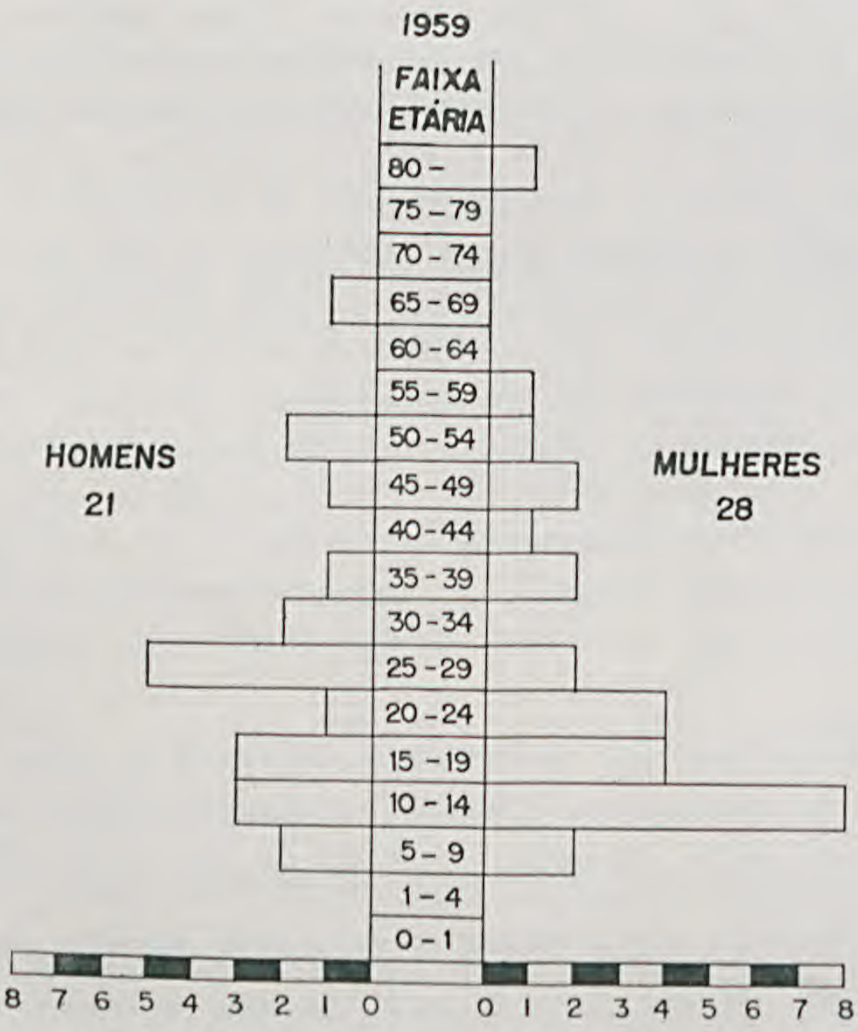


Fig. 7-a — Pirâmide populacional dos Tiriyó do Paru de Oeste: Ano 1959

co anos (14). Foi possível também elaborar as pirâmides populacionais dos anos de 1959 e 1968 nos mesmos critérios da atual (cf. fig. 7). A pirâmide de 1968 foi feita com base em informações coletadas em pesquisa de campo naquele ano, como também a de 1959, de cujas informações se dispunha desde a ocasião em que foi construído o "Pouso Tiriós" da FAB (Força Aérea Brasileira) (Fig. 7).

TABELA 10

COMPOSIÇÃO POR SEXO E IDADE DOS TIRIYÓ DA ALDEIA DO PARU DE OESTE, EM 1959, 1968 E 1970

SEXO / ANO	INTERVALO ETÁRIO				(M ± đ)
	0-14	15-29	30 +	Total	
Agosto 1959:					
Homens	5	9	7	21	27,6 ± 16,5
Mulheres	10	10	8	28	26,6 ± 20,2
Total	15	19	15	49	—
%	30,6%	38,8%	30,6%	100,0%	—
Razão por Sexo	50,0	90,0	87,5	75,0	—
Outubro/Novembro 1968:					
Homens	30.	34	25	89	25,4 ± 18,3
Mulheres	30·	37	28	99·	28,2 ± 22,1
Total	64	71	53	188	—
%	34,0%	37,8%	28,2%	100,0%	—
Razão por Sexo	88,2	91,9	89,3	89,9	—
31-3-1970:					
Homens	42	35	26	103	23,5 ± 17,7
Mulheres	44	44	31	119	26,9 ± 21,7
Total	86	79	57	222	—
%	38,7%	35,6%	25,7%	100,0%	—
Razão por Sexo	95,5	79,5	83,9	86,6	—

(14) — O levantamento populacional abrangeu todos os elementos que se encontravam residindo no lado brasileiro. Todavia, há uma certa percentagem de indivíduos com um tipo de dupla residência, morando parte do tempo no Brasil e parte no Suriname, conforme as circunstâncias. É uma espécie de população "flutuante" que está incluída no levantamento.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

A utilidade desses tres instantâneos consiste em possibilitar algumas comparações e conclusões sobre a evolução das estruturas demográficas dos Tiriyó em questão no período de tempo considerado. Todavia, certas transformações demográficas pelas quais vem passando os Tiriyó da aldeia do Paru de Oeste, como já sugerem e ilustram as pirâmides, podem ser melhor sentidas e avaliadas com o auxílio da Tab. 10, na qual se tem uma pequena síntese estatística dos três gráficos apresentados. A exposição aritimética dos resultados, feita em tres intervalos etários (0-14, 15-29, 30 e mais anos) parece oferecer elementos mais seguros para algumas considerações sobre esse substancial processo recente de modificação estrutural, desde que não se perca de vista o retrato apresentado pelas pirâmides.

Com efeito, no ano imediatamente anterior à instalação da Missão (em 1959), a proporção de pessoas com 15-29 anos de idade era de 38,8% (= 19), enquanto a população restante dividia-se em parcelas iguais de 30,6% (= 15) pelas outras classes de idade (0-14 e 30 + anos). Aqui, torna-se importante prestar atenção para este fato: na população que no início se encontrava na aldeia do Paru de Oeste, a

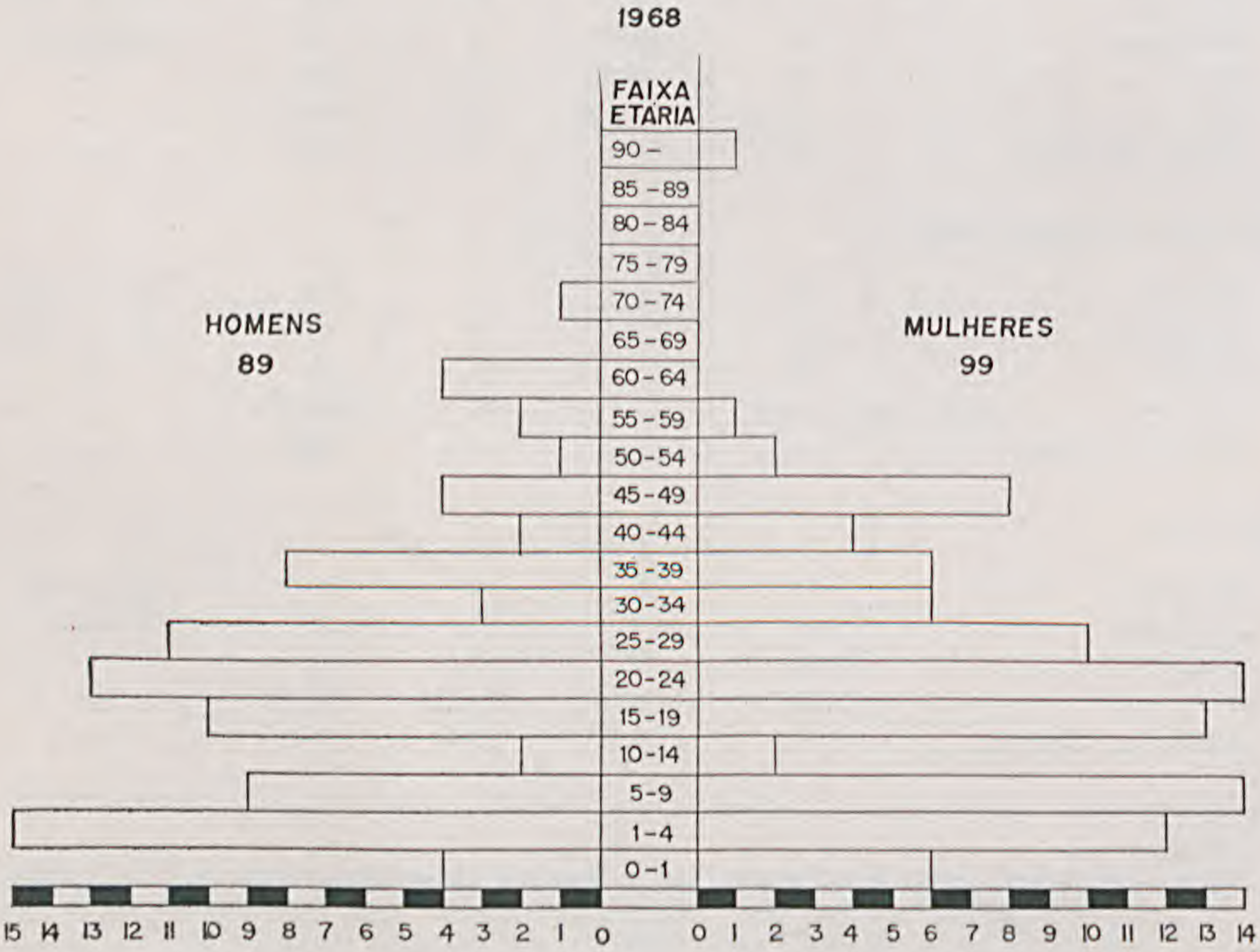


Fig. 7-b — Pirâmide populacional dos Tiriyó do Paru de Oeste — Ano 1968

participação relativa do primeiro grupo (0-14 com 30,6%) não chegava a ser maior que a do último, apenas conseguindo ser igual à proporção de pessoas com 30 + anos (= 30,6%). Ao contrário do que vem a acontecer posteriormente, conforme ficará claro no decorrer deste trabalho, quando os percentuais do primeiro intervalo de classe (0-14), tanto em 1968 (= 34,0%) como no primeiro trimestre de 1970 (= 38,7%), superam os percentuais registrados no último segmento (30 + anos); sobretudo neste último ano.

Leve-se em conta, além do mais, que em 1959 há dois grupos de idade (0-1 e 1-4) do primeiro intervalo (0-14) sem a presença de nenhuma pessoa, pois, de fato, não havia nenhuma criança de até os 4 anos de idade. De outro lado, o terceiro segmento considerado pela tabela (30 + anos) abrange um intervalo etário muito maior que os dois primeiros, pois vai desde os 30 anos até os 84 anos aproximadamente, no qual se notam classes de idades sem a existência de nenhuma pessoa também (60-64, 70-74, 75-79), como se vê na pirâmide (cf. fig. 7). Por conseguinte, não só em termos de uma visão de conjunto do resumo do efetivo populacional, como permite a Tab. 10, mas também observando-se certos detalhes importantes como são os apresentados pela pirâmide, o segmento intermediário (15-29) desfruta de

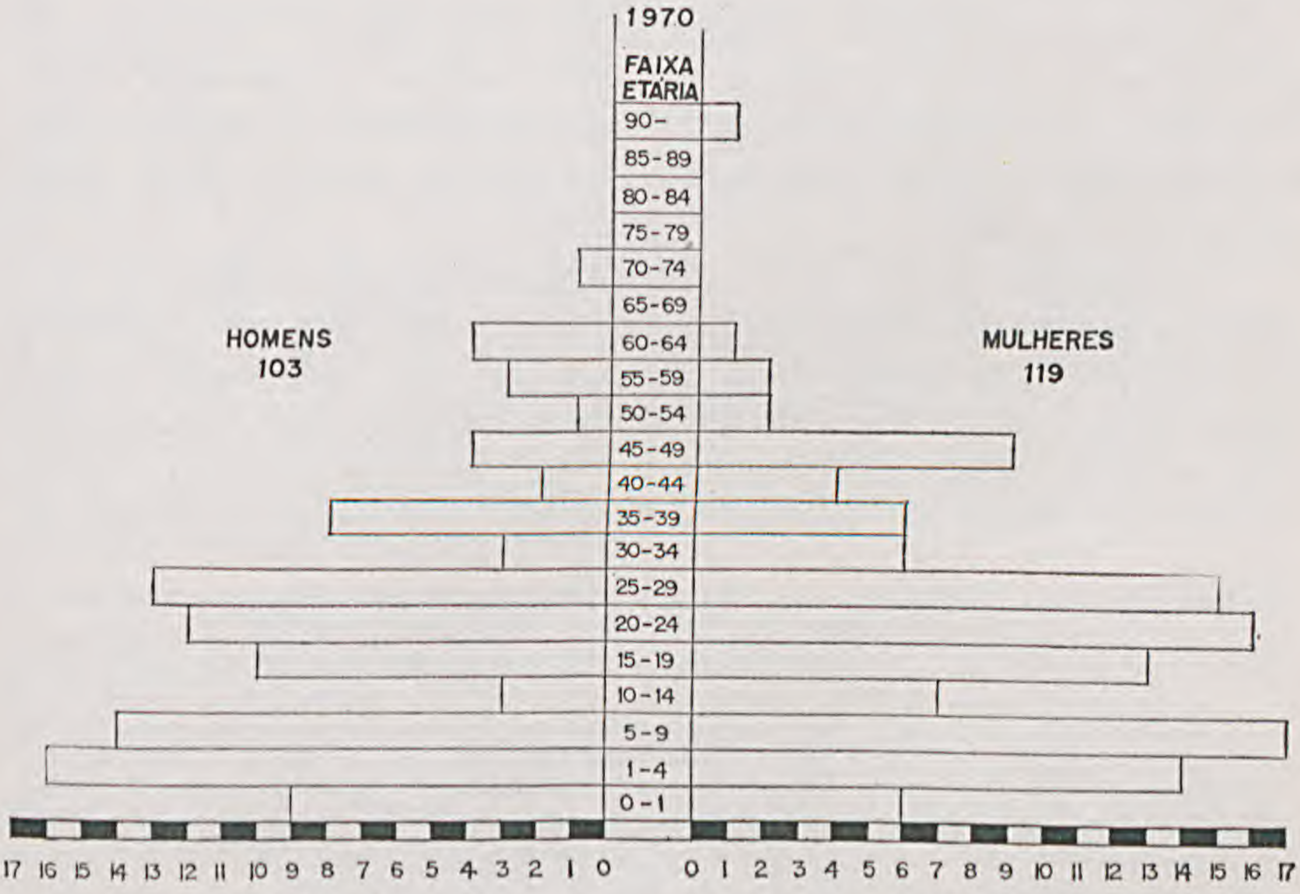


Fig. 7-c — Pirâmide populacional dos Tiriyó do Paru de Oeste — Ano 1970

melhores condições demográficas quantitativas. De tal modo que a simples soma dos percentuais expressados pelos dois primeiros intervalos (0-14 com 30,6% e 15-29 com 38,8%), o que resulta em deter quase 70,0% do total da população — precisamente 69,4% —, não oferece garantias suficientes para se afirmar que essa participação relativa de 69,4% indicava a existência de um potencial demográfico que, por si mesmo, apresentasse condições quantitativas excepcionais de recuperação populacional do grupo.

Por outro lado, o mesmo grupo etário intermediário (15-29), detentor de uma participação relativa maior de pessoas (= 38,8%), também apresentava a razão por sexo mais elevada e bem mais próxima de 100 (= 90,0), enquanto o de menor razão por sexo era o primeiro segmento (0-14) com 50,0 — quer dizer, para cada grupo de 100 mulheres, naquele primeiro caso (15-29 anos), haveriam 90 homens [15], e, no segundo (0-14 anos), para cada grupo de 100 mulheres a disponibilidade de homens seria de 50. Nota-se, por conseguinte, um acentuado "desequilíbrio numérico" na composição por sexo da primeira classe de idade (0-14) em relação às outras duas, pois a proporção por sexo do último intervalo (30 + anos) era de 87,5, aproximando-se bastante do que estava ocorrendo com o segmento intermediário (15-29) que era de 90,0.

A título de hipótese e a julgar pelo que se observa nos anos posteriores, vale a pena sugerir que isso pode indicar o grupo como estando afetado por circunstâncias que o teriam conduzido a uma situação demográfica caracterizada, de modo alternado ou até simultâneo, pelos seguintes aspectos :

A possível ocorrência de uma reduzida taxa de natalidade. Por certo, essa taxa seria tão baixa, como talvez estivesse em significativo declínio. E/ou haveria uma provável taxa de mortalidade, na primeira classe etária (0-14), tão elevada e por demais superior a que estaria se processando com as pessoas que conseguiam ultrapassar os 30 anos de idade [16]; o primeiro intervalo (0-14) nem ao menos re-

---

(15) — Ou, se se preferir — visto que a população total não chegava a ser igual a 100 —, para cada grupo de 10 mulheres haveriam 9 homens.

(16) — É bem possível que essa mortalidade elevada não fosse apenas quanto à infantil (0-1), mas, também, fosse grande em relação às outras faixas etárias de 5 em 5 anos do primeiro intervalo (0-14). Embora com dados prejudicados, Frikel calculou, no início de suas pesquisas sobre os Tiriyó, a mortalidade infantil em aproximadamente 30 a 40%; a realidade, porém, mostra uma proporção mais alta ainda para a época mais recente, conforme a Tab. 19. Por outro lado, sabe-se que, em conseqüência de contatos com expedições, só numa aldeia teriam falecido, pelo menos, 25 índios em 1952 e, em outra aldeia, 17 em 1958 (Frikel, 1960 : 5), além de outros casos talvez menos marcantes.

SciELO

gistrava uma proporção de indivíduos que fosse levemente superior à quantidade de pessoas a partir dos 30 anos de idade, embora já apresentasse, de fato, uma parcela igual (= 30,6%), quanto mais com relação à proporção de pessoas da faixa intermediária (15-29 anos) que era de 38,8%. A exemplo do que vem a acontecer cerca de nove anos depois, em 1968, quando, inclusive, a diferença percentual entre o primeiro intervalo (0-14 anos com 34,0%) e o último (30 + anos com 28,2%), já é em torno de 6% a favor daquele; e, sobretudo, nos primeiros tres meses de 1970, pois, já então, se observa o primeiro segmento acusar uma participação relativa de 38,7%, a qual é superior à proporção de pessoas tanto do segmento intermediário (15-29 anos com 35,6%) quanto do último grupo (30 + anos com 25,7%). É bem provável, aliás, que a elevadíssima mortalidade, que estaria possivelmente ocorrendo com as pessoas de até 14 anos, antes de 1959, estivesse afetando muito mais os homens que as mulheres, tendo em vista a composição por sexo apresentada pela população naquele ano. Seja como for, o fato é que o número dos nascimentos vinha sendo incapaz de recompor a população e seu equilíbrio quantitativo em face do número de mortes que se verificava [17]. A esse respeito Ribeiro (1956 : 34) opina que "Vasta documentação, embora toda ela indireta, nos mostra que as tribos indígenas brasileiras, nas condições originais de isolamento, raramente apresentavam população em incremento".

De qualquer modo ,o que vem a ser importante, no momento, seria estabelecer o ponto de partida, imediatamente anterior ao surgimento da Missão, para a atual situação demográfica dos Tiriyó da aldeia do Paru de Oeste. Assim sendo, levando-se em conta o grupo de pessoas que residia no local onde se deu a instalação da Missão Franciscana em 1960, essa população Tiriyó, ao que indicam as informações disponíveis, apresentava fortes sintomas de um quadro semelhante a uma população de tipo regressivo peculiar. Grosso modo, poder-se-ia representá-la imaginando uma pirâmide cuja base fosse estreita e de forma aproximada a do vértice, mas com a parte central um pouco abaulada, quase como um losango.

Em 1968, porém, além de atingir um total de 188 pessoas, a população já apresenta um quadro diferente do efetivo inicial do ano

(17) — Quanto à baixa taxa de nascimentos, temos conhecimento de que os Franciscanos, percebendo essa situação, procuraram, com um tipo de campanha esclarecedora sobre as conseqüências da falta de filhos, e/ou de abortos sistematicamente provocados, incentivar a procriação, estimulando o interesse pelos filhos e indicando-lhes o perigo da extinção do grupo. Os missionários chegaram a essa atitude não por indicação de estatísticas levantadas, mas pela observação cotidiana dos fatos reais.

imediatamente anterior (1959) à vigência do período missionário. Realmente, conforme começamos a mencionar antes, o segundo intervalo (15-29 anos), com 37,8% do total de pessoas, ainda representa a maior participação relativa. Contudo, o primeiro segmento (0-14 anos) já acusa uma proporção de 34,0%, a qual não é tanto inferior ao segmento intermediário, como acontecia em 1959; e até mesmo chega a ser superior à quantidade de indivíduos com 30 + anos de idade (= 28,2%). Além do que, a composição por sexo, entre os grupos etários considerados, registra um equilíbrio quantitativo bem pronunciado.

Finalmente, no momento atual (o primeiro trimestre de 1970), o efetivo populacional é de 222 pessoas. Em conseqüência, a feição demográfica do grupo modifica-se bastante. Já não se trata mais, a julgar pelos elementos que dispomos, de uma população com aquelas características de um tipo regressivo. Como se pode verificar na Tab. 10, os Tiriyó do Paru de Oeste encontram-se no curso de um significativo processo de recuperação populacional. O padrão estrutural revelado pela composição demográfica do grupo não é mais aquele de 10 anos atrás. Agora, o resultado do comportamento das estruturas demográficas, ao longo desse tempo, indica uma população em acentuado crescimento, recuperando-se das baixas sofridas por epidemias, etc.

Na verdade, a transformação demográfica que se verifica não é o resultado único e exclusivo do crescimento vegetativo do estoque inicial que lá se encontrava em 1959. Nem se está pretendendo afirmar tal coisa, pois há também o problema da remigração e emigração indígenas. Esse lento regresso de população do Suriname ao território brasileiro — e a vinda de índios das outras aldeias em território brasileiro para a aldeia do Paru de Oeste —, ocorrendo sem que se tenha um controle estatístico seguro do movimento, tem a sua devida importância e dificulta o cálculo de uma taxa exata de incremento anual, porque não se dispõe do efetivo total de pessoas ano a ano, razão pela qual não podemos calculá-la com a exatidão que seria de desejar.

Resumidamente, porém, para o incremento populacional por nascimentos podemos adiantar o seguinte : primeiramente, os nascimentos em conseqüência de uniões consensuais já existentes antes de 1960, ou seja, do estoque inicial de pessoas; em segundo lugar, há que levar em conta os casais remigrados (com ou sem filhos), os quais, por sua vez, ainda teriam procriado na aldeia da Missão; e, afinal, os nascimentos em conseqüência de casamentos de filhos de remigrados

SciELO

com pessoas existentes na Missão, sejam as do efetivo populacional inicial, sejam as que foram para lá posteriormente.

Em todo caso, como estamos nos referindo à uma população indígena existente num determinado lugar (a aldeia da Missão no alto Paru de Oeste) — e assim é que devem ser vistos os dados que estão sendo fornecidos —, apresentamos, em linhas gerais, o crescimento dessa população na Tab. 11.

TABELA 11

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO TIRIYÓ DA ALDEIA DO PARU DE OESTE

ANO	POPULAÇÃO		
	Absoluto	Índices	Taxas %
1959	49	100	—
1968	188	384	284
1970	222	453	353

Nessa linha de procedimento, observa-se que, com relação ao ano base (= 1959), a população cresceu, em 1968, de 284%, e aumentou de 353% até o primeiro trimestre de 1970. De outro modo, o aumento percentual no primeiro período (1959 a 1968) é de 284%, enquanto a mudança percentual entre os anos do último período (1968 a 1970) é de 18%. Assim, pode-se ter uma idéia do grau de crescimento, o qual, todavia, não deixa de ser uma medida muito relativa; nem, tampouco, se trata, a rigor, de uma taxa de crescimento anual (18).

Em termos absolutos, portanto, temos um acréscimo de 173 pessoas de 1959 para o primeiro trimestre de 1970, ou seja, 353% em relação ao ano base de 1959. Se considerarmos, no entanto, que, no período missionário, 84 pessoas são sobreviventes dos 101 nascimentos

(18) — A título de ilustração queremos fazer referência ao cálculo que a Profa. Maria José Oliveira e Silva teve a gentileza de fazer para nós, utilizando a fórmula $P_i = Po \ (1 + r)^t$, onde $P_i = 188$, $P_0 = 49$ e t = 9 anos, que deu cionais seriam as seguintes: 1960 = 57, 1961 = 66, 1962 = 77, 1963 = como resultado uma taxa média anual de 11,6%, cujas estimativas popula- 89, 1964 = 103, 1965 = 119, 1966 = 138, 1967 = 160, 1968 = 186, 1969 = 216, e para o ano de 1970 = 250. Nota-se que a estimativa para 1968 seria de 186, enquanto o dado verificado é de 188, e que, por outro lado, para o ano de 1970, temos apenas o 1º trimestre com 222 pessoas, enquanto o cálculo feito é para o ano inteiro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

que ocorreram na Missão (cf. Tabs. 21 e 22), além de terem ocorrido 12 óbitos de pessoas não nascidas na Missão, pode-se ter uma idéia aproximada do peso relativo do crescimento vegetativo e da remigração nesse aumento populacional que se verifica, embora reconhecendo ser difícil avaliá-lo estatisticamente. Podemos, porém, chegar próximo da realidade, senão vejamos :

A população atual é de 222 pessoas, o incremento absoluto sobre o ano base (= 1959) é de 173 pessoas até o primeiro trimestre de 1970 e o número de sobreviventes durante o período missionário é de 72, visto que houve 101 nascimentos e 29 óbitos (cf. Tabs. 23 e 24). Restariam, desse modo, 101 pessoas (173 menos 72) que podem ser consideradas, em parte, vindas do próprio território brasileiro (região do Iriki) e, em parte, remigrantes da população indígena atraída para o Suriname. Resulta que o peso relativo dos dois elementos (crescimento vegetativo e remigratório) até que não seria muito desiquilibrado, a saber : 72 de crescimento vegetativo (= 41,6%) e 101 de movimento remigratório (= 58,4%), embora a contribuição deste último seja maior que a daquele.

Podemos considerar ainda, em separado, a população feminina daqueles anos.

TABELA 12

POPULAÇÃO FEMININA TIRIYÓ ANTES, DURANTE E DEPOIS DO PERÍODO FÉRTIL, EM 1959, 1968 E 1970

ANO	INTERVALO ETÁRIO			
	0 - 14	15 - 49	50 +	Total
Agosto 1959 :				
Total	10	15	3	28
%	35,7%	53,6%	10,7%	100,0%
Outubro/Novembro 1968 :				
Total	34	61	4	99
%	34,4%	61,1%	4,0%	100,0%
31-3-1970 :				
Total	44	69	6	119
%	37,0%	58,0%	5,0%	100,0%

A Tab. 12 evidencia o comportamento da estrutura etária da população feminina em termos de três intervalos distintos, nos momentos em que se dispõe da pirâmide populacional dos Tiriyó da aldeia do Paru de Oeste, a saber : antes do segmento que estamos adotando para estabelecer o período fértil (0-14 anos), durante a idade de reprodução (15-49 anos) e depois dessa época (50 e mais anos). Verifica-se que, nos anos de 1959, 1968 e no primeiro trimestre de 1970 a maior proporção de pessoas do sexo feminino acha-se no segmento intermediário, ou seja, a idade reprodutiva (1959 = 53,6%; 1968 = 61,1%; 1970 = 58,0%), a qual cresce em termos absolutos ao longo desse período, mas decai em participação relativa de 61,1%, em 1968, para 58,0% em 1970. Ocorre, porém, que o ano de 1970 compreende apenas os meses de janeiro, fevereiro e março, ou melhor, até o dia 31 de março, quando se deu o encerramento da coleta dos dados. Desse modo, a constatação a ser feita é que, tanto em números absolutos como proporcionalmente, a participação de pessoas do sexo feminino na época de reprodução, em apenas três meses do ano de 1970, já é superior ao que ocorria na estrutura etária que serviu de partida para a atual situação demográfica dos Tiriyó do Paru de Oeste, isto é, agosto de 1959. De outro lado, essa queda percentual em 1970 — mesmo tendo ocorrido incremento absoluto (1959 = 15; 1968 = 61; 1970 = 69) e além de corresponder a somente um trimestre —, sem dúvida, é, em parte, causada pelo aumento absoluto de mulheres que se verifica de 1968 para 1970, tanto antes do período fértil, como após o limite máximo desse intervalo etário, não só em termos absolutos como percentuais. Aliás, o fato de ter ocorrido crescimento absoluto, acompanhado de decréscimo proporcional correspondente a esse aumento quantitativo, já revelaria esse comportamento das estruturas etárias consideradas, o que, realmente, acontece. Por outro lado, mesmo tendo se processado um declínio percentual, a participação relativa de pessoas do sexo feminino no período reprodutivo em 1970 (= 58,0%) está bem mais próximo do percentual apresentado em 1968 (= 61,1%) que é o ano de maior proporção.

Há a observar, ainda, o aumento absoluto contínuo que vem se verificando quanto ao número de mulheres antes do período fértil (0-14 anos) em 1959 (= 10), 1968 (= 34) e primeiro trimestre de 1970 (= 44), embora, proporcionalmente, a participação relativa tenha decaído de 1959 (= 35,7%) a 1968 (= 34,4%), para depois recuperar e ultrapassar as duas quantidades anteriores no primeiro trimestre de 1970 (44 = 37,0%). Essa queda, em termos estatísticos, é provoca-

da, em grande parte, pelo brusco incremento que se observa, no intervalo que delimita o período fértil, de 1959 para 1968.

"ESTADO CIVIL"

a) *Casamentos* — Os casamentos monogâmicos, em número de 55, deveriam resultar em 110 pessoas. Mas, precisa-se levar em conta que há 5 casamentos com Kaxúyana, cujos elementos (1 mulher e 4 homens) devem ser descontados do total por não serem Tiriyó. Além disso, de dois casamentos entre Tiriyó, um dos cônjuges, em cada casal, estava ausente por ocasião do levantamento, não sendo, portanto, fichado, nem fazendo parte da pirâmide populacional. Devido essas circunstâncias, o total anotado de pessoas casadas em uniões monogâmicas é de 103. Quanto aos casamentos poligínicos, em número de 4, ou seja, de 4 homens com um total de 11 mulheres — 2 homens, cada um com 2 mulheres; 1 com 3 mulheres; e 1 com 4 mulheres —, que deveriam dar 15 pessoas, deve-se considerar que, na ocasião da pesquisa de campo, duas dessas mulheres estavam ausentes, não sendo, igualmente, fichadas, razão por que não estão computadas na pirâmide populacional. Devido a esse fato, o total anotado de pessoas casadas, em uniões poligínicas, é de apenas 13. Desse modo, aquelas 103 pessoas em casamentos monogâmicos, com essas 13 em uniões poligínicas, perfazem um total de 116 pessoas casadas na população Tiriyó apresentada neste trabalho, embora na realidade sejam 120 pessoas casadas (105 monogâmicos e 15 poligínicas).

TABELA 13

"ESTADO CIVIL" TIRIYÓ, EM 1970

Casamentos			Solteiros			"Viúvos"			"Separados"			Total de pessoas (15+anos)
Monogâmicos	Poligínicos	Total pessoas casadas	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
55	4	116	7	7	14	—	5	5	—	1.	1.	136

Com relação aos solteiros, "viúvos" e separados, deve-se dizer que, basicamente, são "estados civis" transitórios. Quanto aos solteiros, cujo número é relativamente elevado (= 14), pode-se destacar que, praticamente, todos estão no início da faixa de 15 a 19 anos e, na maioria das vezes, já prometidos para o casamento. Solteiros de

SciELO

mais idade, em geral, não casaram por serem portadores de algum "mal" físico ou mental. As "viúvas", normalmente procuram outro homem logo depois da morte do cônjuge, a não ser que se tratem de pessoas de idade muito avançada. Os separados, em geral, não demoram a casar novamente; por isso é raro encontrar indivíduos separados e, como se vê na Tab. 13, encontramos apenas uma mulher com esse "estado civil".

Para os Tiriyó, não nos foi possível fazer a genealogia "completa" do grupo com seu respectivo diagrama devido seu tamanho populacional, o que resulta na dificuldade de determinar, para o total do grupo, o número ou a percentagem mais ou menos aproximada de casamentos entre parentes consanguíneos ou classificatórios, mais fácil de fazer com genealogias de grupos menores. Por causa disso, resolvemos oferecer somente um segmento, constituído por uma "linhagem/sub-linhagem" que, ao mesmo tempo, apresenta uma pequena genealogia familiar. Embora talvez não refletindo a situação geral do grupo, mostra, contudo, a intrusão de componentes de outras "linhagens", intrusão necessária por se tratar de grupos patrilineares, além dos casos de casamentos entre linhagens "aparentadas" (do mesmo grupo) e as possibilidades de casamentos entre parentes consanguíneos ou classificatórios, conforme o diagrama anexo (Fig. 8).

Para o estabelecimento da "linhagem" Prôyana que aqui serve de ponto de saída para o estudo, colaboraram mais 5 outras "linhagens" diferentes, a saber : Própe, Maraxó, Pianakotó, Okômoyana e Kirikiríyana, além de alguns elementos cuja origem não foi possível determinar. Ligação mais estreita encontra-se entre os Prôyana e os Própe com os pontos de contato mais próximos em Maritü (Prôyana) e Xokófö (Própe), tendo as duas "linhagens" suas bases ainda controláveis em Pexúra (Prôyana) e Mawíriki (Própe). Desses dois tomados, consideramos apenas aqueles filhos que tem algum interesse para a feitura do diagrama, sejam eles ainda vivos ou já falecidos, ou ainda filhos de uniões anteriores aos casamentos indicados. Assim, por exemplo, Marítü (Prôyana) teve 6 filhos de seu último casamento (4 homens e 2 mulheres) e mais uma filha de uma união provavelmente extra-marital. Por outro lado, Mawíriki (Própe) consta com 7 filhos de seu último casamento (dos quais 6 homens e 1 mulher), além de 2 filhos com outra mulher. Por sua vez, sua esposa (Móike), anteriormente, teve 1 filho de outra união.

Nesse cruzamento de "linhagens" temos o seguinte : existem 3 casamentos entre Prôyana e Maraxó; 1 entre Prôyana e Pianakotó; 3

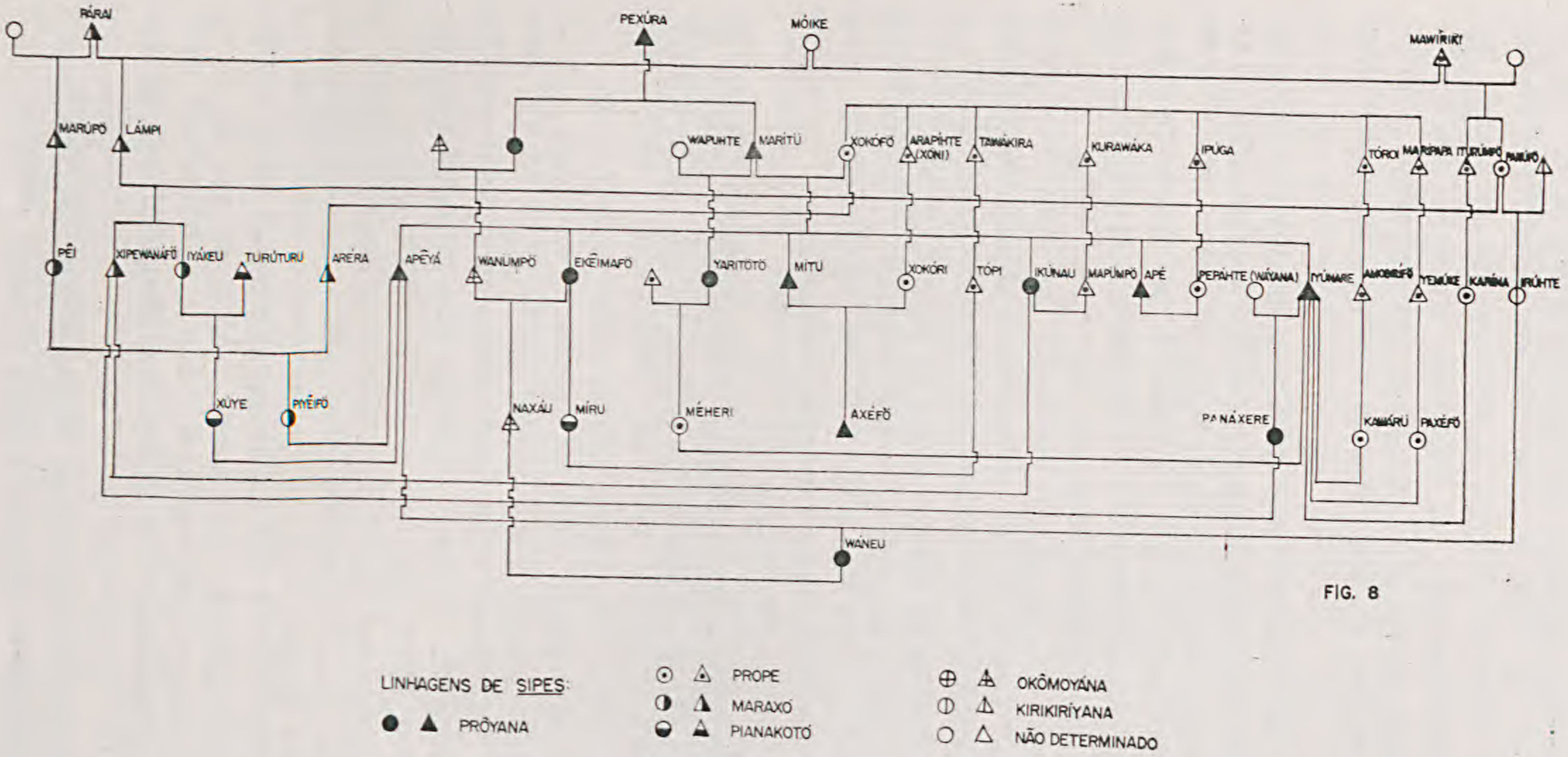


FIG. 8

Fig. 8 — DIAGRAMA DE INTERCASAMENTOS DOS PRÔYANA COM OUTRAS LINHAGENS — Para não sobrecarregar o diagrama, deixamos de considerar : 1. A geração jovem, ainda não casada; 2. Ascendentes de outras linhagens, a não ser que tenham relação direta com a linhagem em foco (Pexúra-Marítü); 3. Distinções de uso corrente entre nós como, por exemplo, as de "meio-irmão", ou seja, de "irmão por parte do pai (ou da mãe)" que para os Tiriyó valem como irmãos sem distinção nominal. Excetuamos certos casos em que há modificações de linhagem entre irmãos devido pais de linhagens diferentes (embora sendo a mãe a mesma)

entre Prôyana e Okômoyana; 1 entre Prôyana e Kirikiríyana; 9 entre Prôyana e Própe; 1 entre Própe e Maraxó; 1 entre Própe e Pianakotó; 1 entre Própe e Kirikiríyana; 1 entre Maraxó e Pianakotó; 1 entre Maraxó e Maraxó. Além disso, aparece um caso entre Prôyana e uma mulher Wáyana e 3 casos em que os homens são 1 Maraxó, 1 Prôyana e 1 Própe com mulheres cuja procedência é desconhecida. Trata-se de um total de 26 casamentos, dos quais 9 entre as "linhagens" dos Prôyana e Própe, 8 entre Prôyana e as outras "linhagens" mencionadas, distribuindo-se os restantes casamentos, além dos 3 casos não determinados entre os componentes das "linhagens" menos representadas.

Entre os 26 casamentos acima citados, destacam-se 2 casos de poliginia (um com 3 mulheres (19) e outro com 5 mulheres), ou seja, contados como sendo 8 casamentos, e 18 casamentos monogâmicos.

No estoque da linhagem Prôyana (descendentes na 1.ª e, parcialmente, na 2.ª geração de Marítü) averiguamos 15 casamentos apresentando os seguintes graus de consanguineidade :

7 casamentos de primos de grau igual;
5 casamentos de primos de grau desigual;
2 casamentos de tio e sobrinha;
1 casamento de primos (?) por afinidade (?).

Em outra composição, seguindo a terminologia mais em uso, teriamos :

11 casamentos de primos cruzados;
1 casamento de primos paralelos (pelo lado materno);
2 casamentos de tio com sobrinha;
1 casamento de primos (?) por afinidade (?).

No sistema classificatório Tiriyó, esses 15 casamentos apresentam-se com os seguintes graus de parentesco(20) :

7 casamentos entre etü e emi = parentes não consanguíneos especialmente da "linhagem" materna, em graus de "tio", etc. e "filha" classificatórias);
4 casos entre muku e emi (= filho e filha classificatórios);
2 casos entre muku e mãko (= filho e mãe classificatórios);
1 caso entre piko e wöri (= irmão mais velho e irmã mais nova classificatórios);
1 caso entre pako e emi (= pai e filha classificatórios).

(19) — Entretanto, por motivos de catequese, o homem tornou-se monógamo, pouco tempo depois da coleta dos dados.

(20) — No Apêndice I encontram-se explicações mais pormenorizadas desses casamentos, como também as notas sobre a terminologia classificatória Tiriyó.

Embora tratando-se de apenas uma amostra parcial, ela não deixa de ter seu valor por apresentar grande semelhança com a composição de "linhagens" de outros subgrupos Tiriyó, justificando-se, portanto, a sua escolha para representar a situação geral. Visto que a percentagem ou o número de casamentos de estreita consanguineidade é bastante alta, explica-se também que o Raio da Área de Cruzamento dos Tiriyó é relativamente limitado, não passando dos limites de seu antigo território entre os rios Panamá e Paru de Leste.

Por outro lado, sabemos que, no passado, existia, basicamente, liberdade de casamento, tanto dentro do próprio grupo ou subgrupo, como também em relação a outras tribos, pois constam casamentos com elementos Wáyana, Xarúma e Kaxúyana. A exogamia era exigida somente em relação às "linhagens" paternas, isto é, com pessoas que possuissem o mesmo sangue do pai (respectivamente avô paterno, etc.). A referida exogamia de "linhagens" que, afinal, resultava na exogamia local, era a norma, porque a aldeia era formada, essencialmente, pelos membros de uma mesma "linhagem". Hoje em dia, porém, devido o ajuntamento de índios na Missão, de certa maneira decaiu o sistema exogâmico local, por todos se acharem num só lugar e já não haverem mais "linhagens" com aldeias próprias. Talvez surjam novamente pela descentralização da Missão e o estabelecimento de novas aldeias.

Quanto aos casamentos exogâmicos extra-tribais, antes da chegada dos Kaxúyana na Missão do Paru de Oeste, em 1968, eram conhecidos 3 casos com elementos Wáyana, Xarúma e Ingarüne, todos já falecidos atualmente. Depois da agregação dos Kaxúyana do rio Cachorro/Trombetas, houve mais 5 casos a saber: um casamento de uma mulher Kaxúyana com homem Tiriyó, e 4 mulheres Tiriyó com homens Kaxúyana. Em relação ao total de 59 casamentos registrados

TABELA 14

FREQÜENCIA DE CASAMENTOS E DAS RAZÕES DE SEPARAÇÃO
1970

Casamentos			Freqüência de casamentos anteriores					Freqüência das razões de separação					Casos de esterilidade	
								Morte do cônjuge						
Monogâmicas	Poligínicas	Total	1.ª vez	2.ª vez	3.ª vez	4.ª vez	5.ª vez	Viuvez com filhos	Viuvez sem filhos	Separação por falta de filhos	Outras razões	Total	Masculino	Feminino
55	4	59	56	18	7	1	82	45	9	13	15	82	8	5

(55 monogâmicos e 4 poligínicos, segundo a Tab. 14), as 5 uniões mistas, atualmente existentes, representam uma percentagem de 8,5% (21).

b) *Razões de Separação*

Para o melhor entendimento da Tab. 14 esclarecemos o seguinte. Há um total de 59 casamentos atuais, entre monogâmicos (= 55) e poligínicos (= 4), envolvendo 116 pessoas, como anotamos na Tab. 13. A coluna seguinte refere-se à freqüência de casamentos anteriores aos atuais, realizados pela maioria das pessoas atualmente casadas, isto é, se a pessoa foi casada uma, duas, três ou quatro vezes, o que resulta em 82 casamentos já realizados por pessoas atualmente casadas. Na 3.ª coluna considera-se a freqüência das razões de separação dos casais nos seguintes termos : morte de um dos cônjuges (viuvez), mas tendo havido filhos durante a união, e morte de um dos cônjuges sem ter se verificado o nascimento de nenhum filho durante o casamento (viuvez sem filhos). Nas duas subdivisões seguintes temos as razões de separação dos casamentos, a saber, a quantidade de separações provocadas pela falta de filhos, ou melhor, os cônjuges separaram-se porque a união não gerou filhos devido a real ou aparente esterilidade de um dos dois, e as separações ocasionadas por outras razões como, por exemplo, incompatibilidade de gênios, etc.

c) *Esterilidade*

Através de relatos e informações podemos indicar, nessas separações provocadas pela falta de filhos, 10 pessoas (8 homens e 2 mulheres) que seriam estéreis, além de mais 3 mulheres que, até então, tiveram somente abortos e que, desse modo, também seriam prováveis casos de esterilidade, de acordo com a definição de trabalho considerada na introdução; esses casos estão relatados no Apêndice II.

Esses 13 possíveis casos de esterilidade, em relação ao total de pessoas com mais de 15 anos de idade (= 136), representam 9,6%, sendo 8 homens (= 5,9%) e as 5 mulheres (= 3,7%). Excluindo-se, porém, as 14 pessoas solteiras registradas na Tab. 13, teríamos uma proporção de 10,7% (= 13) em relação às 122 pessoas restantes com mais de 15 anos de idade, ou sejam, 8 homens significando 6,6% e as 5 mulheres representando 4,1%. De outro modo, considerando-se a divisão por sexo, temos 54 homens, exceto os solteiros, com mais de

(21) — Entretanto, o número de entrecasamentos entre Kaxúyana e Tiriyó elevou-se a sete depois de se encerrar o levantamento dos dados da pesquisa.

15 anos de idade, dos quais a proporção de estéreis seria de 14,8% (= 8); da mesma maneira, temos 68 mulheres, excluindo-se as 7 solteiras, com mais de 15 anos de idade, das quais a proporção de estéreis seria de 7,4% (= 5).

CONCEPÇÕES

TABELA 15

CONCEPÇÕES POR SEXO SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS DAS MULHERES PROLÍFICAS VIVAS, EM 1970

Mulheres Prolíficas		CONCEPÇÕES										
		Filhos Vivos			Filhos Falecidos			Abortos e Natimortos				Total
Faxia Etária	Freq.	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Ignorado	Total	
15-19..	4	4	1	5	1	—	1	1	—	—	1	7
20-24...	12	13	13	26	1	2	3	5	3	—	8	37
25-29..	15	14	17	31	8	9	17	4	2	—	6	54
30-34...	4	6	2	8	2	4	6	1	1	—	2	16
35-39...	6	5	9	14	5	8	13	2	3	—	5	32
40-44...	4	4	12	16	5	7	12	4	—	1	5	33
45-49...	9	12	13	25	7	4	11	6	9	—	15	51
50-54...	2	2	2	4	4	3	7	4	1	—	5	16
55-59...	2	1	1	2	3	3	6	1	—	1	2	10
60-64...	1	—	1	1	2	1	3	—	—	—	—	4
90-94...	1	3	1	4	2	2	4	—	—	—	—	8
Total	60	64	72	136	40	43	83	28	19	2	49	268

NOTAS: 1 — Quatro mulheres, por ocasião da coleta de dados, já estavam novamente grávidas, sendo duas da faixa 20-24 anos, uma do intervalo 25-29 anos e a outra situada na faixa de 35-39 anos;

2 — Da coluna dos abortivos, fazem parte três casais de gêmeos sobre os quais há uma nota especial mais adiante.

a) *Médias e Proporções de Concepções, em 1965 e 1970*

As mulheres prolíficas vivas são em número de 60, das quais pelo menos seis já se encontram além do limite superior do que se

considera como período fértil (22), ou seja, a faixa etária de 15 a 49 anos de idade, conforme mostra a Tab. 15. Tenha-se em mente, porém, que as classes etárias da tabela indicam, tão somente, a idade dessas mulheres prolíficas por ocasião do levantamento dos dados. Esta observação é válida para todas as tabelas de concepções.

De acordo com as informações obtidas, essas 60 mulheres teriam concebido 268 vezes, dando uma média de 4,5 conceções por mulher. Foram indicadas 132 concepções do sexo masculino, 134 do sexo feminino e 2 concepções abortivas sem identificação, o que resulta numa média de 2,2 concepções por mulher, no primeiro caso, e 2,2 no segundo, sem a exclusão, do total geral, daquelas duas concepções abortivas sem identificação para o cálculo das médias. Por sua vez, as 132 concepções do sexo masculino representam 49,3%, enquanto as concepções femininas, em número de 134, tem uma participação relativa de 50,0% do total geral de concepções, sem que. também, se exclua do cálculo aquelas 2 concepções sem identificação do sexo, que são da ordem de 0,7% do total.

Das 268 concepções, como se constata na Tab. 15, 136 (= 50,7%) filhos ainda estão vivos, sendo 64 (= 23,8%) do sexo masculino e 72 (= 26,9) do sexo feminino; 83 (= 31,0%) filhos já faleceram, dos quais 40 (= 15,0%) homens e 43 (= 16,0%) mulheres; as 49 concepções restantes (= 18,3%) tratam-se de casos de abortos, sendo 28 (= 10,5%) do sexo masculino, 19 (= 7,1%) do sexo feminino e 2 (= 0,7%) de sexo ignorado.

Há cinco anos atrás, em 1965, esse aspecto das concepções apresentava uma situação um tanto diferente à do estado atual. A Tab. 16 mostra esse fato.

Naquele ano, segundo as informações obtidas, as mulheres prolíficas vivas na ocasião do levantamento estatístico atingiam um total de 36, das quais 5 já se encontravam além dos 49 anos de idade. Essas 36 mulheres teriam concebido 140 vezes, o que dá uma média de 3,9 concepções por mulher, sendo 2,0 concepções do sexo masculino e 1,9 do sexo feminino. O registro feito acusa 71 (= 50,7%) concepções masculinas e 69 (= 49,3%) femininas. Naquela época, dessas 140 concepções, a quantidade de filhos que estavam vivos era de

(22) — Desconhecemos estudos específicos sobre a faixa etária do "período fértil" ou "idade de reprodução" das índias. Algumas observações, porém, deixam entrever que é bastante variável. Neste estudo, estamos fazendo referência ao período fértil fixado em estudos demográficos como sendo de 15 a 44 ou até de 15 a 49 anos (Cf. Associacion Colombiana, 5, d : 62). Tomamos como limite máximo a idade de 49 anos.

60 (= 42,9%), dos quais 28 (= 20,0%) masculinos e 32 (= 22,9%) femininos; 59 (= 42,1%) filhos já haviam falecido, sendo 25 (= 17,8%) sexo masculino e 34 (= 24,3%) do sexo feminino; e os restantes 21 (= 15,0%) foram abortos, dos quais 18 (= 12,9%) masculinos e 3 (= 2,1%) femininos.

Como se vê, em 1965, para um total de 140 concepções, a proporção de abortos e natimortos é de 21 (= 15,0%), pois a quantidade de filhos nascidos vivos é de 119 (= 85,0% [60 = 42,9% filhos vivos + 59 = 42,1% filhos falecidos]), enquanto os dados coletados no primeiro trimestre de 1970, conforme mencionamos, são os seguintes: 49 (= 18,3%) casos de abortos e natimortos, num total de 268 concepções, com a proporção de filhos nascidos vivos em número de 219 (= 81,7% [136 = 50,7% filhos vivos + 83 = 31,0% filhos falecidos]). Para se testar a comparação entre as duas proporções de abortos e natimortos, e de filhos nascidos vivos, em 1965 e 1970, recorremos ao cálculo do "qui quadrado" com um grau de liberdade para um nível de significância de 0,05 (= 5%), cujo resultado foi o seguinte : $X^2 = 0,687$

TABELA 16

CONCEPÇÕES POR SEXO SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS DAS MULHERES PROLÍFICAS VIVAS, EM 1965

Mulheres Prolíficas		CONCEPÇÕES									
		Filhos Vivos			Filhos Falecidos			Abortos e Natimortos			Total
Faixa Etária	Freq.	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
15-19	9	5	7	12	2	1	3	3	—	3	18
20-24	6	6	4	10	3	7	10	2	—	2	22
25-29	3	4	—	4	2	3	5	1	—	1	10
30-34	5	2	3	5	2	8	10	3	2	5	20
35-39	2	2	7	9	3	3	6	1	—	1	16
40-44	4	3	6	9	3	2	5	2	—	2	16
45-49	2	2	2	4	3	3	6	4	1	5	15
50-54	3	1	1	2	3	4	7	2	—	2	11
55-59	1	—	1	1	2	1	3	—	—	—	4
85-89	1	3	1	4	2	2	4	—	—	—	8
Total	36	28	32	60	25	34	59	18	3	21	140

$< X^2$ 0,05 (GL 1) = 3,84. Da mesma forma, para se testar a proporção de abortos e natimortos das mulheres prolíficas, de 1965 para 1970, utilizamos o mesmo recurso, cujo resultado é: $X^2 = 1{,}051 < X^2$ 0,05 (GL 1) = 3,84. Em ambos os casos, portanto, as diferenças, em termos estatísticos, são insignificativas.

b) *Relação Crianças/Mulheres*

Com base nas informações coletadas, pode-se ter a razão crianças-mulheres que, embora não sendo "un índice de fecundidad demasiado exacto, puesto que se trata de uma prueba indirecta y en consecuencia afectada por otros fatores además de la facundidad". (Associacion Colombiana, s.d.: 63), não deixa de ser outra medida de fertilidade. Essa proporção crianças-mulheres pode ser apresentada de duas maneiras: considerando-se todas as mulheres compreendidas no intervalo que estamos adotando para estabelecer o período de reprodução, 15-49 anos, e, de outro modo, considerando-se apenas as mulheres prolíficas situadas nesse mesmo intervalo. Assim, conforme a pirâmide populacional (cf. fig. 7), a quantidade, em 1970, de crianças na faixa etária 0-4 é de 45, enquanto o número de mulheres de 15-49 anos de idade é de 69, o que dá como razão crianças-mulheres 0,652 ou 65,2/100. No segundo caso, teríamos a mesma quantidade de crianças de 0-4, que é de 45, em relação à proporção de mulheres prolíficas no segmento de 15-49 anos, que é de 54 (cf. Tab. 15), cuja razão crianças-mulheres seria de 0,833 ou 83,3/100. A relação crianças-mulheres, por sua vez, calculada em termos de crianças de 0-4 anos de idade (= 45) com relação às mulheres compreendidas no período etário considerado como reprodutivo, 15-49 anos (= 69), mas excluindo-se as 5 mulheres que foram enquadradas como possíveis casos de esterilidade, seria, então, de 0,703 ou 70,3/100, constituindo um valor intermediário entre os dois anteriores.

Para o ano de 1968, é possível apresentar a razão crianças-mulheres somente daquele primeiro modo, ou seja, levando-se em conta todas as mulheres compreendidas na época de reprodução, a exemplo do procedimento comum. Nesse ano, conforme a pirâmide populacional (cf. fig. 7), temos 37 crianças no intervalo de 0-4 anos e 61 mulheres no intervalo de 15-49 anos, o que resulta numa proporção crianças-mulheres de 0,607 ou 60,7/100. Infelizmente, como não se conta para esse ano com informações sobre a quantidade de mulheres prolíficas na idade de reprodução, é impossível apresentar essa razão quanto à segunda maneira. De qualquer modo, nota-se que, de 1968 para o pri-

SciELO

meiro trimestre de 1970, a referida razão passou de 60,7 para 65,2, considerando-se o procedimento comum de cálculo, revelando um certo crescimento dessa medida de fertilidade.

c) *Taxa Geral de Fertilidade*

Todos esses dados apresentados, em seu conjunto, oferecem a possibilidade de se fazer um cálculo à respeito do coeficiente geral de fertilidade [23]. Assim, para 1968, ela é de 16,32/100. Para 1970, visto que dispomos de informações mais discriminadas, podemos apresentá-la de três modos:

a) Tomando-se por base todas as mulheres de 15 a 49 anos de anos de idade indicadas na pirâmide populacional (= 69), teríamos, conforme o procedimento mais comum, uma taxa geral de fertilidade igual a 5,78/100;

b) Considerando-se apenas as mulheres prolíficas de 15 a 49 anos de idade (= 54) registradas na Tab. 15, a taxa encontrada seria de 7,39/100;

c) Porém, levando-se em conta todas as mulheres de 15 a 49 anos de idade (= 69), com exceção de 5 por se tratarem de prováveis casos de esterilidade, obteríamos para a taxa geral de fertilidade um valor intermediário entre os dois anteriores, a saber: 6,22/100.

Gêmeos

Conforme anotação no rodapé da Tab. 15, a qual apresenta as concepções de todas as mulheres prolíficas vivas em 1970, registramos três casais de gêmeos, cujas mães, na época do levantamento das informações, estavam situadas nas faixas etárias de 20-24, 25-29 e 45-49. Certamente, tratam-se de casos de abortos intencionalmente provocados, pois, quando a índio desconfia que possa vir a ter gêmeos, ela procura abortar, de forma que não se encontram gêmeos vivos no grupo. Se considerarmos cada casal de gêmeos como valendo duas concepções, a exemplo do que foi feito na mencionada tabela, teríamos uma participação relativa de 12,2% do total de 49 abortos e natimortos indicados e de 2,2% sobre o total de 268 concepções. Tomando-se, porém, cada casal de gêmeos como valendo uma concepção, de forma

(23) — Calculado conforme a fórmula $G = b \dfrac{P}{{}_{49}N_{15}}$, onde b = coeficiente bruto de natalidade (cf. mais adiante pág. 71), P = população e N = mulheres.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

que os abortos e natimortos passariam a ser 46 (em vez de 49), e as concepções 265 (em vez de 268), as proporções seriam de 6,5% no primeiro caso e de 1,1% no segundo.

Espaçamento entre os nascimentos

Na Tab. 17 temos uma amostra dos nascimentos nos últimos 10 anos, 1960 a 1970, com os respectivos espaçamentos entre um nascimento e outro. Tratam-se de 17 mulheres de quatro faixas etárias (uma de 15-19, oito de 20-24, seis de 25-29, e duas de 35-39 anos) com um total de 50 filhos nascidos vivos nessa época. Por falta de dados seguros sobre o ano exato dos nascimentos, foram eliminados, de quatro dessas 17 mulheres, 7 filhos nascidos vivos antes de 1960; as eliminações dizem respeito aos seguintes casos: letra j (um filho), letra n (um filho), letra p (quatro filhos) e letra q (um filho). Por outro lado, pelo mesmo motivo acima alegado, deixamos de considerar as 43 mulheres mães restantes — das 60 registradas, conforme a Tab. 15 — e seus respectivos filhos nascidos antes de 1960, razão pela qual as 17 mulheres relacionadas pela série estatística com seus 50 filhos representam uma amostra de todas as mulheres prolíficas vivas, em número de 60, com seus respectivos filhos ainda vivos (em número de 136), como também representam uma amostra de todos os filhos nascidos vivos dessas 60 mulheres, cujo total é de 219.

Embora nos pareça correto o procedimento adotado para a elaboração das tabelas 17 e 18, reconhecemos que talvez a inclusão daqueles 7 nascimentos citados possivelmente importasse em alterar um pouco as médias de espaçamentos entre os nascimentos de um filho a outro.

As informações sobre as datas exatas dos nascimentos (dia, mês e ano) baseiam-se em registros da Missão. No entanto, dos 50 nascimentos da Tab. 17 existem dados precisos para um total de 38, enquanto para os 12 restantes só possuimos o ano do nascimento sem indicação de dia e mês. Para contornar essa dificuldade, adotamos o critério de considerar o mês mais freqüente (a moda) dos nascimentos com registro de dia e mês como valendo para aqueles casos sem anotação do dia e mês do nascimento. Assim, os 12 nascimentos sem essa informação de dia e mês passaram a ser considerados como se tivessem ocorrido em 15 de maio dos anos respectivos. O fato de se poder contar com as indicações exatas de dia e mês para 38 casos, num total de 50 nascimentos, é que nos fez optar pelo mês

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

como medida de tempo para avaliar os espaçamentos entre os nascimentos, embora, na Tab. 18, faça-se a transposição em anos.

Na Tab. 17, portanto, além das faixas etárias das mulheres consideradas, temos o espaçamento em meses entre um nascimento e outro, por mulher, e, em seguida, o tempo médio, também em meses, de cada mulher.

A série estatística dos espaçamentos apresenta os seguintes promédios: média = 36,5 meses (três anos e quinze dias); mediana = 32 meses (dois anos e oito meses); moda = 12 meses (um ano). Como limites extremos de variação temos 12 meses (um ano) e 92 meses (sete anos e oito meses).

TABELA 17

ESPAÇAMENTO ENTRE OS NASCIMENTOS (EM MESES)

MULHERES		Espaçamento (em meses)	Tempo Médio (em meses)
Faixas Etárias	Especificação		
15 - 19	a	12 - 35	23,5
20 - 24	b	21 - 32	26,5
	c	36 - 63 - 12	55,5
	d	50 - 24	37
	e	49 - 45	47
	f	20	20
	g	77	77
	h	13 - 26	19,5
	i	75	75
25 - 29	j	36 - 72	54
	k	16 - 52	34
	l	12 - 38 - 27	38,5
	m	35	35
	n	12 - 37 - 38	43,5
	o	92	92
35 - 39	p	27 - 32 - 30	44,5
	q	27 - 37	29,5

Na Tabela seguinte, 18, apresentamos o espaçamen dos nascimentos em meses e as respectivas freqüências e percentagens sobre o total. Anexamos uma transposição de meses para anos, também com as

respectivas freqüências e percentagens. Nota-se, então, que os espaçamentos entre 2 e 4 anos representam 66% do total. Destacam-se os espaçamentos de 3 anos com uma freqüência de 12 e uma participação relativa de 36%.

TABELA 18

FREQÜÊNCIA DOS ESPAÇAMENTOS ENTRE OS NASCIMENTOS (EM MESES E ANOS) — 1970

EM MESES			EM ANOS		
Espaçamento	Freqüência	%	Espaçamento	Freqüência	%
12	4	13	1	4	13
13	1	3	2	5	15
16	1	3			
20	1	3			
21	1	3			
24	1	3			
26	1	3	3	12	36
27	3	9			
30	1	3			
32	3	9			
35	2	6			
36	2	6			
37	1	3	4 anos e 1 mês	5	15
38	2	6			
45	1	3			
49	1	3			
50	1	3	5 anos e 3 meses	3	9
52	1	3			
63	1	3			
72	1	3	6	1	3
75	1	3	7 anos e 8 meses	3	9
77	1	3			
92	1	3			
Total	33	100%	Total	33	100%

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

TABELA 19

MORTALIDADE ANTES E DEPOIS DO INÍCIO DA ÉPOCA DE REPRODUÇÃO — 1970

Faixa Etária	SEXO		
	Masc.	Fem.	Total
0 - 1	20	14	34
1 - 4	7	11	18
5 - 9	2	6	8
10-14	2	1	3
Sub-total	31	32	63
15 + anos	6	4.	10
Idade ignorada	3	7	10
Total	40	43	83

a) *Mortalidade em geral*

Com respeito aos falecimentos (cf. Tab. 15), temos elementos para distinguir a mortalidade antes (e depois) do início do período reprodutivo que estamos fixando como sendo a idade de 15 anos, abrangendo ambos os sexos. A Tab. 19 foi construída com base nas informações de todas as mulheres prolíficas vivas e por ocasião de um levantamento de dados pela Missão. O total de falecimentos, em número de 83, refere-se aos 83 casos aludidos na Tab. 15, tratando-se de crianças e pessoas adultas.

De acordo com a Tab. 19, existe um total de 63 (= 86%) casos de morte antes dos 15 anos, sendo 31 do sexo masculino e 32 do sexo feminino. Para as faixas de idade superior a 15 anos, indicamos somente o total que é 10 (= 14%), dividido em 6 masculinos e

SciELO

4 femininos. Os 10 casos restantes (3 homens e 7 mulheres) de idade ignorada completam o total de 83, mas não se acham incluídos para a avaliação proporcional.

Nas proporções de mortalidade, pelas 4 faixas etárias até o limite de 15 anos, destaca-se a mortalidade infantil (0-1 ano) proporcional, ou seja, considerada em relação ao total de óbitos, com 34 que representam 46% do total de 73. Na segunda faixa (1-4 anos) encontram-se 18 (= 25%) casos, apresentando um decréscimo de quase 50% em relação à primeira faixa. A terceira classe (5-9 anos) registra 8 falecimentos (= 11%), apresentando um decréscimo de mais de 50% com relação à segunda. E, finalmente, a quarta (10-14 anos) apresenta somente 3 casos (= 4%), ou seja, um decréscimo de quase 66% com respeito à anterior.

Verifica-se, então, que dos falecimentos ocorridos antes do início da época de reprodução (= 86%), as faixas de maior risco de vida são as duas primeiras, onde se dão 52 óbitos, isto é, 71% do total de 73 falecimentos.

b) *"Linha de Morte"*

TABELA 20

POPULAÇÃO TIRIYÓ DA ALDEIA DE PARU DE OESTE EM CINCO INTERVALOS ETÁRIOS, 1959/1968/1970

ANO	INTERVALO ETÁRIO					
	0 - 14	15-29	30-44	45-59	60 +	Total
1959 :						
Total	15	19	6	7	2	48
%	30,6%	38,8%	12,2%	14,3%	4,1%	100,0%
1968 :						
Total	64	71	29	18	6	188
%	34,0%	37,8%	15,4%	9,6%	3,2%	100,0%
1970 :						
Total	86	79	29	21	7	222
%	38,7%	35,6%	13,1%	9,5%	3,1%	100,0%

Fizemos na Tab. 20 uma tentativa no sentido de estabelecer a provável "linha de morte "para os Tiriyó. Para tanto, distribuimos a

população em cinco intervalos (0-14, 15-29, 30-44, 45-59, 60 + anos) — abrangendo, cada um, três faixas etárias da pirâmide populacional, à exceção do último (60 + anos) que varia de acordo como se apresentam as pirâmides dos anos em que se fez o levantamento populacional —, já que, à primeira vista, os gráficos não revelam com bastante nitidez a chamada "linha de morte". Nota-se, então, que os dois últimos intervalos (45-59 e 60 + anos) detêm, respectivamente, 18,4% (em 1959), 12,8% (em 1968) e 12,0% (em 1970) do contingente populacional, o que significa que, nos três levantamentos, somente cerca de 15% (= 14,6%) das pessoas ultrapassam os 44 anos de idade. Isto indicaria que a "deathline" para os Tiriyó estaria no intervalo anterior, 30-44 anos de idade, o que parece ser confirmado pela brusca redução percentual em relação aos intervalos anteriores.

Nascimentos, falecimentos e sobreviventes no decênio 1960-1970

TABELA 21

NASCIMENTOS E FALECIMENTOS NA MISSÃO DO ALTO PARU DE OESTE

ANOS	NASCIMENTOS			FALECIMENTOS		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
1960	4	10	14	—	—	—
1961	5	5	10	—	—	—
1962	1	2	3	2	2	4
1963	2	4	6	3	—	3
1964	7	2	9	3	1	4
1965	8	7	15	—	—	—
1966	3	3	6	—	1	1
1967	10	4	14	2	1	3
1968	6	4	10	1	1	2
1969	6	4	10	—	—	—
1970	2	2	4	—	—	—
Total	54	47	101	11	6	17

A Tabela 21 apresenta uma relação anual de nascimentos e óbitos ocorridos de 1960 a 1970, primeiro decênio de funcionamento da Missão do Alto Paru de Oeste. Na coluna dos falecimentos estão re-

gistrados apenas os óbitos daqueles que nasceram nessa época. A mortalidade não diz respeito aqueles que nasceram antes de 1960. Trata-se de verificar quantos nasceram durante a existência da Missão e, destes, quantos já faleceram, excluindo-se, portanto, 12 pessoas nascidas antes de 1960, e falecidas no tempo da Missão.

Nessa fase, excluídos os casos de abortos e natimortos, temos um total de 101 nascimentos. Com base nos dados dessa tabela, a maior freqüência de nascimentos acontece, respectivamente, em 1965, quando nasceram 15 (= 14,8%) pessoas, e nos anos de 1960 e 1967 com uma quantidade igual de 14 (= 13,8%) nascimentos em cada um, enquanto a menor ocorrência se dá em 1962 com 3 (= 3,0%). Pode-se perceber que, em apenas três meses do ano de 1970, verificou-se uma quota de 4 (= 4,0%) nascimentos, a qual, tanto em termos absolutos como proporcionais, já supera o total registrado no decorrer do ano de menor freqüência que é 1962 com 3 (= 3,0%) nascimentos. Ainda com respeito a esse fato, observa-se que, quanto ao número de nascimentos dos anos de menor ocorrência, que são 1962 com 3 (= 3,0%) e os anos de 1963 e 1966 com igual participação de 6 (= 6,0%), temos 15 (= 15,0%) nascimentos, em relação a cujo total os 4 (= 4,0%) nascimentos dos meses de janeiro, fevereiro e março de 1970 já representam cerca de 26,6%.

De outro modo, dividindo-se os dez anos de existência da Missão em dois períodos de cinco anos (cf. Tab. 22), constata-se que nos primeiros 5 anos da fase missionária (1960 a 1964) temos 42 (= 41,6%) nascimentos, enquanto os últimos cinco anos e três meses já atingiram uma quantidade de 59 correspondente a uma participação relativa de 58,4% do total geral de nascimentos do período de Missão. Mesmo que se deixe de considerar as 4 ocorrências do primeiro trimestre de 1970, sem que, portanto, elas sejam incluídas no total geral de nascimentos para efeito de cálculo, ainda assim teríamos 42 (= 43,0%) para aquela época inicial e 55 (= 57,0%) para o segundo qüinqüênio, permanecendo este superior àquele. Com efeito, pode-se perceber, desse modo, uma certa tendência para o crescimento do número de nascimentos, pois, tanto num como noutro caso, o segundo período supera a ocorrência de nascimentos dos cinco anos iniciais de Missão.

Com relação ao número de óbitos, nota-se uma certa tendência em sentido inverso da anteriormente observada com respeito aos nascimentos. Com efeito, de um total de 17 falecimentos, verificados durante os dez anos de convivência com a presença missionária, 11 (= 64,7%) ocorreram nos cinco primeiros anos dessa fase, 1960 a

1964, enquanto apenas 6 (= 35,3%) faleceram a partir de 1965 (24). Além do mais, nenhum dos casos dessa segunda fase acusou uma porporção de falecimentos superior às respectivas quantidades apresentadas por cada um dos anos do primeiro qüinqüênio, como também a maior freqüência anual de óbitos da segunda fase (1967 = 3) apenas corresponde ao ano de menor freqüência do qüinqüênio anterior (1963 = 3).

Como resultado da Tab. 21 obtemos, então, um total de 101 (= 100%) nascimentos, dos quais faleceram 17 (= 17%), de modo que a quantidade de sobreviventes é de 84 (= 83%). Por conseguinte, a proporção de sobreviventes, naquela primeira fase de cinco anos acima mencionada, é de 31 (= 36,9%), ao passo que, no segundo qüinqüênio e os três meses de 1970, a proporção de sobreviventes é de 53 (= 63,1%). Sem a inclusão do primeiro trimestre de 1970, a proporção de sobreviventes é de 49 (= 61,3%) nessa segunda fase. Nota-se, assim, a partir de 1965, crescer consideravelmente o número de sobreviventes, alcançando, no momento, 63,1%, o que mostra a proporção de crianças sobreviventes quase chegando a ser o dobro com relação à primeira fase do período missionário, conforme a Tab. 22.

TABELA 22

NASCIMENTOS, FALECIMENTOS E SOBREVIVENTES NOS DOIS QÜINQÜÊNIOS DO PERÍODO MISSIONÁRIO

PERÍODO	NASCIMENTOS		FALECIMENTOS		SOBREVIVENTES	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
1960/1964	42	41,6	11	64,7	31	36,9
1965/1970	59	58,4	6	35,3	53	63,1
Total	101	100,0	17	100,0	84	100,0
1960/1964	42	43,0	11	64,7	31	38,7
1965/1969	55	57,0	6	35,3	49	61,3
Total	97	100,0	17	100,0	80	100,0

(24) — Mesmo havendo farmácia e ambulatório na Missão com um enfermeiro profissional, não existem, infelizmente, dados sobre freqüência de doenças e *causa mortis* dos falecidos no tempo da Missão. Todavia, pela convivência que Frikel tem de muitos anos de pesquisador, pode ser indicado, para antes da fase missionária, como *causa mortis* mais freqüente: gripes e suas conseqüências como tosse, catarro, e mesmo pneumonia; "furunculoses epidêmicas"; asma e febres, acompanhadas por vômitos negros (febre amarela?). Apareceram também outras doenças sem serem, porém, letais. Sarampo e varíola, nos últimos 20 anos não se manifestaram (cf. Frikel, 1960 : 5).

A Tab. 23 mostra o número de nascimentos, falecimentos e sobreviventes, em termos absolutos e proporcionais, durante dois períodos distintos : antes do surgimento da Missão e durante a existência da Missão. A elaboração da tabela foi feita com base nas informações da Tab. 15, que apresenta a quantidade de concepções de todas as mulheres prolíficas vivas, e da Tab. 21, a qual, por sua vez, informa sobre a ocorrência anual de nascimentos e falecimentos desde o ano em que se instalou a Missão. Quanto aos óbitos, porém, foram acrescidos de mais 12, passando a um total de 29 nessa mesma época, pois a Tab. 21 indica apenas os falecimentos daqueles que nasceram durante a existência da Missão, cujo total é de 17, não registrando, portanto, a mortalidade daqueles que não nasceram nesse tempo da Missão.

Para a feitura da Tab. 23 procedemos da seguinte maneira : excluindo-se os 49 casos de abortos e natimortos, conforme a Tab. 15, obtivemos um total de 219 filhos nascidos vivos ou, para efeito da Tab. 23, nascimentos; mas, como ocorreram, de acordo com os dados da Tab. 21, 101 nascimentos no período missionário de dez anos, os 118 restantes dizem respeito à época anterior à Missão. Procedimento igual foi adotado com relação ao total dos mortos : a Tab. 15 indica um total de 83 filhos já falecidos, mas, como teriam ocorrido 29 falecimentos durante os dez anos de Missão (17 da Tab. 21, mais 12 = 29), os outros 54 teriam ocorrido na fase anterior à Missão. E o número de sobreviventes, conseqüentehente, foi encontrado por diferença entre os nascimentos e óbitos nos períodos considerados. Assim, teríamos o seguinte :

TABELA 23

NASCIMENTOS, FALECIMENTOS E SOBREVIVENTES, ANTES E DURANTE O PERÍODO MISSIONÁRIO

Período	Nascimentos		Falecimentos			Sobreviventes		
	Abs. A	% A/219	Abs. B	% B/83	% B/219	Abs. C	% C/136	% C/219
Antes da Missão ..	118	54	54	65	25	64	47	29
Missão 1960/1970	101	46	29	35	13	72	53	33
Total	219	100%	83	100%	38	136	100%	62

Nesse sentido, portanto, temos um total de 219 (= 100%) nascimentos, sendo 118 (= 54%) antes da existência da Missão e 101 (= 46%) a partir da sua instalação. De modo semelhante, registramos um total de 83 (= 100%) falecimentos, dos quais 54 (= 65%) antes do período missionário e 29 (= 35%) desde o funcionamento da Missão. Esses 83 falecimentos, por sua vez, perfazem, com relação ao total de 219 nascimentos, uma percentagem de 38%, com os 54 falecimentos anteriores ao período missionário constituindo 25% dos 219 e os 29 falecimentos restantes significando 13% do mesmo total geral de nascimentos.

Subtraindo-se os falecimentos dos nascimentos indicados, obtemos o total de sobreviventes, em número de 136 (= 100%), divididos em 64 (= 47%) para a época anterior à Missão e 72 (= 53%) para o período da Missão. Em relação ao total de nascimentos (= 219), esses 136 sobreviventes constituem 62%, de modo que aqueles 64 que não morreram antes da existência da Missão representam 29% do total de 219 nascimentos, enquanto os 72 sobreviventes durante o decênio missionário apresentam uma participação relativa de 33% do mesmo total.

Por outro lado, como se constata na Tab. 24, para os 118 (= 100%) nascimentos ocorridos antes da presença permanente dos missionários, 54 (= 46%) faleceram e 64 (= 54%) é a proporção dos que conseguiram sobreviver. Do mesmo modo, mas já durante os dez anos de funcionamento da Missão, em relação aos 101 (= 100%) nascimentos que se verificaram, temos 29 (= 29%) de falecimentos e 72 (= 71%) de sobreviventes.

TABELA 24

NASCIMENTOS, FALECIMENTOS E SOBREVIVENTES ANTES E DURANTE O PERÍODO MISSIONÁRIO

PERÍODO	NASCIMENTOS		FALECIMENTOS		SOBREVIVENTES	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Antes da Missão ...	118	100	54	46	64	54
Missão 1960/1970 ..	101	100	29	29	72	71
Total	219	—	83	—	136	—

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

Com base na tabela de concepções de todas as mulheres prolíficas vivas em 1970 (cf. Tab. 15), excluindo-se o caso de uma mulher com mais de 90 anos de idade, observa-se que, atualmente, essas mulheres abrangem um período etário que vai, aproximadamente, desde os 15 até aos 64 anos de idade, ou seja, um espaço de tempo de cerca de 50 anos. Nesses 50 anos, por conseguinte, conforme as estatísticas sobre concepções, houve um total de 219 nascimentos, exceтuando-se os 49 casos de abortos e natimortos, como já se disse anteriormente. Segundo a Tab. 21, em dez anos de Missão, tivemos um total de 101 nascimentos, o que dá uma mèdia aproximada de 10 nascimentos por ano. Deduzindo-se esses dez anos de período missionário, restariam 118 nascimentos num período de cerca de 40 anos antes da existência da Missão Franciscana, com uma média aproximada de 3 nascimentos por ano, a qual seria bastante inferior à média de 10 nascimentos anuais do decênio missionário, conforme o procedimento que usamos para construir as Tabelas 23 e 24.

Ainda à propósito dos nascimentos e falecimentos, temos a acrescentar que, em 1968, conforme a Tab. 21, nasceram 10 pessoas e, de acordo com as informações que possuimos, faleceram 2 pessoas, enquanto no primeiro trimestre de 1970 os dados respectivos são 4 nascimentos e um morto. Assim, tendo em vista que se dispõe do total da população, o coeficiente bruto de natalidade em 1968 é de 0,053 ou 5,3/100, enquanto a taxa bruta de mortalidade, nesse mesmo ano, é de 0,010 ou 1,0/100. Para o primeiro trimestre de 1970, temos 0,018 ou 1,8/100 como sendo a taxa bruta de natalidade e 0,004 ou 0,4/100 como sendo o coeficiente bruto de mortalidade. Para esses dois anos, em que se dispõe dos totais da população, nascimentos e falecimentos, foi possível apresentar esses dois coeficientes brutos. Em consequência disso, a taxa simples de incremento natural ou o crescimento vegetativo da população, em 1968 e no primeiro trimestre de 1970, é o seguinte: 1968 = 4,3/100; 1970 = 1,4/100.

Segundo Good & Hatt (1960 : 378/379), a taxa de nascimento específica é calculada pelo número de crianças nascidas por ano, dividido pelo número de mulheres de idades entre 15-44 anos na população, multiplicado por 1000. Esse procedimento, apontado por esses autores como sendo a taxa de nascimento específica, é apresentado por nós para os anos de 1965, 1968 e o primeiro trimestre de 1970, mas com o ajustamentodo período fértil representado pelo intervalo 15-49 anos de idade, tal como estamos adotando neste trabalho, além das seguintes variações que introduzimos dada a natureza dos dados

que dispomos. Assim, para 1965, como não temos uma pirâmide populacional e, portanto, desconhecendo a quantidade de mulheres na idade da reprodução, nem querendo fazer suposições a esse respeito, usamos a tabela de concepções (cf. Tab. 16) e fizemos a divisão pelo número de mulheres prolíficas vivas que em 1965 estariam situadas no intervalo etário de 15-49 anos; temos, então, 15 nascimentos para 31 mulheres prolíficas nessa faixa, o que dá um coeficiente de nascimento específico de 0,483 ou 48,3/100. Para 1968, como dispomos da estrutura etária da população, mas não temos uma tabela de concepções, calculamos apenas a taxa de nascimento específica em termos de todas as mulheres do intervalo etário de 15-49 anos de idade; temos, então, 10 nascimentos para 61 mulheres nessa idade reprodutiva, o que resulta num coeficiente de 0,164 ou 16,4/100. E para o primeiro trimestre de 1970, como dispomos tanto da estrutura etária da população como de uma tabela de concepções, fizemos os dois processos; neste caso, levando-se em conta os 4 nascimentos e todas as mulheres do período fértil de 15-49 anos, em número de 69, conforme a pirâmide populacional (cf. fig. 7), temos uma taxa de nascimento específico de 0,057 ou 5,7/100; e considerando-se apenas as mulheres prolíficas vivas desse intervalo, em número de 54 conforme a Tab. 15, o coeficiente seria de 0,074 ou 7,4/100. Para o primeiro trimestre de 1970, porém, sabe-se da existência de cinco mulheres que, provavelmente, seriam estéreis, conforme fizemos referência antes. Tal fato, permite que se encontre um valor intermediário entre os dois anteriormente apresentados, ou seja, entre o total das mulheres de 15-49 anos (= 69) e o total das mulheres prolíficas nesse intervalo (= 54); então, teríamos a taxa de nascimento específica apresentada de uma outra maneira diferente, pois contando com 64 mulheres (69 menos 5 estéreis), o coeficiente seria de 0,062 ou 6,2/100.

IV — COMPARAÇÕES E CONCLUSÕES

No presente estudo consideramos três grupos indígenas do Brasil, os Ewarhoyána, os Kaxúyana e os Tiriyó, atualmente localizados no alto Paru de Oeste e agregados à aldeia da Missão dos Padres Franciscanos. Os três grupos têm uma série de traços em comum, embora havendo certas diferenciações.

Todos são da família lingüística Karib, mas com divergências dialetais entre Kaxúyana e Tiriyó. Pertencem também à mesma área cultural, estabelecida por Galvão (1960 : 16) como Norte-Amazônica, incluídos nas variantes do Núcleo A. Da mesma forma, o nível cultural dos grupos é bastante semelhante, diferindo mais no nível ideológico. Eles vem convivendo com a presença missionária : os Tiriyó desde o início, em 1960; os Kaxúyana desde 1968 e os Ewarhoyána desde 1969. Todavia, os Kaxúyana acostumaram-se a certa convivência com os "civilizados" do rio Trombetas desde há mais de uma geração.

Como mostram as notas históricas sobre os três grupos, as doenças importadas, o isolamento e outros fatores de depopulação provocaram uma redução demográfica que quase chegou à extinção no caso dos Ewarhoyána e Kaxúyana, os quais, atualmente, contam com 13 e 64 pessoas, respectivamente, enquanto os Tiriyó do Paru de Oeste apresentam uma proporção de 222 indivíduos. Os dados anteriormente fornecidos indicam que os Ewarhoyána serão, certamente, absorvidos pelos Tiriyó como grupo demograficamente mais forte. A mesma coisa poder-se-ia dizer dos Kaxúyana que, conforme cálculos e razões apresentadas por L. Livi (apud Salzano, 1967 : 92), não tendo um mínimo de 500 indivíduos, estariam sujeitos à extinção. No caso presente seria extinção por mesclagem e absorção.

Nesta parte de comparações e conclusões, aproveitamos informações de autores sobre alguns grupos indígenas do Brasil, procurando confrontá-las com os resultados conseguidos por nós para os Ewarhoyána, Kaxúyana e Tiriyó. Sem, contudo, dar muito destaque aos Ewarhoyána nesse confronto, sobre os quais preferimos apresentar conclusões separadas quando tratamos desse grupo num tópico próprio por causa de seu reduzidíssimo efetivo populacional.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

TABELA 25

COMPOSIÇÃO POR SEXO E IDADE DOS KAXÚYANA E TIRIYÓ DO PARU DE OESTE EM COMPARAÇÃO COM OUTROS GRUPOS INDÍGENAS DO BRASIL

GRUPOS INDÍGENAS	INTERVALO ETÁRIO					(M ± σ)
	0-14	15-30	31 +	Ignorado	Total	
CAINGANG : 1957/1963						
Homens	622	522	418	64	1626	22,7 ± 18,5
Mulheres	634	547	367	54	1602	21,0 ± 16,4
Total	1256	1069	785	118	3228	—
%	38,9	33,1	24,3	3,7	100%	—
Razão por Sexo	38,1	95,4	113,9	118,5	101,5	—
TIRIYÓ : 1959						
Homens	5	9	7	—	21	27,6 ± 16,5
Mulheres	10	10	8	—	28	26,6 ± 20,2
Total	15	19	15	—	49	—
%	30,6	38,8	30,6	—	100%	—
Razão por Sexo	50,0	90,0	87,5	—	75,0	—
XAVANTE : 1962/1964						
Homens	172	130	58	66	426	17,4 ± 13,1
Mulheres	139	127	65	39	370	18,3 ± 14,2
Total	311	257	123	105	796	—
%	39,1	32,3	15,4	13,2	100%	—
Razão por Sexo	123,7	102,4	89,2	169,2	115,1	—
JURUNA : 1967						
Homens	15	11	4	—	30	19,1 ± 16,3
Mulheres	15	7	6	—	28	16,2 ± 12,4
Total	30	18	10	—	58	—
%	51,7	31,0	17,3	—	100%	—
Razão por Sexo	100,0	157,1	66,7	—	107,1	—
TIRIYÓ : 1968						
Homens	30	34	25	—	89	25,4 ± 18,3
Mulheres	34	37	28	—	99	28,2 ± 22,1
Total	64	71	53	—	188	—
%	34,0	37,8	28,2	—	100%	—
Razão por Sexo	88,2	91,9	89,3	89,9	89,9	—
TIRIYÓ : 1970						
Homens	42	35	26	—	103	23,5 = 17,7
Mulheres	44	44	31	—	119	26,9 ± 21,7
Total	86	79	57	—	222	—
%	38,7	35,6	25,7	—	100%	—
Razão por Sexo	95,5	79,5	83,9	—	86,6	—

SciELO

GRUPOS INDÍGENAS	INTERVALO ETÁRIO					(M ± ₫)
	0-14	15-30	31 +	Ignorado	Total	
EWARHOYÁNA : 1970						
Homens	2	2	2	—	6	23,7 ± 11,7
Mulheres	2	4	1	—	7	19,5 ± 9,2
Total	4	6	3	—	13	—
%	30,8	46,1	23,1	—	100%	—
Razão por Sexo	100,0	50,0	200,0	—	85,7	—
KAXÚYANA : 1970						
Homens	12	12	7	—	31	20,7 ± 13,2
Mulheres	16	7	10	—	33	23,1 ± 14,4
Total	28	19	17	—	64	—
%	43,7	29,7	26,6	—	100%	—
Razão por Sexo	75,0	171,4	70,0	—	93,9	—
TREZE TRIBOS DO PARQUE NACIONAL DO XINGU :						
Homens + Mulheres	424	320	215	—	959	...
%	44,2	33,4	22,4	—	100%	—
Razão por Sexo	...	...	...	—	...	—
YANOMAMÖ :						
Homens	72	94	44	—	210	20,8 ± 15,3
Mulheres	56	91	43	—	190	23,4 ± 16,4
Total	128	185	87	—	400	—
%	32,0	46,3	21,7	—	100%	—
Razão por Sexo	128,6	103,3	102,3	—	110,5	—

Salzano & Oliveira observaram para os Juruna que "The large percentage of individuals in the age class 0-14 years the Juruna (52%, against 44% in the other Xingu groups, and lower values in the other tribes mentioned) points to the process of demographic recovery which is ocurring in the Juruna population" (1969 : 210), conforme se verifica na Tab. 25, cujos dados referentes aos Caingang, Xavante, Juruna e Yanomamö foram extraídos de tabela idêntica elaborada por aqueles autores com base em informações e resultados divulgados por Salzano, Neel, Maybury-Lewis, Chagnon e Nutels.

1. Os Tiriyó com 38,7% (em 1970) não apresentam um percentual de indivíduos no intervalo etário 0-14 anos tão elevado quanto ao registrado para os Juruna em 1967 (= 52%). Contudo, tivemos opor-

tunidade de mostrar que, comparado com os resultados encontrados para os anos posteriores (1959 = 30,6%; 1968 = 34,0%), também vem ocorrendo um processo de recuperação demográfica com os Tiriyó, principalmente indicado por um gradual aumento da proporção de pessoas da classe de idades 0-14.

2. Parece ser conveniente reconhecer que, em termos puramente quantitativos e abstraindo-se outras implicações que, por ventura, tenderiam a facilitar ou dificultar a recuperação populacional, os Tiriyó desfrutariam, de certo modo, de melhores condições estruturais que outros grupos, pois seu efetivo numérico (= 222) é muita mais elevado do que, por exemplo, o Jurúna (= 58) e os Kaxúyana (= 64).

3. A idade média dos Tiriyó, porém, pareceria não indicar nem refletir — pelo menos com tanta nitidez quanto ao que se verifica para os Juruna — que o acentuado processo de recuperação da população estaria em curso acelerado. De fato, a idade média das mulheres Tiriyó é das mais altas entre os grupos relacionados na Tab. 25, cabendo ainda às mulheres Juruna o promédio mais baixo (= 16). A inclusão dos Tiriyó na referida tabela em nada altera a constatação de Salzano & Oliveira (1969 : 210) : "The Juruna show the lowest average among the females (16), then compared with the Xavante (18), Yanomamö (21), and Caingang (23)"; e, acrescentamos, quando também em confronto com os promédios das idades das mulheres Tiriyó (1959 = 26,6; 1968 = 28,2; 1970 = 26,9), Ewarhoyána (= 19,5) e Kaxúyana (= 23,1). Para os Tiriyó, no entanto, seria conveniente considerar que a idade média das mulheres estava em torno de 26,6 (em 1959), sofreu uma relativa ascenção para 28,2 (em 1968), mas retornou, no momento, atual (1970) para o mesmo valor aproximado que serve de partida aos últimos dez anos (1959 = 26), permanecendo, em todo caso, como promédio mais alto quando em confronto com os demais grupos da tabela. Quanto à média das idades dos homens Tiriyó nota-se que a inclusão desse promédio também não chega a alterar a posição dos resultados anteriormente comentados por Salzano & Oliveira, cabendo aos homens Tiriyó, Kaxúyana e Ewarhoyána as mais elevadas médias etárias. Contudo, o promédio masculino Tiriyó vem sofrendo sucessivos declínios durante os últimos anos (1959 = 27; 1968 = 25; 1970 = 23), de tal maneira que, de certo modo, as idades médias dos homens e mulheres Tiriyó também refletiriam o gradual processo de recuperação demográfica desse grupo.

4. Como mostramos anteriormente, os Tiriyó estão numa linha ascendente, em termos demográficos. Para seu crescimento vegetativo contribuem, basicamente, dois fatores :

4.1. A fertilidade natural da mulher, cujo número médio de crianças vivas é de 3,6, a qual poderia ter maior repercussão para a natalidade, pois o número médio pe concepções é de 4,5, se a prática de abortos não afetasse negativamente as possibilidades de crescimento da população.

4.2. Os casamentos poligínicos existentes ou havidos (tanto na geração atual como na ascendente), os frequentes casamentos sucessivos e mesmo a troca de mulheres por meio do "divórcio": fatos que nos parecem importantes para uma população de 222 pessoas, porque tendem a ampliar as alternativas sexuais do grudo. Por sinal que uma amostra de ligações desse tipo revela que geralmente se dá a geração de muitos filhos, como por exemplo :

a) 1 casamento poligínico no qual se tem 4 mulheres e 12 filhos ; (Iyúnare) (Fig. 9).

b) 1 casamento poligínico, onde se tem 3 mulheres e 5 filhos, além de (pelo menos) uma filha extra-matrimonial já falecida; (Apêyá) (Fig. 10).

c) 1 casamento poligínico (sororato simultâneo) com 2 irmãs e 6 filhos; (Xampata) (Fig. 11).

d) 1 caso com 2 mulheres e 7 filhos conhecidos; (Maritü); (Fig. 12).

e) 1 caso com 2 mulheres e 9 filhos conhecidos; (Mawíriki) (Fig. 13).

5. Quanto aos Kaxúyana, eles representariam uma situação mais particular que a dos Tiriyó, como antes tentamos mostrar, exigindo um cuidado especial no confronto com a retratação demográfica de outros grupos indígenas. De fato a proporção de pessoas no primeiro segmento etário (0-14 com 43,7%) é realmente elevada, sobretudo quando comparada com as participações relativas das outras tribos presentes na tabela, onde se vê apenas os Juruna (0-14 com 52%) acusando proporção superior que a Kaxúyana. Convém não esquecer, no entanto, que o potencial Kaxúyana vem enfrentando sérios obstáculos à sua efetiva recuperação populacional. Abstraindo-se o total de pessoas (= 64), cuja cifra seria relativamente pequena, embora sendo um pouco maior que, por exemplo, a Juruna (= 58) e que, por si só,

não chegaria a ter um efeito tão restritivo para o crescimento do grupo, precisamos recordar dois importantes impecilhos : o parentesco e carência de mulheres, particularmente mulheres em condições biológicas de contribuir, a curto prazo, para a reprodução. Conforme preocupamo-nos em mostrar durante a exposição, essas duas razões, mesmo antes da mais recente imigração dos Kaxúyana, vinham impedindo a sua reorganização demográfica. Por isso, mantemos uma cer-

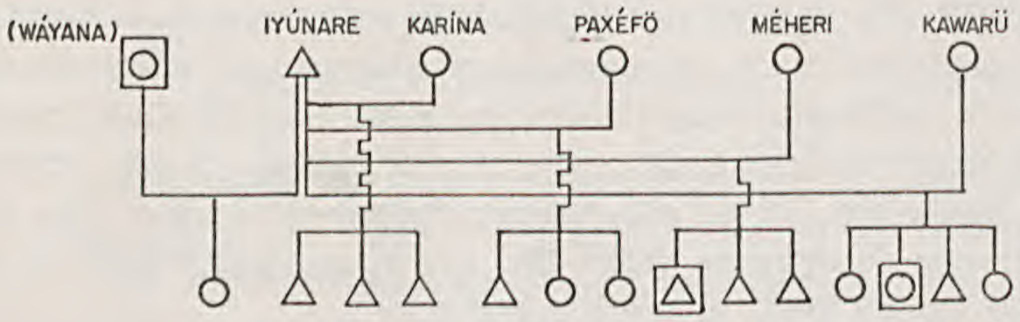


Fig. 9

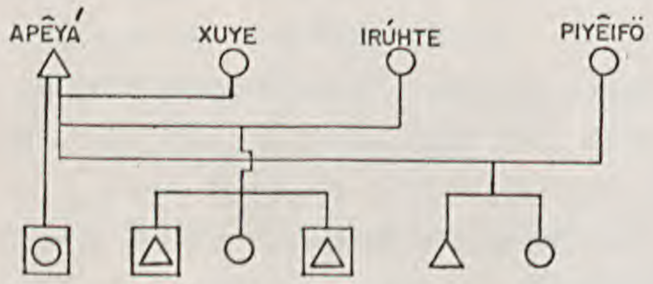


Fig. 10

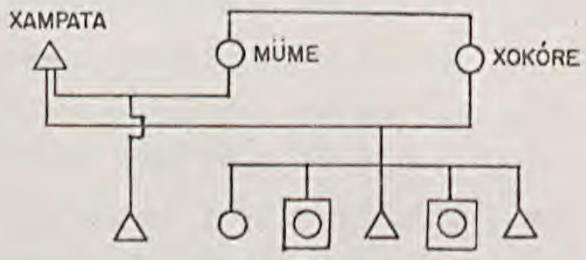


Fig. 11

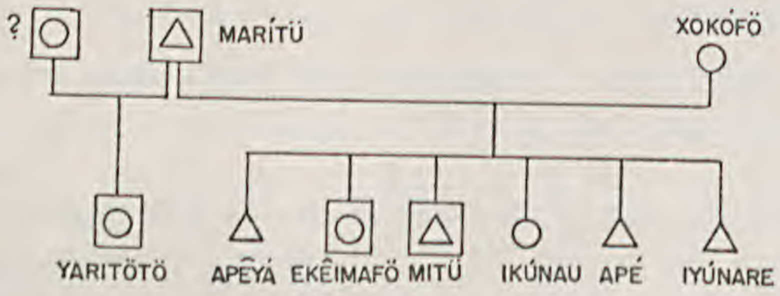


Fig. 12

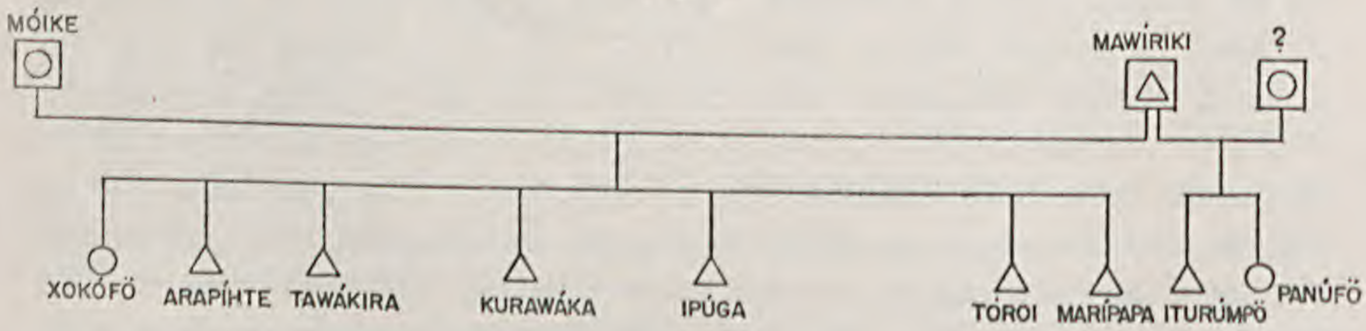


Fig. 13

TABELA 26

QUANTIDADES DE CRIANÇAS NASCIDAS VIVAS POR MULHERES CASADAS E POR MULHERES PROLÍFICAS EM NOVE GRUPOS INDÍGENAS DO BRASIL

GRUPOS INDÍGENAS	INTERVALO ETÁRIO							
	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60 +	Ignorada	Total (M ± σ)
EWARHOYÁNA — 1970 :								
Mulheres Prolíficas	1	2	1	—	—	—	—	4
Média de filhos nascidos vivos	1,0	3,0	1,0	—	—	—	—	2,0±0,8
SUIÁ — 1966/1967 :								
Mulheres Prolíficas (*)	1	12	1	4	2	—	—	20
Média de filhos nascidos vivos	1,0	1,7	2,0	6,8	3,0	—	—	2,8±1,0
BORORO — 1934 :								
Mulheres Casadas	5	6	4	4	6	1	2	28
Média de filhos nascidos vivos	1,0	1,8	5,3	3,5	3,5	4,0	4,5	3,0±0,5
XAVANTE — 1962/1964 :								
Mulheres Casadas	43	63	29	24	10	1	—	170
Média de filhos nascidos vivos	1,1	2,5	4,2	5,6	6,2	1,0	—	3,1±0,2
JURUNA — 1967 :								
Mulheres Casadas	2	5	5	1	—	—	—	13
Média de filhos nascidos vivos	0	2,0	5,4.	5,0	—	—	—	3,2±0,8
TIRIYÓ — 1965 :								
Mulheres Prolíficas	9	9	7	6	4	1	—	36
Média de filhos nascidos vivos	1,7	3,2	4,3	4,0	3,2	8,0	—	3,3±0,8
TIRIYÓ — 1970 :								
Mulheres Prolíficas	4	27	10	13	4	2	—	60
Média de filhos nascidos vivos	1,5	2,8	4,1	4,9	4,8	6,0	—	3,6±0,4
KAXÚYANA — 1970 :								
Mulheres Prolíficas	2	2	4	2	1	1	—	12
Média de filhos nascidos vivos	1,0	2,5	4,8	7,5	5,0	4,0	—	4,2±1,4
CAINGANG — 1957/1963 :								
Mulheres Casadas	61	189	109	88	40	44	—	531
Média de filhos nascidos vivos	1,2.	1,3	5,4	7,0	6,0	6,1	—	4,5±0,1

(*) — No caso dos Suiá, as mulheres prolíficas, provavelmente, compreendem também aquelas que tiveram somente abortos sem ainda terem tido nenhuma criança nascida viva; se nos tivesse sido possível isolar esses casos, talvez a média tenderia a ser diferente.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

ta cautela quando nos referimos aos Kaxúyana, pois nossas reservas confirmam-se no próprio passado recente do grupo, durante o qual se percebe a procura de mulheres e o estreito parentesco dificultando a reestruturação populacional Kaxúyana.

FERTILIDADE

A fertilidade das mulheres Kaxúyana e Tiriyó, avaliada em termos das médias de crianças nascidas vivas e comparada com a de outros grupos indígenas do Brasil, pode ser vista na Tab. 26 — na qual também inserimos dados referentes aos Suiá (25) — mostrando o número médio de filhos nascidos vivos por mulheres casadas nos Bororo, Xavante, Juruna e Caingang, e a quantidade média de crianças nascidas vivas por mulheres prolíficas vivas nos Ewarhoyána, Kaxúyana, Tiriyó e Suiá. Quanto aos Bororo, Xavante, Juruna e Caingang, a elaboração do quadro baseia-se em tabela análoga feita por Salzano & Oliveira (1969 : 212) que nos apresentam o "Number of live births per married females over the age of 15, by age groups, in four Brazilian tribes", contando com informações e resultados alcançados por Salzano, Neel, Maybury-Lewis, Baldus e Adélia Oliveira.

1. Adotando-se, portanto, o procedimento normal — o registro do número de crianças nascidas vivas —, os respectivos promédios Tiriyó (1965 = 3,3; 1970 = 3,6), situam-se dentro de certos limites normalmente encontrados na maioria dos grupos indígenas do Brasil em diferentes épocas. É o caso, por exemplo, dos Kuikuro com 3,6, de 75 mulheres xinguanas casadas com uma média de 3,4 (Ribeiro, 1956 : 28) e dos relacionados na Tab. 26 : Bororo (= 3,0), Xavante (= 3,1) e Juruna (= 3,2) (26). Com exceção para os exemplos cujos valores ultrapassam esses limites máximos geralmente encontrados : os Caingang, cuja média de filhos nascidos vivos por mulheres casadas é a mais alta que conhecemos no Brasil (= 4,5); os grupos indígenas do Brasil Central estudados por Ranke, em fins do século passado, com uma média de 4,1 extraída de uma amostra de 86 mulheres casadas de cinco aldeias xinguanas, o que, de acordo com o relato de Ribeiro (1956 : 29),

---

(25) — Todos os dados referentes aos Suiá foram coletados por Frikel, em 1966/1967, antes da junção dos "Beiços de Pau" aos Suiá do Xingu. No caso dos Suiá, contudo, as mulheres prolíficas, provavelmente, compreendem também aquelas que só tiveram abortos sem ainda terem tido nenhuma criança nascida viva.

(26) — Para os Karajá, Ribeiro (1956 : 32) faz referência à média de 3,71 partos, calculada por Leão da Mota. E, para os Guaraní, Lugon (1968 : 84), apoiado em manuscritos da época (1610-1768), refere que "a média de 3 filhos por família jamais teria sido atingida" e que o normal teriam sido famílias de 2 filhos; supomos que se trata, no caso Guaraní, de filhos ainda vivos.

lhe teria permitido afirmar naquela época, referindo-se à mulher alemã, "então das mais prolíficas da Europa", que a "mulher xinguana nada ficava a lhe dever"; e, agora, os Kaxúyana, conforme dados apurados por nós, cujo promédio de filhos nascidos vivos por mulheres prolíficas vivas é bastante alto (= 4,2), estando próximo do número médio de crianças nascidas vivas por mulheres casadas dos Caingang (= 4,5), inscrevendo-se entre os grupos indígenas do Brasil de promédios mais elevados (27). Enquanto os Ewarhoyána (= 2,0) e os Suiá (= 2,8) apresentam médias bastante baixas que se situam muito aquém dos promédios dos outros grupos referidos.

2. Ao que parece, o número médio de crianças nascidas vivas por mulheres que, de fato, tiveram filhos nascidos vivos, entre os Tiriyió, estaria em certa ascenção gradual, a julgar pelo que se observa em 1965 (= 3,3) e 1970 (= 3,6), conforme a Tab. 26.

3. E no que diz respeito, especificamente, ao período fértil (15-49 anos), a mesma tabela ainda mostra a ocorrência de um fato semelhante àquêle notado por Ribeiro (1956 : 29), numa amostra coletada por Leão da Mota, em 1954, de 75 mulheres xinguanas casadas : "a ascenção gradual do número médio de crianças por mulher, na medida em que crescem os anos de acasalamento". No nosso caso teríamos, entre os Suiá, os Tiriyó (em 1970) e os Kaxúyana, um crescimento gradual do número médio de crianças nascidas vivas por mulheres prolíficas, desde o grupo etário inicial (15-19 anos) do período fértil até o segmento final (40-49 anos).

4. Por outro lado, considerando-se as concepções, tal como mostramos na Tab. 27 para os Ewarhoyána, Kaxúyana, Tiriyó e Suiá, nota-se que as médias de concepções das mulheres Tiriyó (1965 = 3,9; 1970 = 4,5), Kaxúyana (= 4,2) e mesmo a Suiá (= 3,6) seriam superiores aos promédios de filhos nascidos vivos por mulheres casadas de alguns grupos indígenas do Brasil como, por exemplo, os Kuikuru (= 3,6) (Ribeiro, 1956 : 28), os Juruna (= 3,2), os Xavante (= 3,1) e os Bororo (= 3,0), com exceção apenas dos Caingang (= 4,5). Em particular, esse tipo de promédio Tiriyó (1970 = 4,5) e Kaxúyana (= 4,2) seria mais alto que a taxa encontrada por Ranke (= 4,1) naquela amostra de 86 mulheres casadas de cinco aldeias xinguanas, enquanto as médias Suiá (= 3,6), e Tiriyó em 1965 (= 3,9) não o são.

---

(27) — Todas as avaliações comparativas que fazemos das diversas médias não contam com o suporte de certos recursos estatísticos de comparação desses valores, como um teste de médias.

TABELA 27

QUANTIDADE DE FILHOS NASCIDOS VIVOS POR MULHERES CASADAS E DE CONCEPÇÕES POR MULHERES EM NOVE GRUPOS INDÍGENAS DO BRASIL

GRUPOS INDÍGENAS	INTERVALO ETÁRIO							
	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60 +	Ignorada	Total (M ± đ)
EWARHOYÁNA — 1970 :								
Mulheres	1	2	1	—	—	—	—	4
Média de Concepçõcs	1,0	3,0	1,0	—	—	—	—	2,0±0,8
SUIÁ — 1966/1967 :								
Mulheres	1	12	1	4	2	—	—	20
Média de Concepções	1,0	2,6	3,0	7,5	3,5	—	—	3,6±1,1
BORORO — 1934 :								
Mulheres Casadas	5	6	4	4	6	1	2	28
Média de filhos nascidos vivos	1,0	1,8	5,3	3,5	3,5	4,0	4,5	3,0±0,5
XAVANTE — 1962/1964 :								
Mulheres Casadas	43	63	29	24	10	1	—	170
Média de filhos nascidos vivos	1,1	2,5	4,2	5,6	6,2	1,0	—	3,1±0,2
JURUNA — 1967 :								
Mulheres Casadas	2	5	5	1	—	—	—	13
Média de filhos nascidos vivos	9,	2,0	5,4	5,0.	—	—	—	3,2±0,8
TIRIYÓ — 1965 :								
Mulheres	9	9	7	6	4	1	—	36
Média de Concepções	2,0	3,6	5,1	5,2	3,8	8,0	—	3,9±0,8
TIRIYÓ — 1970 :								
Mulheres	4	27	10	13	4	2	—	60
Média de Concepções	1,8	3,4	4,8	6,4	6,5	6,0	—	4,5±0,5
KAXÚYANA — 1970 :								
Mulheres	2	2	4	2	1	1	—	12
Média de Concepções	1,5	2,5.	4,8	7,5	5,0	4,0	—	4,2±1,4
CAINGANG — 1957/1963 :								
Mulheres Casadas	61	189	109	88	40	44	—	531
Média de filhos nascidos vivos	1,2	1,3	5,4	7,0	6,0	6,1	—	4,5±0,1

5. As médias de concepções das mulheres Suiá (= 3,6) e Tiriyó (1965 = 3,9; 1970 = 4,5) também são mais elevadas que os simples promédios de filhos nascidos vivos nesses mesmos grupos: Suiá (= 2,8), Tiriyó (1965 = 3,3; 1970 = 3,6). Enquanto os Kaxúyana, contudo, não apresentam uma ascenção dessa natureza: o número médio de filhos nascidos vivos (= 4,2) é igual à média de concepções (= 4,2), o que indica a reduzidíssima proporção de abortos existentes nesse grupo em comparação com os Tiriyó que é por demais alta.

6. Em todo caso, tendo em vista esses exemplos dos ítens 4. e 5. poderíamos supor que, certamente, quando a média de concepções é muito superior ao número médio de crianças nascidas vivas, como nos Tiriyó, em geral, tratam-se de grupos indígenas realizando intensa contenção populacional pela freqüente prática de abortos, a julgar pelo que acontece com os Tiriyó que conhecemos.

7. Fazendo-se uso do procedimento mais comum para se avaliar a relação crianças/mulheres, por causa da necessidade de comparação com a de outras populações — o número de crianças de 0-4 anos em proporção ao número de mulheres de 15-49 anos —, constata-se que os Kaxúyana (= 1,00) apresentam uma razão igual a Juruna, a qual também é de 1,00 (Oliveira, 1969: 55), sendo que todas duas são maiores que as do Estado do Amazonas (= 0,83), Pará (= 0,76) e Acre (= 0,92) em 1960 [28]. Enquanto as proporções Tiriyó (1968 = 0,60; 1970 = 0,65) são inferiores, mas acusando uma gradual ascenção, sendo que, em 1959, não haviam crianças de até 4 anos de idade.

Não obstante certos inconvenientes dessa medida de fertilidade como, por exemplo, o fato de não considerar a mortalidade infantil, recorremos a esse cálculo como um auxílio que reafirmaria a alta fertilidade da mulher Kaxúyana, apresentando um promédio de 4,2 filhos nascidos vivos por mulher prolífica.

ESPAÇAMENTO ENTRE OS NASCIMENTOS

Quanto aos espaçamentos entre os nascimentos, só dispomos das informações de Oliveira (1969: 55-57) para os Jurúna e as nossas para os Tiriyó, as quais mostramos na Tab. 28.

(28) — Recenseamento de 1960, IBGE: Estado do Pará, 267.069 crianças de 0-4 anos/350.556 mulheres de 15-49 anos = 0,76; Estado do Amazonas, 131.698 crianças de 0-4 anos/158.490 mulheres de 15-49 anos = 0,83; e Estado do Acre, 30.057 crianças de 0-4 anos/32.532 mulheres de 15-49 anos = 0,92.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

TABELA 28

ALGUNS PARÂMETROS DOS ESPAÇAMENTOS ENTRE NASCIMENTOS NOS ÍNDIOS JURÚNA E TIRIYÓ (EM ANOS) — 1970

Grupos	Média	Mediana	Moda.	Limites de Variação		Maior %
				Mínimo	Máximo	
Jurúna - 1967 (*) ...	3,2	3	2	1	9	2 e 3 = 71%
Tiriyó - 1970 ...	3,04	2,6	1	1	7,6	2 e 3 = 51% 2,3 e 4 = 66%

(*.) — Oliveira (1969, 55-57).

1. As médias Jurúna (= 3,2) e Tiriyó (= 3,04) estão bastante próximas, notando-se que os valores mediano (= 2,6) e modal (= 1) dos Tiriyó são, inclusive, menores que os Jurúna (= 3; 2), o mesmo ocorrendo com o limite máximo de variação dos espaçamentos (Jurúna = 9; Tiriyó = 7,6). Porém, a metade dos espaçamentos é entre 2 e 3 anos com 51%, proporção inferior a Jurúna que é de 71%, de tal modo que para se ter um percentual mais próximo do Jurúna (= 71%) temos de tomar os espaçamentos de 2, 3 e 4 anos (= 66%), o que implica em ter um tempo maior de nascimento. Não obstante, poderíamos concluir que a população Tiriyó, considerando-se também essas informações, se reproduz com uma certa rapidez, do mesmo modo que Oliveira (1969 : 55) observou os Jurúna estando se reproduzindo "com razoável velocidade".

Mortalidade e sobrevivência

Considerações finais sobre a mortalidade, comparando-as com a de alguns grupos, é o que nos permite fazer a Tab. 29, onde temos informações do número de mortos, sobreviventes e médias de sobreviventes por mulheres nos Kuikuro, Tiriyó, Ewarhoyána, Kaxúyana, Suiá e Jurúna.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

TABELA 29

MORTALIDADE E SOBREVIVÊNCIA EM SEUS GRUPOS INDÍGENAS DO BRASIL

Grupos	FILHOS NASCIDOS VIVOS					Média de Sobreviventes
	Mortalidade		Sobreviventes		Total	
	Absoluto	%	Absoluto	%		
KUI'KURO/1954 (*)	63	56	46	44	109	1,5
TIRIYÓ/1965	59	49	60	51.	119	1,7
TIRIYÓ/1970	83	38	136	62.	219	2,3
EWARHOYÁNA/1970	3	37	5	63	8	1,3
KAXÚYANA/1970	14	28	36	72	50	3,0
SUIÁ/1967 (* 2)	15	27	41	73	56	2,1
JURÚNA/1967 (* 3)	4	9,5	38	90,5	42	2,9

FONTES: (* 1) — Ribeiro, 1956; (* 2) — Frikel, manuscrito; (* 3) — Oliveira, 1969, Salzano & Oliveira, 1969.

1. Em primeiro lugar, a colocação dos grupos na tabela revela que a proporção de sobreviventes aumenta (44% entre os Kuikuro, para 90,5%, entre os Jurúna) na medida, naturalmente, em que a mortalidade tende a cair (56% entre os Kuikuro, para 9,5% entre os Jurúna), com os grupos indígenas ocupando a mesma posição na tabela : Kuikuro, Tiriyó (1965 e 1970), Ewarhoyána, Kaxúyana, Suiá e Jurúna. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, as médias de sobreviventes por mulheres prolíficas não tendem a crescer com os grupos mantendo a mesma posição anterior, senão vejamos :

1.1. Excetuando-se os Ewarhoyána — porque constituem um grupo reduzidíssimo — observa-se que, entre os Kuikuro, não só a mortalidade é a mais elevada da tabela (= 56%) como a proporção de sobreviventes (= 44%) e o promédio de sobreviventes por mulheres casadas (= 1,5) são, realmente, os mais baixos. Enquanto isso, os Jurúna, que apresentam a menor proporção de falecimentos (= 9,5%) e a maior quantidade relativa de sobreviventes (= 90,5%), possuem uma média de sobreviventes por mulheres casadas (= 2,9), que, de fato, se inscreve entre as mais altas da tabela. Contudo, essa média é inferior ao promédio de sobreviventes dos Kaxúyana (= 3,0), apesar do percentual de

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

mortes dos Kaxúyana (= 28%) ser bastante superior ao dos Jurúna (=9,5), alterando, portanto, a ordem que esses grupos mantém na Tab. 29 quando se trata das proporções de falecimentos e sobreviventes.

1.2. Outro exemplo elucidativo diz respeito aos Suiá — para os quais, aliás, não nos foi possível a separação das mulheres que tiveram somente abortos e que, provavelmente, estão incluídas entre aquelas prolíficas, donde se pode deduzir que se tivessemos podido considerar apenas as mulheres que, de fato, tiveram, pelo menos, um filho nascido vivo, a média de sobreviventes seria diferente. A mortalidade entre os Suiá (= 27%) é inferior à Kaxúyana (= 28%), Tiriyó (= 38% e 49%) e a Kuikuro (= 56%); em contrapartida, a proporção de sobreviventes Suiá (= 73%) é, na mesma ordem anterior, superior a Kaxúyana (= 72%), Tiriyó (= 62% e 51%) e a Kuikuro (= 44%). No entanto, o promédio de sobreviventes Suiá (= 2,1%) não é maior que o Kaxúyana (= 3,0) — por sinal, a média mais alta da tabela — e o Tiriyó em 1970 (= 2,3), como talvez seria mais "lógico" de se esperar. A média Suiá consegue apenas ser superior a Tiriyó em 1965 (= 1,7), e a Kuikuro (= 1,5), mostrando alteração na ordem anterior dos grupos na tabela.

2. Em segundo lugar, não obstante os Tiriyó tenham uma mortalidade acima de 30%, nota-se que a proporção de mortos apresentaria um certo declínio (1965 = 49%; 1970 = 38%), enquanto, naturalmente, estaria em ascenção a proporção dos que conseguem sobreviver (1965 = 51%; 1970 = 62%) e o número médio de sobreviventes por mulheres prolíficas (1965 = 1,7; 1970 = 2,3).

Tipos de casamentos e raios das áreas de cruzamentos

Na literatura não encontramos, em termos estatístico-demográficos ,quase nenhum material comparativo entre grupos indígenas do Brasil, enquanto outros trabalhos apresentam aspectos mais especificamente genéticos, razão por que preferimos restringir as anotações aos três grupos por nós estudados, os Ewarhoyána, os Kaxúyana e os Tiriyó.

Em cada grupo, tentamos caracterizar os vários tipos de casamentos, desde os preferenciais até os que julgam como proibidos ou até incestuosos, incluindo os casamentos realmente consanguíneos como também os de parentesco classificatório. Justamente os casos "anormais" explicam, de certa maneira, a situação do grupo em relação à necessidade de sobrevivência. Visto que os grupos se tornaram tão pequenos, certos arranjos "fora do comum" tornaram-se necessários

que em outras circunstâncias não seriam permitidos como, por exemplo, o casamento entre (meio—) irmãos dos Kaxúyana ou o caso considerado incestuoso dos Ewarhoyána (cf. diagrama da genealogia Ewarhoyána). Esses grupos menores tinham necessidade de se ligarem a outro maior, em nosso caso os Tiriyó para os quais, por sua vez, esse aumento demográfico era, de certo modo, desejado. Porque os próprios Tiriyó, aos poucos, começam a sentir também a redução das possibilidades de casamento normais em decorrência da estreiteza de parentesco consanguíneo e classificatório. Devido a extinção da poliginia entre os Tiriyó — na época da pesquisa de campo tinha-se apenas doi casos —, como resultado da atuação missionária, passouse a ter um certo excesso relativo de mulheres, enquanto os Kaxúyana apresentaram um certo excesso de homens, conforme as estatísticas. Os casamntos mistos, Kaxúyana-Tiriyó, portanto, eram a solução. E, de fato, nos últimos dois anos realizaram-se cinco casamentos (e mais dois depois de se ter encerrado o levantamento; cf. nota 21 pág. 55) desse tipo.

1. Uma das conclusões que se impõe diz respeito à extensão do Raio da Área de Cruzamento no conceito anteriormente adotado. Conforme indicação neste trabalho, o Raio externo entre os Ewarhoyána é bastante grande (com uma média de 130 km), enquanto o interno é zero por se tratar de um grupo sem difusão territorial. Com os Tiriyó dá-se o contrário: enquanto o Raio interno se estende sobre todo o território então por eles habitado (desde o rio Panamá até o Paru de Leste), o Ralo externo é, praticamente, zero; pois, devido à numerosidade populacional, não havia necessidade de procurar cônjuges fora do ambiente próprio. Os poucos casamentos mistos com elementos alheios originaram-se, às mais das vezes, com a penetração de parcelas de outros grupos em território Tiriyó (p. ex., os Xaruma e Ingarüne, no rio Panamá). Também os recentes casamentos entre elementos Tiriyó e Kaxúyana não constituem Raio da Área de Cruzamento, porque os dois grupos convivem na mesma região e na mesma Missão, desde 1968.

2. Quanto aos Kaxúyana, antes de sua migração para o Paru de Oeste, observa-se que as médias para o Raio interno e externo aproximam-se (com uma média de 132 km para o Raio interno e 155 km para o Raio externo), porque os vários sub-grupos Kaxúyana moravam bastante espalhados, desde o rio Panamá até o rio Kaxúru (Cachorro), ficando os grupos do Raio externo, aproximadamente, na mesma distância, embora mais para o interior, fora da calha do rio Trombetas.

3. Comparando esses dados com informações obtidas entre outros grupos indígenas, encontramos situações semelhantes. Os Suiá, por exemplo, possuiam um Raio da Área de Cruzamento externo bastante extenso, cuja média pode ser calculada em 125 km, enquanto o interno é zero, por não existirem outros núcleos Suiá (29). Sua situação, sob este ponto de vista, é quase idêntica à dos Ewarhoyána, mesmo na média do Raio externo. Ao contrário, os Munduruku, em situação mais semelhante aos Tiriyó, possuem somente um Raio da Área de Cruzamento interno, estendendo-se sobre todo o seu território, enquanto o externo é, praticamente, zero (30).

Uma coordenação desses dados, em forma de tabela, sobre os Raios das Áreas de Cruzamento dos vários grupos mencionados, poderá ajudar a esclarecer o assunto.

TABELA 30

RAIOS DA ÁREA DE CRUZAMENTO DOS ÍNDIOS EWARHOYÁNA, SUIÁ, KAXÚYANA, TIRIYÓ E MUNDURUKU — 1970

Grupos	RAIO		Efetivo Populacional Considerado
	Externo	Interno	
EWARHOYÁNA	130	—	13
SUIÁ	125	—	72
KAXÚYANA	155	132	64
TIRIYÓ	—	200	222
MUNDURUKU	—	200	± 2000

4. À base dessas comparações, talvez possa se formular um axioma, da seguinte maneira: quanto mais populoso o grupo, menor é o Raio da Área de Cruzamento externo e, vice-versa, quanto menor o grupo, maior se torna o Raio da Área de Cruzamento externo. Todavia, dá-se o contrário com o Raio interno, o qual, em grupos mais populosos, mas dentro de seu próprio "habitat", é, territorialmente, maior devido a

(29) — Distâncias médias avaliadas: Suiá-Kayabi = 30 km; Suiá-Juruna = 130 km; Suiá-Txukahamae = 200 km; Suiá-Pôsto Leonardo, como centro dos xinguanos da parte sul do Parque do Xingu = 140 km; média geral = 125 km.

(30) — Observações respectivas foram feitas, entre os Suiá e Munduruku, anos atrás, por Frikel.

difusão das aldeais (p. ex. Tiriyó e Munduruku) do que em grupos pequenos, restritos ao local de residência (p. ex. Ewarhoyána, Suiá), deixando, entretanto, margem para casos periféricos, onde o Raio externo e interno estão mais ou menos equilibrados, como no caso dos Kaxúyana.

Eventual população futura Tiriyó

Como conclusão final, gostariamos de fazer alguns comentários sobre os Tiriyó como um todo, ou seja, considerando também os que se encontram no Suriname.

Nosso exame, até agora, limitou-se somente a uma parcela dos Tiriyó, aquela que se localiza no lado brasileiro da região do Tumucumaque com um efetivo de 222 pessoas até 31 de março de 1970. Nesse sentido, estimamos que nós nos reportamos a apenas cerca de um terço de todos os Tiriyó, faltando fazer um estudo demográfico exatamente da maior parcela, a qual seria em torno de dois terços existentes no Suriname.

Se nos foi possível afirmar que estaria ocorrendo, com a menor parcela dos Tiriyó, um recente processo de recuperação populacional de aceleradas transformações demográficas, o que se passa, de fato, com os restantes dois terços ? Na verdade, não dispomos de dados empíricos que nos permitam um exame dos Tiriyó do Suriname. De qualquer maneira, se nos fosse lícito supor como constantes determinadas condições, de tal modo que tivessemos uma realidade demográfica idêntica ou semelhante a que se verifica no lado brasileiro, na qual pudessemos, principalmente, contar com um razoável crescimento vegetativo, uma natalidade em gradual ascensão e uma mortalidade em progressivo declínio, seria, até certo ponto, válido sugerir que os Tiriyó do Suriname também estariam numa recente linha de incremento populacional.

Para o que agora seria conveniente recordar, quanto aos Tiriyó do lado brasileiro nossas informações indicam o seguinte :

1. Os sobreviventes aumentam : eram de 51% com os dados de 1965 e passaram a ser de 62% em 1970;

2. Nos últimos dez anos, considerando-se os que nasceram (= 101) e todos os que morreram nesse período (= 29), temos 29% de mortalidade e 71% de sobreviventes;

3. A mortalidade infantil propriamente dita (o número de mortos de menores de 1 ano em relação aos nascidos vivos no mesmo período) vinha sendo elevada, a julgar pelo fato da mortalidade infantil

proporcional (o número de mortos de menores de 1 ano sobre o total de filhos já falecidos das mulheres prolíficas vivas) acusar 46%. No entanto, ela estaria em declínio, tendo em vista que nos últimos anos temos :

3.1. 29% de mortalidade e 71% de sobreviventes;

3.2. Dos que nasceram nesse período de dez anos (= 101), 17% faleceram (= 17) e 83% sobreviveram (= 84);

3.3. As taxas brutas de mortalidade em 1968 e do primeiro trimestre de 1970, são, respectivamente, de 1,0/100 e 0,4/100.

4. O promédio de crianças nascidas vivas por mulheres prolíficas estaria em lenta ascensão : era de 3,3 em 1965, e com os dados do primeiro trimestre de 1970 acusa 3,6.

5. O número médio de sobreviventes por mulheres prolíficas estaria sofrendo relativo incremento : era de 1,7 em 1965, e passou a ser de 2,3 com as informações de 1970.

Por outro lado, estimamos que todos os Tiriyó (tanto os que estão no Brasil como os do Suriname) seriam, no mínimo, de 700 pessoas atualmente (cf. pág. 38). Supondo como sendo razoável uma taxa de 11,6% (cf. Nota 18), para os próximos dez anos, teríamos em 1980 os Tiriyó em torno de 781 pessoas. Embora nos parecendo um número "excessivo", o que parece viável contudo, é, pelo menos, considerar que parece estarmos diante de uma certa "explosão" populacional Tiriyó, tendo em vista que se trata de uma sociedade indígena.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

APÊNDICE I

PARENTESCO CLASSIFICATÓRIO TIRIYÓ E TIPOS DE CASAMENTOS

O sistema classificatório do parentesco Tiriyó, em vários pontos, naturalmente diverge do nosso que poderiamos denominar de "descritivo". Como já mencionamos em outro lugar, os Tiriyó são patrilineares e consideram consanguíneos (= moite) somente aqueles que são da mesma "linhagem" paterna, excluindo, portanto e de antemão, a "linhagem" materna. Para o etnólogo perito, não haverá problema de entender a classificação patrilinear do parentesco Tiriyó; que, por exemplo, os irmãos do pai e as irmãs da mãe, para o Ego, também são pai e mãe, respectivamente; que, em conclusão aliás lógica, os filhos (= nossos primos paralelos) desses pais classificatórios (= tios paternos) são irmãos/irmãs do Ego; que os filhos deste (= os netos dos pais classificatórios) são também filhos/filhas do Ego. Repete-se esquema semelhante, embora não inteiramente idêntico, com as denominações de parentesco pelo lado materno. Todavia, a irmã do pai e o irmão da mãe possuem denominações próprias, diferentes, especialmente para o masculino, dando margem para os chamados primos cruzados que também, para o masculino, possuem denominações próprias, enquanto para o feminino divergem.

Esta classificação indígena tem alta importância para o estabelecimento dos casamentos, porque os parentes que possuem o mesmo sangue paterno, pertencendo, portanto, à mesma "linhagem" paterna, não podem casar entre si, enquanto isso não acontece com os parentes da mãe; pois, nem ela, nem os parentes dela são considerados (sob o ponto de vista do Ego) consanguíneos, e sim um tipo de afins.

Estende-se esta diferenciação, também, sobre os primos paralelos: com os paternos (sendo os pais dois irmãos do mesmo sangue) não podem casar; com os maternos (sendo as mães duas irmãs), porém, podem.

Contudo, existem dois termos na classificação Tiriyó que precisam de uma explicação mais pormenorizada: etü e emerimpö.

Etü (ou, simplesmente, pelo radical: "e") emprega-se somente para designar homens e significa, preferencialmente, o irmão da mãe. Mas possue também sentido mais amplo, incluindo os filhos do irmão

da mãe, os filhos do irmão/irmã da mãe da mãe, os filhos da irmã do pai e outros mais; de forma que a simples tradução por "tio materno", ou seja, "irmão da mãe" não satisfaz e não abrange todo o sentido da expressão indígena, embora indicando sempre parentes masculinos, não consanguíneos. Para o Ego feminino, em consequência disso, o termo indica ainda que se trata de um parente afim com quem possa ter relações sexuais ou até casar, ficando, pois, subtendido o sentido de "marido potencial". Nem todos os casamentos com etü são, pois, casamentos entre "tio e sobrinha" (= irmão da mãe e Ego feminino).

Eme ou Emerimpö possuem significação semelhante. É aplicada, preferencial, mas não exclusivamente, à mulheres que, do ponto de vista do Ego masculino, são "casáveis", isto é, "esposas potenciais", pelos mesmos motivos antes alegados. Eme (Emerimpö) raras vezes é aplicado a masculinos, mas acontece.

Observa-se, pois, que em ambos os casos se trata de designação para parentes afins, ou seja, não consanguíneos (no conceito Tiriyó) com as qualidades de esposo/esposa potencial. Lingüisticamente, este sentido é confirmado, pois ambos os termos possuem o mesmo radial denominativo : "e", explicitado por sufixos nominais (-tü; -me, ou seja : e-tü, e-me), incluindo as referidas prerrogativas mencionadas : parente afim, classificatoriamente não consanguíneo e, portanto, "casável".

Dito isto, se desfaz boa parte das eventuais dificuldades na compreensão do parentesco Tiriyó em relação ao casamento. Os pequenos diagramas apresentados não constituirão problemas. À base deles podemos verificar a freqüência dos tipos de casamentos em relação ao diagrama da "linhagem" Prôyana (cf. fig. 8).

1. *Apêyá - Irúhte* (Fig. 14)

Casamentos entre primos paralelos, por parte das mães. Xokófo, mãe do Apêyá, e Panúfö, mãe da Irúhte, eram irmãs. Na classificação Tiriyó, o casal vale como "pi; píko" (= irmão mais velho) e "wöri" (= irmã mais nova). Todavia, os esposos são de "linhagens" diferentes, embora tendo mães-irmãs, devido os pais. Apêyá é Prôyana, Irúhte é Kirikiríyana.

2. *Apêyá - Xúye* (Fig. 15)

Casamento entre primos "cruzados". Parentesco estabelecido por parte da avó/bisavó que era a mesma de ambos, enquanto os avôs

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

eram diferentes. Portanto, Xokófo, a mãe do Apêyá, era somente meia-irmã (por parte da mãe) de Lámpi (Marúkai), avô de Xúye. Na classificação Tiriyó designam-se como "etü" (esposo potencial) e "emi" ou "emerimpö" (esposa potencial). Apêyá é Prôyana, Xúe é Pianakotó.

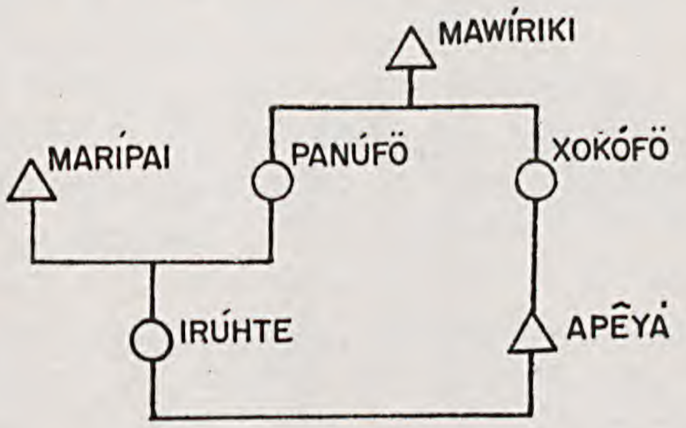


Fig. 14

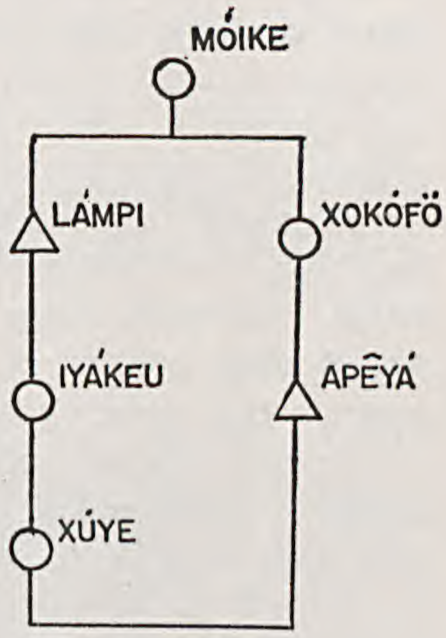


Fig. 15

3. *Apêyá - Püyêifö* (Fig. 16)

À respeito da descendência de Püyêifö não há certeza (biológica) por causa da contenda pela paternidade entre Apé (ainda vivo) e Aréra (já falecido) que eram irmãos por parte da mãe, sendo os pais di-

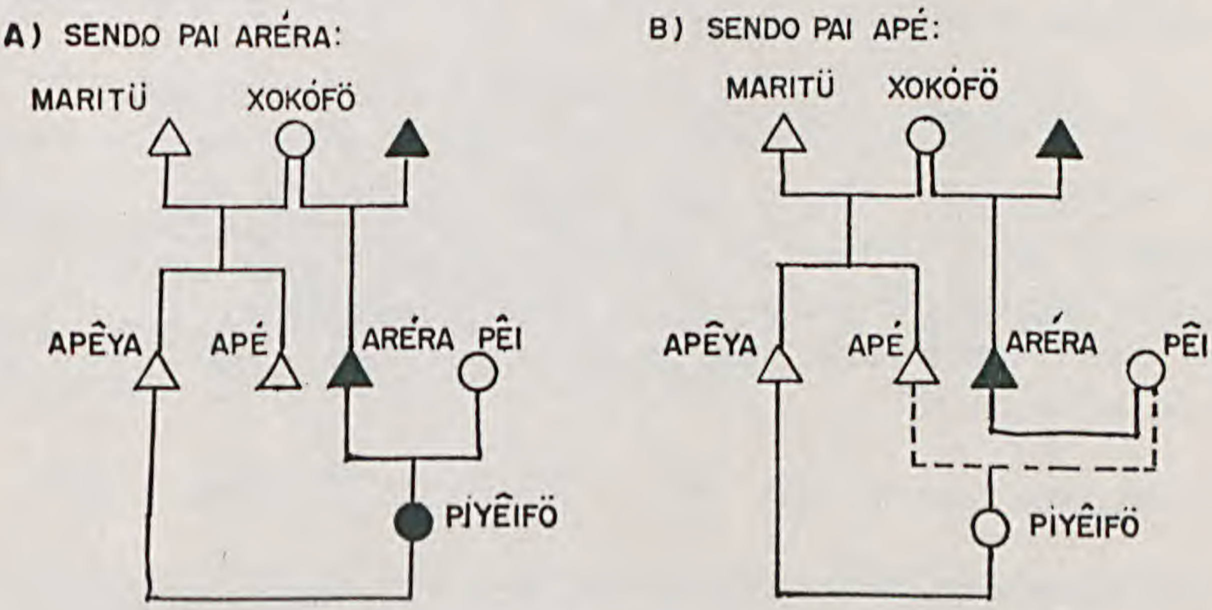


Fig. 16

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

ferentes. A mãe de Püyêifö era esposa do Aréra. Segundo o costume tribal, o irmão do esposo tinha direito de ter relações sexuais com a cunhada (esposa do irmão). Visto que ambos os irmãos dormiram na mesma época, por várias vezes, com a esposa Pêi, surgiu o problema de estabelecer a paternidade biológica. Em tais casos, porém, prevalece o costume tribal de atribuir, oficialmente, a paternidade ao pai social, ou seja, ao marido da mãe da criança ("Pater est, quem nupciae demonstrant"). Seja como for, o casamento entre Apêyá e Püyêifö é considerado fora do comum e, por alguns, até ilegal, por ela, Püyêifö, ter se casado com seu pai classificatório; pois, no sistema de parentesco Tiriyó, o irmão do pai também é considerado "pai". Supondo que Aréra, realmente, tenha sido o pai de Püyêifö, o casamento dela com Apêyá ainda não sairia dos limites dos costumes tribais, embora tais casos sejam raros; pois Aréra, por ter tido pai diferente do Apêyá (tendo só a mãe em comum) pertence à outra "linhagem", à de seu pai, enquanto Apêyá e Apé pertencem à "linhagem" de Marítü. Neste sentido, esse casamento poderia ser justificado. Atribuindo-se, porém, a paternidade ao Apé, irmão do Apêyá por parte de pai e mãe, o caso se torna diferente e o casamento é considerado incestuoso e ilegal (como, de fato, é tido por parte da própria parentela do casal). Neste caso, todos os três, Apé, Apêyá e Püyêifö teriam o mesmo sangue da "linhagem" do Marítü. O estabelecimento e a predominância do pai "social" serviu, portanto, como arranjo para a legitimação desse casamento. Na classificação Tiriyó, Püyêifö é considerada "emi" (= filha classificatória) do marido Apêyá e ele é tido como "pako" (= pai classificatório) dela. Embora sendo esta união criticada, é tolerada devido a incerteza da paternidade biológica e por se tratar, em Apêyá, do irmão mais velho do chefe do grupo.

4. *Iyúnare - Karína* (Fig. 17)

Casamento entre primos cruzados. Na classificação Tiriyó, a mulher é "emi" (= filha classificatória) do marido por ser filha do irmão da mãe dele, enquanto ele, o marido, é considerado "muku" (= filho classificatório) dela. Da mesma forma, ambos são tidos como "etü" e "emerimpö".

5. *Iyunare - Kawárü* (Fig. 18)

Casamento entre primos "cruzados". O pai da esposa é considerado primo não paralelo (pito) por Iyúnare, o marido, porque a mãe

deste e o pai do pai (avô paterno) da esposa, eram irmãos; razão por serem classificados, ele como "etü" (tio-avô classificatório) e ela como "emi" (filha classificatória) dele, sendo ela, ao mesmo tempo "emerimpö".

6. *Iyúnare - Paxefö* (Fig. 19)

Casamento entre primos "cruzados". O caso, em sua estrutura, é idêntico ao precedente. Classificatoriamente, também são "etü" (= tio-avô) e "emi" (filha), sendo ela, ao mesmo tempo, considerada "emerimpö".

7. *Iyúnare - Méheri* (Fig. 20)

Casamento entre tio (= irmão da mãe) e sobrinha. Iyúnare tinha uma irmã por parte do pai (Yaritötö) e casou com a filha desta. Na classificação, os dois tratam-se como "etü" (= irmão da mãe) e "emi" (= filha classificatória), sendo ela também "emerimpö".

8. *Apé - Pepáhte* (Fig. 21)

Casamento entre primos cruzados. Os pais do casal eram irmãos de pai e mãe. Na classificação Tiriyó são considerados "muku" (= filho classificatório) e "emi" (= filha classificatória), tratando-se ambos, ao mesmo tempo, de "etü" e "emerimpö".

9. *Naxáu - Wáneu* (Fig. 22)

Casamento entre primos cruzados. A mãe do marido (Ekeimafö) e o pai da mulher (Apéyá) eram irmãos de pai e mãe. Na nomenclatura Tiriyó são considerados "muku" (= filho classificatório) e "emi" (= filha classificatória). Ambos entram também na categoria de "etü" e "emerimpö". Outrossim, existe um parentesco pelo lado paterno do Naxáu, cujo pai era primo tanto de sua mãe (Ekeimafö), como também do pai de sua mulher (Apêyá).

10. *Ikúnau - Xipewanáfö* (Fig. 23)

Casamento entre primos cruzados, com parentesco estabelecido pela avó comum; pois Xokófö, mãe de Ikúnau, era irmã (por parte da mãe) de Lámpi, pai do Xipewanáfö. Pelos Tiriyó, o grau de parentes-

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

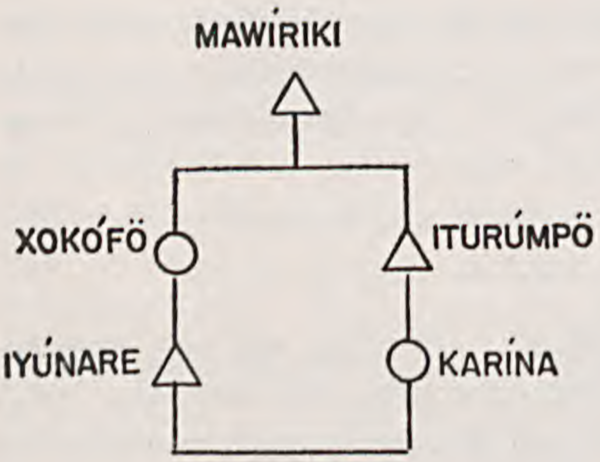


Fig. 17

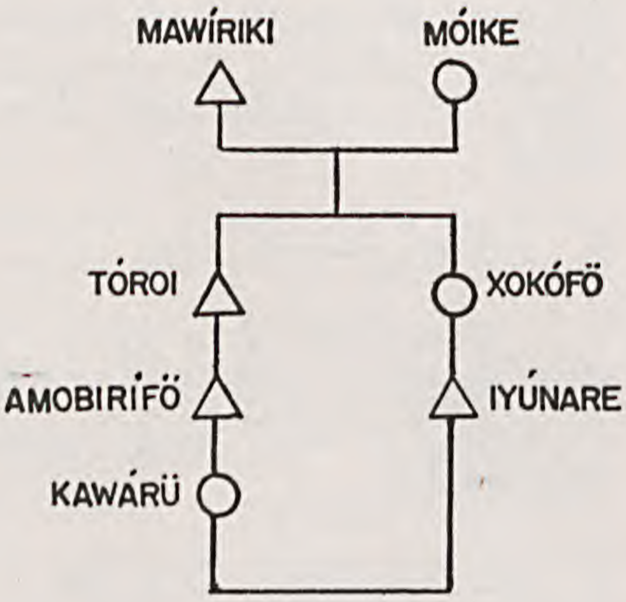


Fig. 18

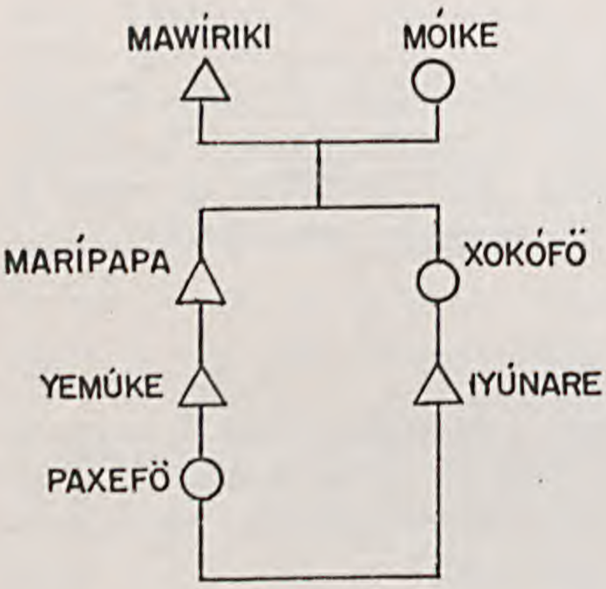


Fig. 19

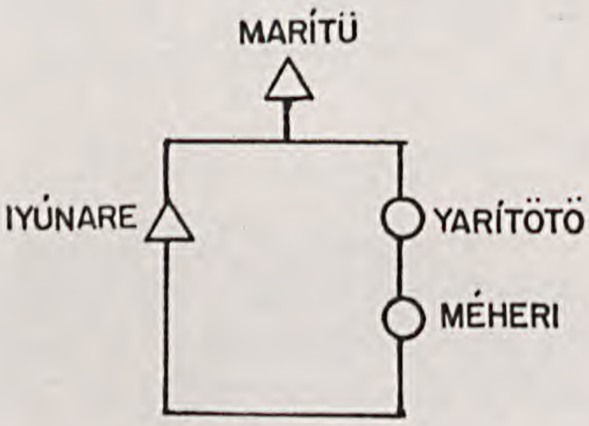


Fig. 20

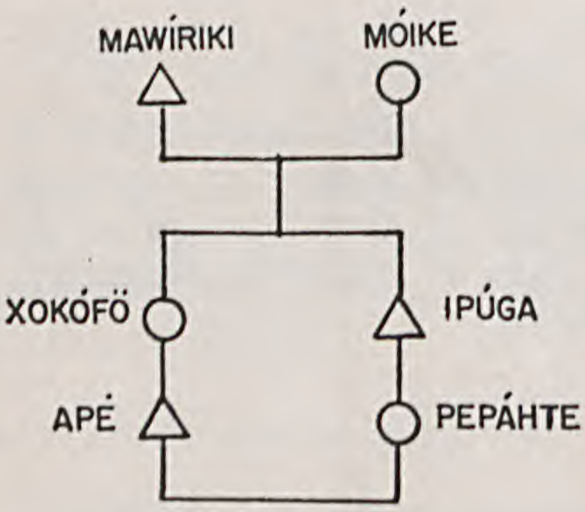


Fig. 21

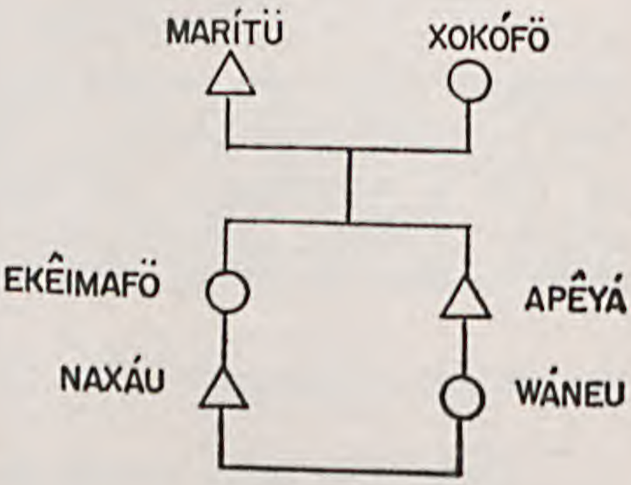


Fig. 22

co é classificado como sendo de "muku" (= filho classificatório) e "mãko" (= mãe, prima classificatória) entrando ambos também na categoria de "etü" e "emerimpö".

11. *Ikúnau - Mapümpö* (Fig. 24)

Casamento entre primos cruzados. Os pais do casal eram irmãos de pai e mãe. Na classificação Tiriyó, o marido é considerado "muku" (= filho classificatório) da esposa que, por sua vez, é considerada "mãko" (= mãe, prima classificatória) dele, sendo ambos, ao mesmo tempo, "etü" e "emerimpö".

12. *Ekêimafö - Wanümpö* (Fig. 25)

Casamento entre primos cruzados. O pai de Ekeimafö (= Maritü) tinha uma irmã por parte do pai. O filho desta irmã (que era Wanümpö) casou com sua prima (Ekêimafö). Por sua vez, o filho deste casal é Naxáu (cf. 9) que contraiu casamento de tipo semelhante. Deram-se, portanto, dois casamentos sucessivos de primos em grau igual (Wanümpo-Ekêimafö; Naxáu-Wáneu). Ekêimafö é considerada "emi" (= filha classificatória) do marido; e ele é "muku" (= filha classificatória) da esposa, pertencendo ambos à categoria de "etü" e "emerimpö".

13. *Xipewanáfö - Panáxero* (Fig. 26)

Casamento entre primos "cruzados". Iyúnare, pai da mulher, é primo não paralelo ("pito") de Xipewanáfö, pois Xokófö, mãe do Iyúnare, era irmã do pai de Xipewanáfö (= Lámpi/Marúkai) por parte da avó que era a mesma, sendo, porém, os avôs (masculinos) diferentes. Na classificação Tiriyó, Xipewanáfö é chamado "etü" (= tio-avô classificatório) pela esposa, enquanto ela é considerada "emi" (= filha classificatória) pelo marido. Ambos são, também, da categoria de "etü" e "emerimpö".

14. *Tópi - Míru* (Fig. 27)

Casamento entre primos "cruzados". O pai de Tópi e a avó da Míru eram irmãos de pai e mãe. Na classificação Tiriyó, o marido, Tópi, é "etü" (= tio-avó classificatório) da esposa e ela é "emi" (= filha classificatória) do marido. Ambos são, também, "etü" e "emerim-

pö". Embora o casal não pertença, nominalmente, à linhagem Pexúra/ Marítü, liga-se a ela pela mãe da esposa, Ekêimafö, que era filha de Marítü e Xokófö.

15. *Aréra - Pêi* (Fig. 28)

Casamento entre afins (?). Lámpi era irmão de Xokófö por parte da mãe. Por sua vez, Lámpi tinha um irmão por parte de seu pai, Marúfö, sem ser este, porém, irmão da Xokófö. Casaram-se Pêi (filha

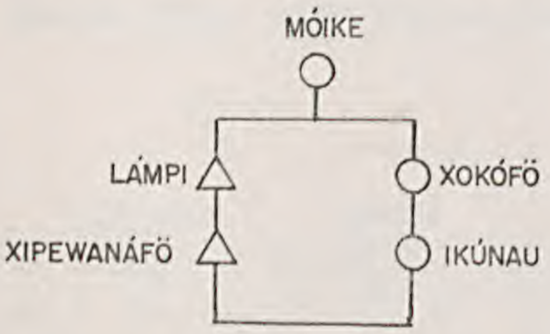


Fig. 23

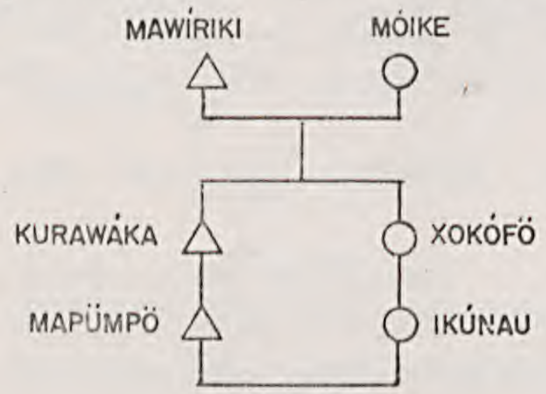


Fig. 24

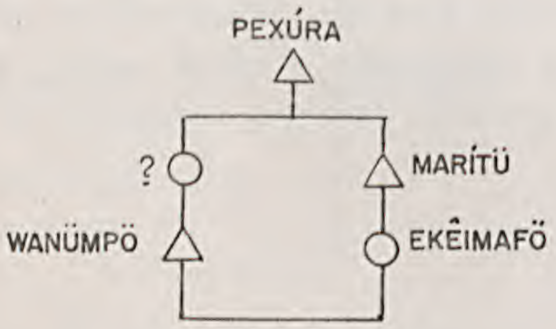


Fig. 25

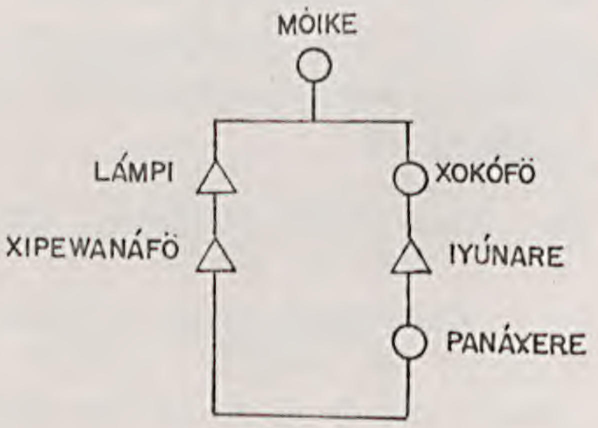


Fig. 26

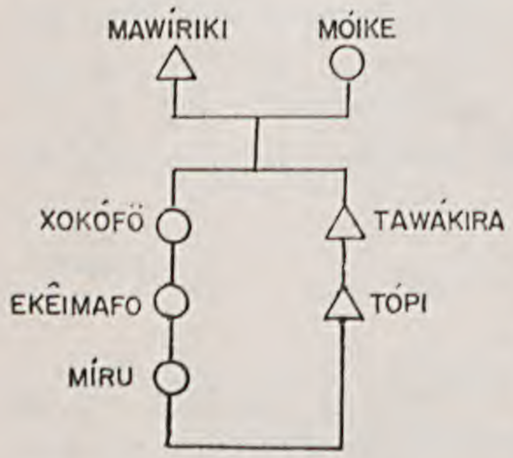


Fig. 27

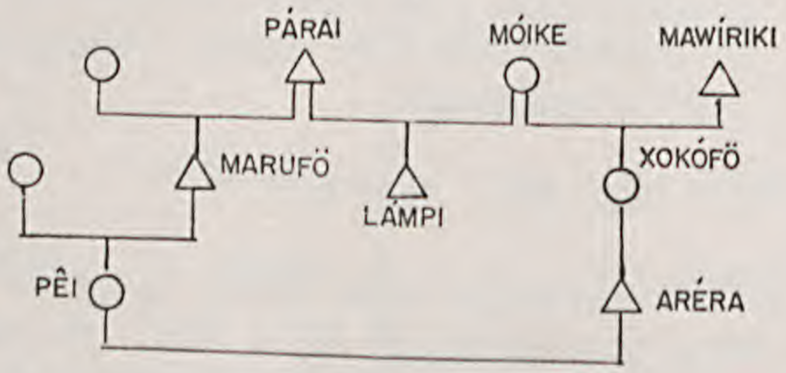


Fig. 28

de Marúfö) com Aréra, filho de Xokófö. A explicação do parentesco classificatório pelos Tiriyó não é unânime. Alguns acham que, sendo Marúfö irmão do Lámpi e este irmão da Xokófö, Marúfö também deve valer como irmão da Xokófö. Neste sentido, trata-se-ia de um casamento entre primos cruzados ou ,no sistema classificatório Tiriyó, de um casamento entre "emi" (filha classificatória) e "muku" (= filho classificatório). Ambos também eram "etü" e "emerimpö". Achamos razoável o raciocínio dos Tiriyó a respeito deste parentesco. Contudo, outras pessoas da família, especialmente as mulheres, discordaram.

À base do que foi exposto, podemos compilar uma lista/tabela sobre os tipos de parentesco consanguíneo e classificatório nos casamentos da "linhagem" Prôyana.

Nomes	Parentesco "descritivo"	Parentesco classificatório Tiriyó	
		especificado	generalizado ("casabilidade")
1. Apêyá-Irúhte	primos paralelos	piko-wöri	emerimpö
2. Apêyá-Xúye	primos "cruzados"	etü-emi	etü-emerimpö
3. Apêyá-Püyêifo	tio(paterno) - sobrinha	pako-emi	—
4. Iyúnare-Karína	primos "cruzados"	muku-emi	etü-emerimpö
5. Iyúnare-Kawárü	primos "cruzados"	etü-emi	etü-emerimpö
6. Iyúnare-Paxéfö	primos "cruzados"	etü-emi	etü-emerimpö
7. Iyúnare-Méheri	tio(materno) - sobrinha	etü-emi	etü-emerimpö
8. Apé-Pepáhte	primos "cruzados"	muku-emi	etü-emerimpö
9. Naxáu-Wáneu	primos "cruzados"	muku-emi	etü-emerimpö
10. Ikúnau-Xipewanáfö	primos "cruzados"	muku-mãko	etü-emerimpö
11. Ikúnau-Mapümpö	primos "cruzados"	muku-mãko	etü-emerimpö
12. Ekêimafö-Wanümpö	primos "cruzados"	muku-emi	etü-emerimpö
13. Xipewanáfoö-Panáxere	primos "cruzados"	etü-emi	etü-emerimpö
14. Tópi-Míru	primos "cruzados"	etü-emi	etü-emerimpö
15. Aréra-Pêi	primos (?); afins (?)	etü-emi	etü-emerimpö

Nota-se que, além da classificação especificada, as condições de etü-emerimpö foram expressamente declaradas em 13 casos e num só caso a da mulher como emerimpö. Isto confirma, novamente, o conceito que fazemos dos termos "etü" e "emerimpö", principalmente como expressão das condições de "casabilidade" entre parentes consanguíneos e afins.

Do resumo da lista apresentada resultam os dados indicados na pág. 53.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

APÊNDICE II

CASOS DE POSSÍVEL ESTERILIDADE

Especificação	Faixa Etária	Sexo	NOTAS
a	15-19	um homem	Caso de possível "retardamento sexual" com suposta impotência ou esterilidade. O rapaz era casado com uma jovem (15-19 anos) que dele se separou por causa disso. Ela ficou grávida de outro marido. Do rapaz se diz que se teria recuperado da impotência e provavelmente da suposta esterilidade, pois a ele é imputado um filho do seu novo casamento. Contudo, preferimos não computá-lo como estéril na Tab. 14, considerando o caso como muito duvidoso.
b	20-24	uma mulher	Teve, até agora, somente 2 abortos, ambos do sexo masculino, sem ter tido nenhum filho nascido vivo.
c	20-24	uma mulher	Teve, até agora, somente um caso de aborto cujo sexo não foi identificado, sem ter tido nenhum filho nascido vivo.
d	20-24	uma mulher	Teve, até agora, somente um aborto do sexo masculino, sem ter tido nenhum filho nascido vivo.
e	20-24	um homem	Há mais de 6 anos casado sem, até agora, ter tido descendentes desse seu único casamento, embora a mulher tenha um fliho do matrimônio anterior.
f	25-29	um homem	Casado pela segunda vez, mas não tem descendentes nem com a primeira nem com a segunda mulher, embora esta última tenha filhos de matrimônios anteriores.
g	30-34	uma mulher	Casada pela segunda vez, mas nunca teve filhos. O primeiro marido (letra n), também seria estéril, enquanto o segundo tem filhos com outras mulheres.
h	30-34	uma mulher	É viúva; nunca teve filhos.
i	35-39	um homem	Casado pela segunda vez, mas nunca teve descendentes, nem com a primeira nem com a segunda mulher. Ambas as mulheres tiveram filhos de outros casamentos : a primeira depois da separação e a segunda do matrimônio anterior. Quando rapaz, perdeu uma perna por mordidura de cobra.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

Especifi-cação	Faixa Etária	Sexo	NOTAS
j	35-39	um homem	Casado pela segunda vez, mas nunca teve descendentes, nem com a primeira, nem com a segunda mulher. A segunda mulher teve filhos de casamentos anteriores.
k	35-39	um homem	Casado pela segunda vez, mas nunca teve descendentes, nem com a primeira nem com a segunda mulher.
l	40-44	um homem	Casado pela terceira vez, mas nunca teve descendentes, nem com a primeira, nem com a segunda, nem com a terceira mulher. Duas dessas mulheres, a segunda e a terceira, tiveram filhos de outros casamentos.
m	55-59	um homem	Casado pela segunda vez, mas nunca teve descendentes nem com a primeira nem com a segunda mulher. As duas mulheres, no entanto, tiveram filhos com outros maridos.
n	60-64	um homem	Casado pela segunda vez, mas nunca teve filhos nem com a primeira, nem com a segunda mulher. A segunda mulher teve um filho de casamento anterior.

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGUIAR, BRAZ DIAS DE

1943 — *Nas Fronteiras da Venezuela e Guianas Britânica e Neerlandeza*. Rio de Janeiro. [Separata dos Anais do 9º Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1940. 182 p., il.].

ARNAUD, EXPEDITO

1967 — "Grupos Tupí do Tocantins". In : SIMPÓSIO SÔBRE A BIOTA AMAZÔNICA, Belém, 1966. *Atas*..., H. Lent, *ed*. Rio de Janeiro, CNPq., 1967. v. 2 : Antropologia, p. 57-68.

ASSOCIACION COLOMBIANA DE FACULDADES DE MEDICINA. Division de Estudos de Poblacion.

[s.d] — *Introducción à la Dinámica de Población; Información Demográfica Básica*. Bogotá, 79 p.

COUDREAU, O.

1901 — *Voyage ou Cuminá*. Paris, A. Lahure. 190 p., il., 17 mapas.

CRULS, GASTÃO

1930 — *A Amazônia que eu vi*. Rio de Janeiro, [s.d.], 362 p., il.

DERBYSHIRE, DESMOND

1961 — Notas comparativas sôbre três dialetos Karib. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropologia, 14, 10 p.

FRIKEL, PROTÁSIO

1957 — Zur linguistisch-ethnologischen Gliederung der Indianerstaemme von Nord-Pará (Brazilien) und den anliegenden Gebieten. *Anthropos*, Wien, 52 : 509-63.

1958 — Classificação linguístico-etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes. *R. Antropol.*, São Paulo, 6 (2) : 138-88, mapa.

1960 — Os Tiriyó (Notas Preliminares). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropologia, 9, 19 p., il.

1966 — Os últimos Káhyana. *R. Inst. Est. Brasil.*, São Paulo, 1(1) : 7-34, il.

1970 — Os Kaxúyana (Notas Etno-Históricas). *Pub. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 14 : 5-82, 6 est.

GALVÃO, EDUARDO

1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil : 1900-1959. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropologia, 8, 41 p., mapa.

GILLIN, JOHN

1948 — "Tribes of the Guianas and the left Amazon tributaries". In : Handbook of South American Indian. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143(3) : 763-880, il.

GOEJE, C. H. DE

1906 — Bijdrage tot de Ethnographie der Surinaamsche Indianen. [*Supplement zu Internationales Archiv für Ethographie,* Leiden, 17 : 1-118].

1943 — *Neolithische Indianen in Suriname* (Met gegevens de Expeditio Ahlbrinck, 1938). Leiden, E. J. Brill, p. 334-74 est., mapa.

GOOD, W. J. & HATT, P. K.

1960 — *Métodos em pesquisa social.* São Paulo, Ed. Nacional, 492 p.

LOMBARD, J.

1928 — Recherches sur les tribus indiennes qui occupaient le territoire de la Guyane Française vers 1730. (D'aprés les documents de l'epoque). *Journal de la Societé des Americanistes,* Paris, n. sér. 20 : 121-155.

LUGON, C.

1968 — *A República comunista cristã dos Guaranís (1610-1768).* Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 353 p., 1 mapa.

OLIVEIRA, ADÉLIA MARIA ENGRÁCIA GAMA DE

1969 — *Os índios Juruna do alto Xingu.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. São Paulo. [Inédito].

OLIVEIRA, ADÉLIA ENGRÁCIA DE & SALZANO, F. F.

1969 — Genetic implications of the demography of Brazilian Juruna Indians. *Social Biology,* Chicago, 16 (3) : 209-15.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, 7, 1960

1967 — *Censo demográfico de 1960. Acre-Amazonas-Pará.* Rio de Janeiro, IBGE. (Série regional v. 1, t. 2).

RIBEIRO, DARCY

1956 — Convívio e Contaminação. *Rev. Sociologia,* São Paulo, 1 : 3-50.

RONDON, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA

1953 — *Indios do Brasil do Norte do rio Amazonas.* Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, v. 3, 370 p., il.

SALZANO, FRANCISCO MAURO

1961 — *Estudos genéticos e demográficos entre os índios do Rio Grande do Sul.* Pôrto Alegre, Inst. Ciências Naturais, 9, 161 p.

SALZANO, FRANCISCO MAURO & FREIRE-MAIA, N.

1967 — *Populações brasileiras; aspectos demográficos, genéticos e antropológicos.* São Paulo, Ed. Nacional e Ed. Univ. de São Paulo, 177 p.

SCHMIDT, LODEWIJK

1942 — Verslag van drie Reizen naar de Bovenlandsche Indianen. *Bull. Department Landbouwproefstation,* Suriname, 58 : 1-61, mapa.

SCHOMBURGK, RICHARD

1848 — *Reisen in Britisch-Guiana in den Jahren 1840-1844.* Leipzig, J. J. Weber. v. 2.

a) Tipo Kaxúyana/Waríkyana do igarapé Yaskuri-Ambrósio. *b*) Moço Kaxúyana do rio Kaxúru (Cachorro).

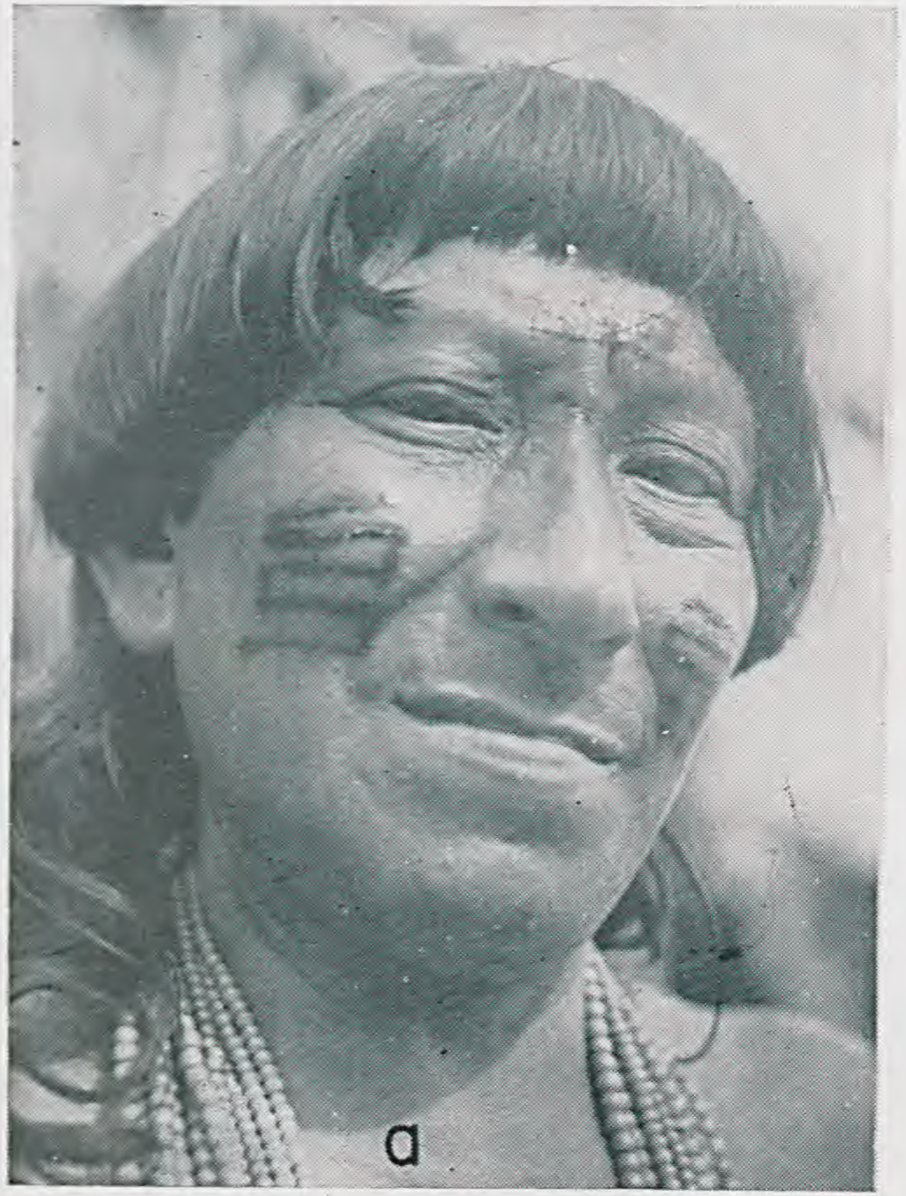
SciELO

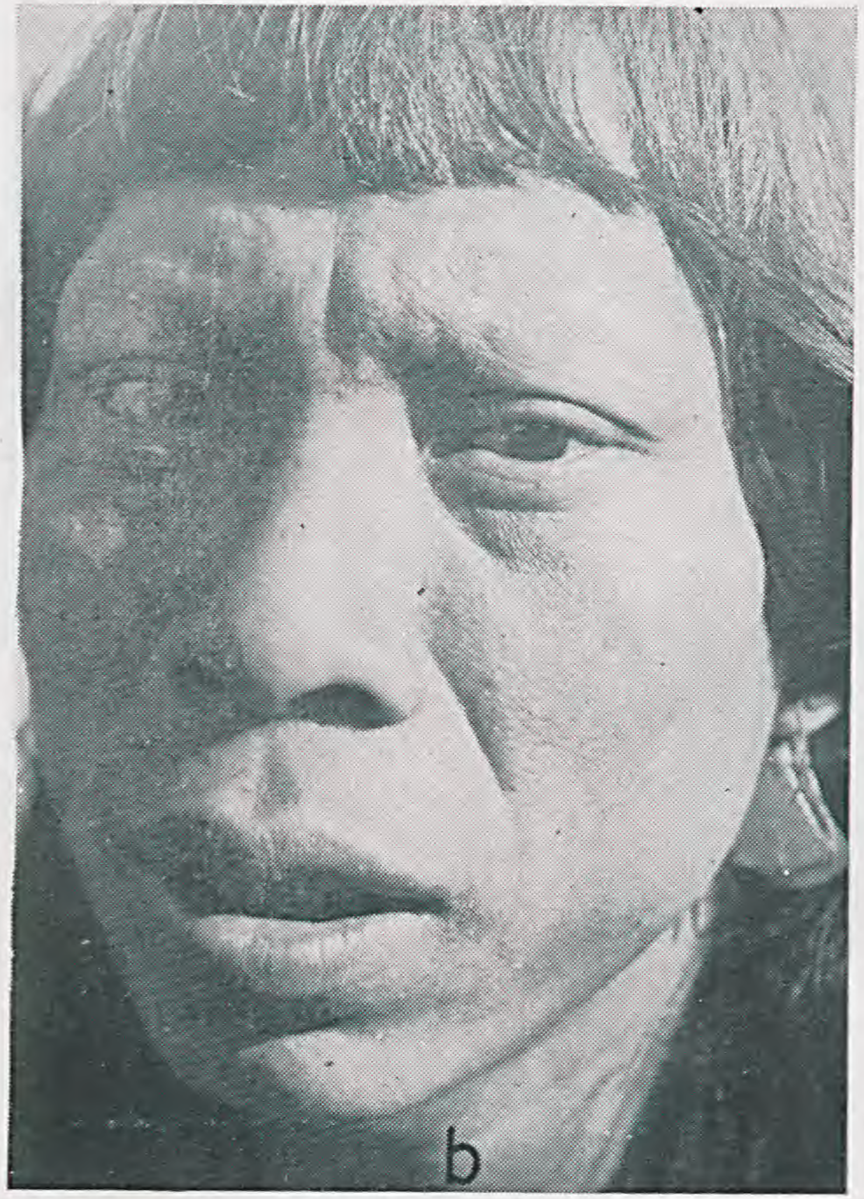
a) Família Kaxúyana (descendência do homem :. mesclagem de Kaxúyana com Tiriyó-Prope, em segunda geração) *b*) Rapaz Kaxúyana, oriundo do rio Cachorrinho (Xôrôwáhô).

a) Cafuzas em primeira geração (pai = negro; mãe = índia Kaxúyana).
b) Família poligínica Tiriyó (4 mulheres com 11 filhos).

SciELO

Tipos de crianças: *a*) Tiriyó-Prôyana; *b*) Tiriyó-Maraxó.





a) Mulher Tiriyó-Prôyana (tipo pícnico, de têz escura). *b*) Homem Tiriyó-Aramayana (do mesmo tipo somático).

a) Mulher Prope (tipo claro, esbelto). *b*) Iyúnare, chefe do grupo Prôyana-Aibüba (tipo alto-escuro).

SciELO

oLivro [illegible]

mino [illegible]

SciELO